UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

TALITA EWALD WUERGES

A Aquisição da Morfologia Verbal por Crianças Falantes de
Português Brasileiro e o Uso de Formas Variantes

Versão Corrigida

São Paulo

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA

**A Aquisição da Morfologia Verbal por Crianças Falantes
de Português Brasileiro e o Uso de Formas Variantes**

Talita Ewald Wuerges

Versão Corrigida

De acordo:
Prof. Dra. Elaine Bicudo Grolla

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Semiótica e Linguística
Geral do Departamento de Linguística da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo,
para a obtenção do título de Mestre em
Letras.

Orientador: Profa. Dra. Elaine
Bicudo Grolla

v.1

São Paulo
2014

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial aos meus pais, Ademar e Odete, por sempre acreditarem em mim e em meus sonhos, mesmo que muitas vezes eles parecessem impossíveis;

Ao Allan, meu namorado e melhor amigo, com quem dividi diariamente minhas angústias e alegrias desta jornada;

Aos meus amigos, por compreenderem minha ausência nestes anos, em especial a Cris Estevão, que em meus momentos de desânimo e de desespero, convenceu-me de que daria tudo certo;

À Prof^a. Dr^a. Elaine Bicudo Grolla, minha orientadora, por ter acreditado em meu projeto e em meu potencial e por todo o conhecimento que me passou durante o mestrado;

À Prof^a. Dr^a. Raquel Santana Santos, por ceder os dados de seu projeto para que esta pesquisa se tornasse possível;

Aos membros da banca de defesa desta dissertação, Prof^a. Dr^a. Ana Paula Scher e Prof^a. Dr^a. Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes, por dedicarem tempo e atenção ao meu trabalho;

Aos membros da banca exame de qualificação, Prof^a. Dr^a. Ana Paula Scher e Prof^a. Dr^a. Raquel Santana Santos, pelas críticas e sugestões fundamentais para a escrita desta dissertação;

Aos professores e funcionários da Universidade de São Paulo que contribuíram, em sala de aula ou fora dela, para esta pesquisa e para minha formação acadêmica e pessoal;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo período em que recebi bolsa de mestrado para auxiliar a realização desta pesquisa;

A todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para que esta dissertação se tornasse realidade, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho se dedica à aquisição de morfologia verbal (flexão verbal) por crianças monolíngues adquirindo português brasileiro. O objetivo desta pesquisa é investigar o comportamento de crianças e para isso analisamos a produção verbal espontânea de cinco crianças entre 1;6 e 4;0 anos de idade, falantes nativas de português brasileiro, analisando especialmente o papel da frequência na aquisição dos verbos. No que diz respeito à influência da frequência na aquisição, adotaremos o modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002), elaborado para prever o comportamento de crianças adquirindo o sistema verbal do inglês através da frequência das classes no *input* da criança. As classes são determinadas por suas regras de formação e quanto maior a classe e o uso da regra regular ou irregular, maior será a taxa de uso correto. O corpus da pesquisa corresponde a 156 sessões de fala espontânea de crianças, gerando um total de 16490 formas verbais produzidas. As formas verbais foram classificadas entre regulares e irregulares e entre formas produzidas de acordo com a norma padrão e formas morfollogicamente variantes. A partir dessa classificação, analisamos os dados, destacando os padrões que emergem e a frequência com que as formas verbais são produzidas. Encontramos em nossos dados um baixo número de produções inesperadas: apenas 0,5% das ocorrências, sendo que dessas apenas 0,1% correspondem a formas morfollogicamente variantes. Isso significa que, apesar de a linguagem estar em desenvolvimento, as crianças possuem uma excelente performance linguística e são, desde muito novas, capazes de flexionar os verbos de forma satisfatória. Através de nossos dados obtivemos indícios de que não existe uma classe verbal *default* no português brasileiro infantil e podemos concluir que a frequência das classes parece estar diretamente relacionada à aquisição da forma verbal e ao bom desempenho das crianças adquirindo português brasileiro.

ABSTRACT

This work is dedicated to the acquisition of verbal morphology (verbal inflection) by monolingual children acquiring Brazilian Portuguese. The aim of this study is to describe the acquisition of verbal morphology in Brazilian Portuguese, using data from 5 children acquiring Brazilian Portuguese between the ages of 1;6 and 4;0, especially analyzing the role of frequency in the acquisition of verbs. Regarding to the influence of frequency in the acquisition, we will adopt the *Rules and Competition* (YANG, 2002) model, designed to predict the behavior of children acquiring the verbal system of English through the frequency of the verbal classes in the input of the child. The verbal classes are determined by their rules and the bigger the class and the use of a specific regular or irregular pattern, the bigger will be the correct usage rate. The data is comprised of 156 sessions and 16490 inflected verbs. We classified the verbal forms between regular and irregular forms and between verbal forms produced according to the standard norm and morphologically variant verbal forms. From this classification, we analyzed data, pointing out the patterns that emerge, and the frequency with which the verb forms were produced. Our data showed a small number of unexpected productions: only 0,5% of children's total production, and, from these, only 0.1% were morphologically variant forms. This means that, although the language is in development, children have an excellent linguistic performance and are, from very young, able to flex verbs satisfactorily. Through our data we got evidence that there is no default verbal class in Brazilian Portuguese children's speech and we can conclude that the frequency of the classes seems to be directly related to the acquisition of verbal and to the performance of children acquiring Brazilian Portuguese.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Surgimento das Formas Flexionadas nas Gravações	17
Tabela 2 – Classes Verbais Irregulares	34
Tabela 3 – Classe Verbal Irregular [-t & Rime → a]	34
Tabela 4 – Comparação de Performance com Frequências Semelhantes.....	35
Tabela 5 – Comparação de Performance com Frequências Diferentes	35
Tabela 6 – Classes Irregulares da 1ª Pessoa do Singular do Presente do Indicativo	49
Tabela 7 – Classes Irregulares da 3ª Pessoa do Singular do Presente do Indicativo	49
Tabela 8 – Classes Irregulares da 1ª Pessoa do Plural do Presente do Indicativo	50
Tabela 9 – Classes Irregulares da 3ª Pessoa do Plural do Presente do Indicativo	50
Tabela 10 – Classes Irregulares da 1ª Pessoa do Singular do Pretérito Perfeito	50
Tabela 11 – Classes Irregulares da 3ª Pessoa do Singular do Pretérito Perfeito.....	50
Tabela 12 – Classes Irregulares da 3ª Pessoa do Plural do Pretérito Perfeito.....	51
Tabela 13 – Classes Irregulares da 3ª Pessoa do Singular do Pretérito Imperfeito	51
Tabela 14 – Classes Irregulares da 3ª Pessoa do Singular do Presente do Subjuntivo.....	51
Tabela 15 – Classes Irregulares da 1ª Pessoa do Singular do Futuro do Subjuntivo.....	51
Tabela 16 – Classes Irregulares da 3ª Pessoa do Singular do Futuro do Subjuntivo.....	51
Tabela 17 – Distribuição de Sessões para Todas as Crianças	58
Tabela 18 – Distribuição de Sessões e de Verbos da Criança Ar.....	59
Tabela 19 – Distribuição de Sessões e de Verbos da Criança Lu	60
Tabela 20 – Distribuição de Sessões e de Verbos da Criança Lz.....	61
Tabela 21 – Distribuição de Sessões e de Verbos da Criança Mc	62
Tabela 22 – Distribuição de Sessões e de Verbos da Criança Ni.....	62
Tabela 23 – Totais de Produção Verbal das Crianças	65
Tabela 24 – Formas Morfologicamente Variantes Regulares de Ar	67
Tabela 25 – Formas Morfologicamente Variantes Irregulares de Ar.....	67
Tabela 26 – Padrões de Troca de Número ou Pessoa da criança Ar	76
Tabela 27 – Taxa de Uso Correto de Ar.....	77
Tabela 28 – Formas Morfologicamente Variantes de Lu	78
Tabela 29 – Padrões de Troca de Número ou Pessoa da criança Lu	86
Tabela 30 – Taxa de Uso Correto de Lu	87
Tabela 31 – Formas Morfologicamente Variantes Regulares de Lz	88

Tabela 32 – Formas Morfologicamente Variantes Irregulares de Lz.....	88
Tabela 33 – Padrões de Troca de Número ou Pessoa da criança Lz.....	95
Tabela 34 – Taxa de Uso Correto de Lz	96
Tabela 35 – Formas Morfologicamente Variantes de Mc	97
Tabela 36 – Padrões de Troca de Número ou Pessoa da criança Mc.....	101
Tabela 37 – Taxa de Uso Correto de Mc	102
Tabela 38 – Formas Morfologicamente Variantes de Ni	103
Tabela 39 – Padrões de Troca de Número ou Pessoa da criança Ni	105
Tabela 40 – Taxa de Uso Correto de Ni.....	105
Tabela 41 – Formas Verbais do PB Infantil Agrupadas por Classes.....	107
Tabela 42 – Formas Morfologicamente Variantes de Ar	112
Tabela 43 – Formas Morfologicamente Variantes de Lu	113
Tabela 44 – Formas Morfologicamente Variantes de Lz	114
Tabela 45 – Formas Morfologicamente Variantes de Mc	115
Tabela 46 – Formas Morfologicamente Variantes de Ni	115
Tabela 47 – Surgimento das Formas Flexionadas em Nossos Dados.....	117
Tabela 48 – Surgimento das Formas Flexionadas nas Gravações de Santos e Scarpa (2003)	118
Tabela 49 – Taxas de Uso Correto para os Verbos Irregulares do Português e do Inglês..	119
Tabela 50 – Número de Ocorrências das Formas Verbais Infantis.....	144

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. ESTUDOS ANTERIORES SOBRE A AQUISIÇÃO DE MORFOLOGIA VERBAL... 13	
2.1 ESTUDOS ANTERIORES SOBRE A AQUISIÇÃO DE MORFOLOGIA VERBAL EM OUTRAS LÍNGUAS	13
2.2 ESTUDOS ANTERIORES SOBRE A AQUISIÇÃO DE MORFOLOGIA VERBAL EM PB.....	15
3. O PAPEL DA FREQUÊNCIA NA AQUISIÇÃO DE VERBOS.....	23
3.1 RULES AND COMPETITION: UM MODELO DE AQUISIÇÃO DE FLEXÃO VERBAL	26
3.2 OS DADOS DE YANG (2002).....	32
4. AS CLASSES VERBAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	37
4.1 AS CLASSES VERBAIS	43
4.1.1 As Classes Verbais Regulares.....	43
4.1.2 As Classes Verbais Irregulares	48
4.2 O MODELO RULES AND COMPETITION E AS CLASSES VERBAIS DO PB.....	52
5. OS DADOS	55
5.1 PREVISÕES	56
5.2 CORPUS LINGUÍSTICO.....	57
5.2.1 Materiais.....	63
5.3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	65
5.3.1 Dados da Criança Ar	66
5.3.2 Dados da Criança Lu.....	78
5.3.3 Dados da Criança Lz	87
5.3.4 Dados da Criança Ni	102
5.4 O PAPEL DA FREQUÊNCIA DAS CLASSES NA AQUISIÇÃO DO PB	106
5.5 OUTRAS DISCUSSÕES	116
5.6 CONCLUSÕES	120
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERENCIAS	127
APÊNDICE A.....	130
APÊNDICE B.....	144

1.INTRODUÇÃO

A aquisição da linguagem é uma instigante área da linguística, que se debruça sobre o desenvolvimento da linguagem das crianças e os processos envolvidos na aquisição de língua materna. A aquisição da língua materna é um processo natural, que ocorre praticamente sem falhas, sem ensinamento explícito (como acontece com a leitura e a escrita) e de forma bastante rápida: antes mesmo de aprender a se vestir ou a comer sozinha, a criança normalmente já domina satisfatoriamente o complexo sistema de regras que é uma língua. Chomsky (1998) compara a aquisição de uma língua com o crescimento dos órgãos, já que a criança não possui um papel de agente ativo na aquisição – a aquisição *acontece* com a criança exposta a uma língua.

O presente estudo propõe, a partir de dados de fala de cinco crianças entre 1;6 e 4;0 anos, a descrição e a análise do processo de aquisição de morfologia verbal do Português Brasileiro. Discutir como ocorre a aquisição da linguagem, porém, requer um debate prévio em relação à natureza da aquisição de uma língua, ou seja, que mecanismos cognitivos assumimos que estão envolvidos no processo, o que precisa ser aprendido pela criança, que tipos de estímulos são necessários para que uma criança adquira a língua-alvo com sucesso em tão pouco tempo e como se desenvolve, normalmente, a aquisição da linguagem.

Assumimos, a partir de Chomsky (1975), que as crianças nascem com conhecimento inato em relação à linguagem, o Dispositivo de Aquisição de Linguagem (doravante DAL, do inglês *Language Acquisition Device*). Segundo Chomsky (1997), o DAL é um componente do sistema de estruturas intelectuais. De acordo com a visão racionalista e inatista, o principal mecanismo do DAL é a Gramática Universal (doravante GU, do inglês *Universal Grammar*), que corresponde a um sistema de princípios da(s) língua(s) que precede a aquisição de uma língua particular. A GU é, nesta visão, o estado inicial da faculdade da linguagem e, portanto, inata. A aquisição de linguagem é resultado da atuação do DAL na presença da experiência linguística (*input* linguístico a que a criança é exposta).

Chomsky (1988) argumenta que o *input* a que as crianças são expostas não é suficiente para a aquisição da linguagem, já que os dados linguísticos que elas recebem são normalmente limitados e incompletos. O autor chama esta questão de *Problema de Platão*, fazendo referência à resposta que Platão deu ao problema colocado por Sócrates no diálogo com Mênon¹: Sócrates demonstrou que um garoto sem instruções conhece os princípios da geometria e é capaz de responder questões que requerem os teoremas da geometria. Platão propôs que o conhecimento é lembrado de uma existência anterior, despertado, no caso do garoto, pelos questionamentos de Sócrates.

A existência de um dispositivo inato para a linguagem também é capaz de explicar como as crianças – e os adultos – entendem e produzem estruturas diferentes daquelas que elas já ouviram, fato que Chomsky (1988, p. 5) chama de “aspecto criativo do uso da linguagem”. A GU é uma predisposição natural para a aquisição da linguagem, composta por princípios (fixos) e parâmetros (variáveis entre as línguas), que, através da experiência linguística, torna possível a aquisição de uma língua e das suas possibilidades (sintáticas, morfológicas, fonológicas, etc.) sem a necessidade de exposição a todas estas possibilidades.

Noam Chomsky (1975) foi bastante categórico ao defender que, independente do modelo que se adote, é impossível conceber que a linguagem pode ser adquirida sem qualquer conhecimento inato, afirmando que

parece evidente que a aquisição da linguagem se baseia na descoberta pela criança daquilo que, de um ponto de vista formal, constitui uma teoria profunda e abstrata – uma gramática gerativa da sua língua – da qual muitos dos conceitos e princípios se encontram apenas remotamente relacionados com a experiência através de cadeias longas e complexas de etapas inconscientes e de natureza quase dedutiva. Considerações acerca da natureza da gramática que é adquirida, da qualidade inferior e da extensão extremamente limitada dos dados à disposição do sujeito, da uniformidade surpreendente das gramáticas resultantes, e da sua independência relativamente à inteligência, à motivação, e à situação emocional, sobre grandes extensões de variação possível, essas considerações não permitem pensar que uma grande parte da estrutura da linguagem possa ser aprendida por um organismo não informado inicialmente sobre a sua natureza geral. (CHOMSKY, 1975, p. 141)

Tendo em vista os argumentos expostos, adotaremos uma concepção racionalista e inatista da linguagem, considerando que as crianças possuem um dispositivo inato e geneticamente determinado (o DAL), que possibilita a aquisição de linguagem quando

1 PLATÃO. Dialogos: Menon, banquete, Fedro. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1954. 280p.

expostas ao estímulo linguístico (o *input*).

Para além de observar o desenvolvimento da linguagem de crianças, o estudo da aquisição de linguagem também é relevante para aprofundar a análise da língua adulta e de seu funcionamento, já que o entendimento de como as estruturas gramaticais são adquiridas torna mais claros os processos linguísticos envolvidos na compreensão e na produção de linguagem por um adulto. Entender como se dá a aquisição dos verbos, por exemplo, amplia o entendimento de como os verbos de uma língua são gerados.

Como mencionamos no início deste capítulo, este estudo tem como objetivo a descrição e a análise da aquisição de morfologia verbal do português brasileiro, o que será feito através dos dados de fala espontânea de cinco crianças. Um dos focos de nossas observações será qual o papel da frequência na aquisição das formas verbais; adotaremos, para tanto, o modelo *Rules and Competition*, desenvolvido por Charles Yang (2002)², que prevê a aquisição de verbos através das taxas de frequência das formas e das classes verbais. Como o modelo de Yang (2002) foi desenvolvido com base no sistema verbal do inglês, desenvolveremos as devidas adaptações para a análise de nossos dados do PB.

O modelo tem como objetivo prever o comportamento de crianças adquirindo verbos regulares e irregulares. Yang (2002) analisou crianças adquirindo inglês como língua materna e afirma que a taxa de uso correto de uma determinada forma é diretamente relacionada à frequência com que a forma é apresentada no *input* da criança e também diretamente relacionada à frequência com que todas as formas que pertencem à mesma classe do verbo em questão é apresentada no *input*. Segundo o modelo, os verbos de uma língua formam classes que são determinadas pelas suas regras de formação de passado. Assim, Yang (2002) coloca que o inglês tem seu sistema verbal dividido em uma grande classe de verbos regulares (cuja regra “adicionar o sufixo *-d* ao radical” é a *default* da língua) e outras classes irregulares com regras fonológicas como “[Sufixação *-t* & Encurtamento de Vogal]” (que se aplica em verbos como “*lose*” e “*deal*”, formando “*lost*” e “*dealt*”, respectivamente).

A frequência com que uma forma é apresentada no *input* da criança é importante para a aquisição da forma porque, segundo Yang (2002), cada vez que a forma é acionada, a probabilidade de a forma ser analisada como pertencendo à classe correta aumenta. Já a frequência da classe no *input* é importante porque cada vez que a regra é acionada (ou seja,

2 O modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002) será devidamente apresentado no capítulo 3 deste trabalho, juntamente com as justificativas para a sua adoção.

uma forma da classe é ouvida), a probabilidade de a regra R (regra fonológica da classe) ser aplicada corretamente aumenta.

Esta pesquisa tem como objetivo central analisar a produção de formas verbais regulares e irregulares de crianças brasileiras falantes nativas de Português Brasileiro (doravante PB), a fim de verificar as propriedades morfológicas dos verbos do PB infantil e qual é a influência que a frequência de uso e do *input* exercem na aquisição dos verbos, verificando se, conforme postula o modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002), a frequência da forma verbal e da classe a que ela pertence são determinantes para o desempenho das crianças (ou seja, se quanto maior a frequência com que uma forma e a regra da forma são usadas, maior é a taxa de uso correto da forma).

Para tanto, coletamos dados espontâneos de cinco crianças de 1;6 a 4;0 anos adquirindo o português brasileiro como língua materna, analisamos cada um dos verbos produzidos, formulando uma classificação para tais verbos (de acordo com a descrição teórica de Yang (2002)), analisamos as produções das crianças, classificando-as em relação à produção (separando entre formas esperadas e formas inesperadas³) e descrevemos as produções inesperadas, a fim de observarmos os processos morfológicos realizados pelas crianças. Por fim, observamos em que medida a frequência de um verbo particular e a frequência de sua classe no *input* são determinantes para prever as taxas de uso correto das formas verbais regulares e irregulares, e comparamos a produção verbal das crianças por nós observadas com crianças analisadas em outros estudos.

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos: O segundo capítulo é dedicado à revisão de alguns estudos sobre aquisição de verbos em outras línguas, seguida por uma revisão da literatura relacionada à aquisição de verbos por crianças monolíngues falantes de PB. O terceiro capítulo apresenta o modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002), adotado por nós neste estudo, bem como as devidas justificativas para a adoção do modelo teórico. O quarto capítulo traz uma descrição da morfologia verbal do PB e apresenta as classes verbais do PB, criadas por nós com base na descrição teórica do modelo de Yang

3 *Forma inesperada* é o termo que utilizaremos para uma forma de qualquer modo que não o esperado pela norma padrão da língua. Dentro do conjunto das formas inesperadas temos um subconjunto de “Formas Morfollogicamente Variantes” (FMV), formado apenas pelas formas que são resultado da aplicação de uma regra errada, excluindo-se as formas que são resultado de falhas na seleção de traços semânticos formais (pessoa, número, gênero, tempo, modo, etc.). Assim, todas as formas que não foram produzidas conforme o posto pela gramática normativa serão chamadas de formas inesperadas, mas apenas as regularizações, irregularizações, trocas de classe e outras formas geradas pela aplicação de uma regra incorreta serão chamadas de formas morfollogicamente variantes. (Ver seção 5.2 para detalhes da classificação das formas.)

(2002). O quinto capítulo apresentará as nossas previsões, a metodologia da pesquisa, os dados das cinco crianças observadas e a análise dos dados. Finalmente, o sexto capítulo traz à tona as devidas discussões e conclusões que deste trabalho provêm.

Em nossos dados e em nossas conclusões veremos que a frequência da classe verbal, assim como a frequência da forma verbal, parece estar diretamente relacionada à aquisição de verbos regulares e irregulares e, conseqüentemente, ao melhor desempenho na produção de formas verbais das crianças adquirindo PB.

2. ESTUDOS ANTERIORES SOBRE A AQUISIÇÃO DE MORFOLOGIA VERBAL

Como já expusemos no primeiro capítulo do presente trabalho, podemos afirmar que o processo de aquisição de uma língua por uma criança começa bem antes da enunciação da sua primeira palavra, já que é através da exposição à língua que a criança começa a obter as informações necessárias para futuramente ser capaz de fazer uso efetivo da linguagem. Como destacam Lorandi e Lamprecht (2008), é a partir do contínuo da fala que a criança depreende as pistas fonético-fonológicas que permitem que ela faça a segmentação e perceba onde começam e terminam as palavras e frases, bem como conheça as restrições de sua língua.

Já por volta dos 12 meses de vida de uma criança surge a primeira palavra, mas, como observa Andersen (2008), durante os primeiros meses o léxico da criança ainda é muito pequeno, sendo que é só por volta dos 20 meses que ocorre a explosão lexical, quando o vocabulário aumenta para (aproximadamente) cinquenta palavras. Neste período a aquisição das palavras pode chegar a oito novas palavras novas por semana. A autora observa que também por volta dos 20 meses começa a aumentar a proporção de uso de verbos nos enunciados infantis, que até o momento é predominantemente composto por substantivos.

2.1 ESTUDOS ANTERIORES SOBRE A AQUISIÇÃO DE MORFOLOGIA VERBAL EM OUTRAS LÍNGUAS

Clahsen, Aveledo e Roca (2002) observaram a aquisição de verbos regulares e irregulares do espanhol, através de 64 amostras de fala espontânea de 15 crianças entre 1;7 e 4;7 aos, buscando explicar o processamento morfológico dos verbos do espanhol. Os autores obtiveram 3446 entradas corretas de verbos irregulares, 2071 entradas corretas de verbos regulares e 174 entradas incorretas de verbos, sendo 168 ocorrências em verbos irregulares (falha na formação do radical ou do sufixo – taxa de uso correto: 95,3%) contra 6 ocorrências de divergências da produção em verbos regulares (taxa de uso correto:

99,7%).

Clahsen, Aveledo e Roca (2002) destacam que as crianças produziram 116 ocorrências de regularizações de formas verbais irregulares contra apenas uma irregularização de forma verbal regular (irregularização do radical de “*caí*” em “*cayí*” (Koki – 2;1)). Os autores concluem, através da diferença entre a produção de regularizações e irregularizações, que existe uma enorme distinção entre verbos regulares e irregulares no espanhol. Tendo em vista a similaridade entre os sistemas verbais do espanhol e do português, esperamos encontrar dados semelhantes quanto a diferença na produção de regularizações e irregularizações.

Em um estudo observando a aquisição de verbos por crianças adquirindo italiano (língua com sistema verbal semelhante ao do português), Orsolini, Fanari e Bowles (1998) observaram dados de 74 crianças, a fim de observar a performance das crianças em relação às três conjugações do italiano. Os autores observaram que a segunda conjugação, que apresenta a maioria das irregularidades dos verbos da língua e é supostamente improdutivo, concentrou a maioria das ocorrências inesperadas: 36 das 48 ocorrências, contra 2 em verbos da 3ª conjugação e 10 da 1ª ou da 3ª conjugações.

Os autores observam também que a frequência com que as crianças ouvem as formas dos diferentes tempos influencia na aquisição dos verbos, observando que é a frequência das formas verbais no particípio passado que influencia no maior uso correto destas formas em relação às formas no passado definido.

Laaha e Gillis (2007), em um estudo que comparou o desempenho de crianças em relação à aquisição de verbos e nomes em nove diferentes línguas (alemão, croata, finlandês, francês, grego, holandês, iucateque⁴, russo e turco) concluíram que “quanto mais rica é a flexão no *input*, mais as crianças são estimuladas a desenvolver a flexão neste domínio, e mais rápido é o desenvolvimento”⁵ (LAAHA; GILLIS, 2007, p. 69, tradução nossa⁶). Segundo os autores, as crianças adquirindo línguas que possuem um sistema verbal aglutinante⁷ (turco, iucateque e finlandês) desenvolveram mais rapidamente o sistema de flexão verbal – quantitativamente e qualitativamente – do que as crianças

4 Iucateque ou Iucateco: língua indígena falada no México, em Belize e na Guatemala.

5 Citação original: “the richer inflection is in the input, the more stimulated children are to develop inflection in this domain, and the more rapid is development”.

6 Todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas por nós.

7 Segundo Laaha e Gillis (2007), um sistema flexivo aglutinante é aquele que usa afixos subsequentes para expressar diferentes traços, como por exemplo o uso de dois sufixos subsequentes para indicar número e caso na flexão de um substantivo.

adquirindo línguas que possuem um sistema verbal flexional (croata, grego, russo, francês, alemão e holandês).

Apesar de o português e o inglês serem línguas semelhantes em relação ao sistema de flexão (ambas são línguas de sistema verbal flexional), existem inúmeras outras diferenças que tornam o sistema verbal do português mais complexo do que o sistema verbal do inglês. As principais distinções são: o sistema verbal do português possui três diferentes conjugações regulares (determinadas pela vogal temática e com flexões diferentes), enquanto o do inglês possui apenas uma conjugação regular de passado (sufixo *-ed*); o português é uma língua que apresenta distinções flexionais entre as pessoas de um paradigma verbal, enquanto o inglês apresenta apenas uma fraca distinção; o sistema verbal do português apresenta irregularidades em todos os tempos verbais, enquanto o inglês apresenta irregularidades apenas no *past tense* e *past participle*⁸.

Tendo o português um sistema verbal mais rico do que o sistema verbal do inglês, seguindo Laaha e Gillis (2007), podemos lançar a hipótese de que o desempenho das crianças adquirindo PB seria melhor do que o desempenho das crianças adquirindo inglês, já que essa língua possui um sistema verbal menos complexo. Voltaremos a essa discussão na seção 5.5.

De acordo com Clahsen, Avelado e Roca (2002) – e devido à similaridade entre os sistemas verbais do espanhol e do português, esperamos que a taxa de uso correto dos verbos regulares do PB seja maior do que a taxa de uso correto dos verbos irregulares. Já com relação ao estudo sobre aquisição de verbos do italiano de Orsolini, Fanari e Bowles (1998), esperamos que, assim como os autores obtiveram para o italiano, as conjugações supostamente improdutivas do PB (2ª e 3ª Conjugações) devam apresentar a maior concentração de ocorrências inesperadas.

2.2 ESTUDOS ANTERIORES SOBRE A AQUISIÇÃO DE MORFOLOGIA VERBAL EM PB

Tendo conhecimento das características gerais da aquisição de linguagem, analisaremos algumas particularidades do processo de aquisição dos verbos do PB através

8 Com exceção do verbo “*be*” e dos verbos auxiliares modais (ver nota de rodapé 34, p. 43)

da revisão de estudos disponíveis na literatura (Lopes, Souza e Zilli 2004, Santos e Scarpa 2003, Figueira 1996, Figueira 2011, Lorandi e Lamprecht 2008, Lorandi et al. 2012, Souza e Cardoso-Martins 2010).

Lopes, Souza e Zilli (2004) mostraram, através da análise de dados de duas crianças de 1;8 a 3;7 anos adquirindo o português brasileiro, que já desde o início do período observado as crianças fazem a distinção entre as formas do pretérito perfeito e do presente e também entre as formas finitas e não-finitas da língua, o que seria uma consequência da aquisição precoce da categoria de tempo [TP]. Dos 2262 verbos selecionados pelas autoras, 73,05% correspondiam ao tempo presente, 12,22% ao pretérito perfeito, 0,44% ao pretérito imperfeito, 0,13% ao futuro e 6,36% ao imperativo afirmativo, sendo que aos 1;8 a produção de verbos no pretérito perfeito já era de 11,61% do total de verbos enunciados. As autoras afirmam que os dados levam a concluir que a categoria de tempo (TP) é adquirida precocemente e que mesmo as crianças mais novas possuem um bom domínio morfológico do léxico que enunciam.

Apesar de a produção de palavras começar cedo, como mostraram Lopes, Souza e Zilli (2004), e aparentemente se desenvolver de forma bastante rápida, frequentemente estudos questionam o real conhecimento das crianças em relação ao que elas produzem. Um exemplo é o estudo de Santos e Scarpa (2003), que, analisando o processo de aquisição do acento primário de duas crianças (R. e T.) de 1;0 a 3;6 anos, abordam a questão do estatuto morfológico dos enunciados produzidos neste mesmo período. As autoras relacionam a acentuação das palavras à análise interna das palavras e, consequentemente, à necessidade do conhecimento da morfologia da língua, afirmando que a acentuação depende da categorização das palavras e da análise interna das palavras.

Através dos dados obtidos, Santos e Scarpa (2003) observam que o fato de a primeira forma verbal flexionada ter sido enunciada por ambas as crianças aos 1;5 não dá garantias de que a aquisição verbal é realmente consciente, afirmando que “há indícios de que o estatuto morfológico verbal inicial não é condizente com um sistema flexional produtivo de morfemas presos de tempo e pessoa” (SANTOS; SCARPA, 2003, p. 253). As autoras argumentam que só a partir de 1;10 as crianças dão evidências de que operam com a segmentação interna das palavras, processo que passa a ser mais produtivo a partir de 2;2. A criança T. produziu, por exemplo, 17 formas verbais flexionadas aos 1;6, mas apenas a forma correspondente a “caiu” apresentou estabilidade de significado e correspondência

de aspecto da forma (foi sempre atribuído a uma fase completiva ou final do evento).

A maior estabilidade no significado dos verbos e a produção de formas desviantes, como as formas regularizadas de R. “cabeu” (correspondente a “coube”, 2;0.20), “fazi” (correspondente a “fiz”, 2;1.5), “engoliva” (correspondente a “engoli”, 2;6.12) e “fazei” (correspondente a “fez”, 2;9.10), serviram para Santos e Scarpa (2003) como indícios para as conclusões das autoras de que a operação dos componentes morfológicos começa por volta de 1;9.

Em relação ao surgimento das formas verbais flexionadas, Santos e Scarpa (2003) registraram as primeiras ocorrências das flexões das duas crianças, concluindo que seu desenvolvimento é semelhante. As idades de surgimento das formas podem ser observadas na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Surgimento das Formas Flexionadas nas Gravações

Pessoa, número e tempo	Idade	
	Criança R.	Criança T.
3ª pessoa do singular no passado	1;5	1;5
3ª pessoa do singular no infinitivo	1;5	1;5
3ª pessoa do singular no presente	1;7	1;7
3ª pessoa do singular no imperativo	1;7	1;7
1ª pessoa do singular no presente	1;9	2;5
1ª pessoa do singular no passado	1;10	2;4
Gerúndio	1;11	2;0
1ª pessoa do plural no presente	2;6	-
3ª pessoa do plural no passado	2;8	-
1ª pessoa do plural no passado	-	2;9

Fonte: SANTOS; SCARPA, 2003, p. 251-2.

Podemos observar que, para as duas crianças analisadas por Santos e Scarpa (2003), a 3ª pessoa do singular é a primeira a surgir, seguida pela 1ª pessoa do singular e, após um período de produção destas duas pessoas, surgem a 1ª pessoa do plural e a 3ª pessoa do plural. Com relação à ordem de aquisição dos tempos, o tempo passado é o primeiro a surgir para as duas crianças e é o único a ser produzido nas quatro pessoas presentes nos dados das autoras (1ª e 3ª pessoas do singular e do plural).

A ordem de aquisição observada pelas autoras nos mostra que as crianças começaram a produção de flexão verbal com as formas morfofonologicamente menos

marcadas (a terceira pessoa do singular apresenta sufixos flexionais menos marcados em relação às demais pessoas).

Também discorrendo sobre a consciência linguística das crianças no início da aquisição de linguagem, Figueira (1996), partindo de uma posição teórica que assume a aquisição de linguagem como um processo de reorganização das estruturas da linguagem, aponta que existe, para as crianças, uso sem conhecimento. Segundo a autora, as crianças apresentam um uso tão eficiente da língua que dão a impressão de que já incorporaram as regras sintáticas, semânticas e morfológicas em questão.

Para Figueira (1996), a produção de formas morfollogicamente variantes concentrada no período das formas criativas⁹ é indício de que antes de iniciarem as operações de segmentação e de transformação dos objetos linguísticos presentes em sua gramática interna, as crianças passam por um período de incorporação da fala do outro.

Em outro estudo, Figueira (2010) observou formas morfollogicamente variantes produzidas por três crianças (A, J e M) adquirindo português e obteve dois tipos de dados: as regularizações de formas verbais irregulares e a troca de conjugação entre verbos regulares, como podemos observar nos exemplos em (1) abaixo, retirados de Figueira (2010).

(1.a) “Eu *aprendei*, né?” (A – 3;0.12);

(1.b) “Quanto tempo eu não *ouçava* esta música.” (A – 3;11.17);

(1.c) “*Entendei*” (A – 4;3.3);

(1.d) “Cê não *entendiu* que eu falei, mãe. Cê não *entendiu* que eu falei pra você.” (A – 4;3.19);

(1.e) “Eu *aprendei*. Eu aprendi.” (J – 2;6.7);

(1.f) “*Fazeu* barulho.” (J – 2;7.1);

(1.g) “Não mexe aí. Tá quebrado. Foi eu que *quebri*. Tá com cola. Ai meu Deus, vai sair a cola.” (J – 3;4.29);

(1.h) “Eu não *lembri* não.” (M – 3;0.7).

Observando os tipos de formas apresentados acima, a autora concluiu que “a fala da criança não fica submetida ao funcionamento cego de uma regra, que se aplicaria atingindo todos os alvos” (FIGUEIRA, 2010, p. 129), já que ela aplica diferentes regras em uma

9 Fase em que a criança começa a desenvolver seu conhecimento morfológico e suas habilidades de combinação, o que ocasionalmente tem como consequência a enunciação de formas morfollogicamente variantes, como a regularização de formas irregulares.

mesma forma verbal.

Com relação às trocas de conjugações regulares, Figueira (2010) observa que as crianças produziram trocas em todos os sentidos, ou seja, aplicaram regras da 1ª conjugação em verbos de 2ª e 3ª Conjugação, mas também aplicaram regras da 2ª e da 3ª Conjugação em verbos de 1ª Conjugação. A autora afirma, a partir destes dados, que não existem, no período observado, evidências de um movimento no sentido da hierarquização das conjugações verbais do português brasileiro.

Os dados de Figueira (2010) nos levam a concluir que o PB infantil parece não ter uma regra regular que seja padrão (*default*) e mais importante no sistema do que as outras, já que as crianças observadas pela autora não apresentaram preferência na aplicação de uma regra na produção de trocas de conjugações e de regularizações.

Lorandi e Lamprecht (2008, p.2), discorrendo sobre o conhecimento linguístico na fase que Figueira (1996) chama de período das formas criativas, afirmam que

depois de algum tempo de contato com a língua, por volta do segundo ano de vida, essa segmentação se torna mais fina, rebuscada, o que permite à criança perceber estruturas internas à palavra. A maior evidência dessa percepção por parte da criança é a produção de formas verbais regularizadas, a formação de novos verbos e as trocas de sufixos.

Lorandi e Lamprecht (2008) analisaram as formas verbais regularizadas e as inovações lexicais produzidas por crianças entre 2 e 5 anos, coletadas previamente por Lorandi (2004) e concluíram a ocorrência de formas como “eu *fazo*” (I. 3;6), “eu *trazi*” (B. 3;1), “eu *sabo*” (G. 2;7) e “eu *ponhei*” (G. 2;5, 2;8) é evidência da sensibilidade das crianças em relação aos recursos morfológicos da língua-alvo, enfatizando que as “inovações lexicais constituem nossa base de estudo e possibilitam pensar sobre a capacidade da criança lidar com o subsistema morfológico da língua e sobre a sensibilidade que ela demonstra no reconhecimento dos recursos de que a língua dispõe” (p. 4). Como exemplos de dados que mostram a capacidade de combinar os morfemas da língua, as duas autoras apresentam formas verbais regularizadas mostradas em (2), trocas de sufixo flexionais em (3) e formação de novos verbos em (4) abaixo:

(2) Formas Verbais Regularizadas:

- (a) eu fazo (I. 3;6);
- (b) eu trazi (B. 3;1);
- (c) eu sabo (G. 2;7);
- (d) eu ponhei (G. 2;5, 2;8).

(3) Trocas De Sufixos Flexionais:

(a) eu boti (A.L. 2;1);

(b) eu comei (M. 3;0);

(c) eu usia (H. 3;4);

(d) eu conhecia (I. 4;6)

(4) Formação De Novos Verbos:

(a) borrachar (apagar com a borracha, A. 3;8)

Fonte: LORANDI; LAMPRECHT, 2008, p. 4.

Em relação à produtividade das Conjugações, as autoras concluíram que os novos verbos produzidos pelas crianças reforçam a ideia de que “a segunda e a terceira conjugações não são produtivas em Português (LORANDI; LAMPRECHT, 2008, p. 9), já que as crianças aplicaram predominantemente regras da 1ª Conjugação, como em “xizar”, “vassourar” e “borrachar”.

Como podemos observar nos dados de Lorandi e Lamprecht (2008), é apenas na formação de novos verbos que a 2ª e 3ª Conjugações não são produtivas¹⁰. Nas ocorrências de troca de conjugação observamos a presença da aplicação de regras de verbos da 2ª ou da 3ª Conjugações em verbos de 1ª Conjugação ((3a) e (3c) acima), o que nos indica que, apesar de a 2ª e a 3ª Conjugações não serem produtivas, a 1ª Conjugação não parece ser mais importante no sistema do que as outras.

A fim de comparar a produtividade dos adultos e das crianças em relação a diferentes flexões verbais, Souza e Cardoso-Martins (2010) analisaram as formas verbais regulares e irregulares produzidas pela criança e também por sua mãe, utilizando dados de fala espontânea de três diferentes idades de uma criança adquirindo PB. Para obter números semelhantes de *tokens* (ocorrências) entre as idades analisadas, a primeira e a segunda idade analisadas foram agrupadas, resultando em duas faixas etárias para serem comparadas: 1ª faixa etária → 1;8;21 e 1;10.20; 2ª faixa etária → 2;2.8.

Para a primeira faixa etária, a frequência de tipo (número de radicais distintos) tanto da criança quanto da mãe foram baixas (respectivamente 1,77 e 1,90), mesmo apresentando um número relativamente elevado de frequência de ocorrência dos verbos regulares (1483 ocorrências regulares no total). Classificando os dados, os autores

10 A 2ª e a 3ª Conjugações não são produtivas quando comparadas à 1ª Conjugação para a formação de novos verbos, mas existem exceções. Ana Paula Scher (comunicação pessoal) observa a existência de afixos produtivos da 2ª Conjugação para o Português Brasileiro, como o sufixo "ecer" em verbos como "enruecer", derivado do substantivo do francês "rue".

observaram que os três sufixos flexionais mais frequentes para a criança e para a mãe são de verbos da 1ª Conjugação (85% dos verbos para a mãe e 67% para a criança).

Para a segunda faixa etária, os valores da frequência de tipo se inverteram: 1,88 para a criança e 1,56 para a mãe. Também neste período Souza e Cardoso-Martins (2010) observaram que os verbos da 1ª Conjugação foram muito mais frequentes do que os de 2ª e 3ª Conjugação: aos verbos de 1ª Conjugação correspondem a 85% e 74% de todos os verbos produzidos, respectivamente, pela mãe e pela criança.

No que tange a produção de tempo, pessoa e número, Souza e Cardoso-Martins (2010) descrevem que 42,6% dos verbos regulares finitos da primeira ocasião foram produzidos no presente do indicativo, 93,3% na terceira pessoa e 100% no singular. Para a segunda ocasião, 77,7% dos verbos regulares finitos foram produzidos no presente do indicativo, 87,4% na terceira pessoa e 100% no singular. Já sobre a produtividade das flexões (número médio de flexões por verbo), os autores concluíram que a produtividade da mãe se manteve estável nas duas ocasiões, enquanto a criança foi mais produtiva na segunda do que na primeira ocasião.

É interessante observar nos dados de Souza e Cardoso-Martins (2010) que mesmo as crianças da segunda faixa etária (2;2.8 anos) ainda não produziram ocorrências de formas verbais no plural e produziram uma grande parte das formas verbais na terceira pessoa, indicando que no início da aquisição verbal existe uma grande preferência por formas morfológicamente menos marcadas.

Em relação ao período em que as crianças costumam produzir a regularização de formas verbais irregulares e outras formas verbais inesperadas, os estudos (como Figueira (1996), Santos e Scarpa (2003) e Lorandi e Lamprecht (2008)) geralmente apontam que as crianças começam com a produção correta das formas irregulares de sua língua, depois passam a fazer regularizações e, por último, retornam à forma irregular esperada, o que corresponde à Curva de Desenvolvimento em U (*U-shaped development*, Pinker e Prince (1988)). A Curva de Desenvolvimento em U corresponde ao fato de que no início do processo de aquisição de linguagem as crianças são capazes de enunciar formas verbais corretamente, mas não de segmentá-las morfológicamente e analisá-las.

Quando a capacidade de segmentação morfológica das formas verbais é desenvolvida, a criança se torna capaz de operar com os morfemas verbais, mas, por ainda não terem adquirido informações gramaticais suficientes para manipular as formas de

acordo com as propriedades dos verbos da língua (como as classes de conjugação e as propriedades dos verbos irregulares), acabam produzindo formas verbais inesperadas. Após esse período, a criança, já com uma maior capacidade de análise linguística e de operar os componentes morfológicos, passa a produzir as formas verbais corretamente. Com base nos estudos acima revisados, esperamos alguns comportamentos de nossas crianças, como a aquisição precoce dos tempos presente e pretérito perfeito (assim como para Lopes, Souza e Zilli (2004) e para Santos e Scarpa (2003)), bem como que as formas de 1ª e 3ª pessoas do singular sejam as primeiras a serem adquiridas, seguidas pelas 1ª e 3ª pessoas do plural. Também esperamos que a 1ª Conjugação seja a mais frequente para as crianças (assim como obtiveram Souza e Cardoso-Martins (2010)) e a única classe produtiva na formação de novos verbos (como o caso do verbo “borrachar”, registrado por Lorandi e Lamprecht (2008)). Por outro lado, esperamos que, de acordo com o que observamos nos dados de Figueira (2010), nossas crianças não apresentem preferência por alguma conjugação verbal regular do PB, produzindo trocas de conjugações em todos os sentidos (tanto a aplicação de regras da 1ª Conjugação em verbos da 2ª e 3ª quanto o contrário).

Após a descrição do sistema verbal do português e uma revisão de estudos relacionados à aquisição de verbos do PB, adentraremos em modelos que buscam descrever a aquisição da linguagem e o papel da frequência na aquisição, observando especialmente a adequação de suas previsões em relação aos dados da produção infantil das línguas. No Capítulo 4 retomaremos as discussões acerca da aquisição verbal do PB, desta vez com foco na frequência e sob a luz do modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002).

3. O PAPEL DA FREQUÊNCIA NA AQUISIÇÃO DE VERBOS

Neste capítulo debateremos sobre o papel da frequência, em seus diversos conceitos, em relação à aquisição de linguagem e, mais especificamente, em relação à aquisição de verbos. Para isso, revisaremos brevemente três estudos que abordam diferentes noções de frequência e de sua influência em relação à aquisição de linguagem.

Existem algumas análises que buscam relacionar as diversas formas de frequência à aquisição de formas verbais. O estudo de Bybee (1995), por exemplo, relaciona diretamente a frequência à produtividade, à suscetibilidade ao erro e à aquisição. Outro estudo é de Clahsen, Avelado e Roca (2002), que assumem a existência de influência da frequência de uso¹¹ em relação apenas à suscetibilidade a regularizações de verbos irregulares pouco frequentes. Um terceiro estudo é de Andersen (2008), que defende a influência da frequência das palavras¹² em relação ao processamento e em relação à aquisição dos verbos no PB, argumentando que a alta frequência de uma forma aumenta a rapidez e a precisão do seu reconhecimento. Estes estudos serão rapidamente discutidos em nosso trabalho, mas, por motivos posteriormente apresentados, serão descartados.

Em seguida, abordaremos o modelo de frequência que adotaremos em nosso trabalho, *Rules and Competition*, de Yang (2002), que propõe a previsão do comportamento de crianças adquirindo verbos com base em uma combinação entre a frequência das formas verbais flexionadas e a soma da frequência das formas verbais que apresentam o mesmo padrão flexional (classe). Como veremos posteriormente, adotaremos o modelo de Yang (2002) por ser, para nós, o modelo mais completo com relação à previsão do comportamento das crianças na aquisição do sistema verbal do português, conseguindo prever de forma mais ampla a aquisição de flexão verbal e as taxas e acerto na produção verbal.

Bybee (1995) apresenta um modelo de processamento verbal em que as palavras do léxico possuem diferentes “forças” que são determinadas principalmente pela frequência de *token*¹³. Para a autora, palavras com alta força possuem fácil acesso e servem como base

11 *Frequência de uso* para Clahsen, Avelado e Roca (2002): número de vezes que uma forma verbal foi produzida pela criança.

12 Para definição de frequência de palavras a autora utiliza o conceito de Gierut e Morrisette (2002, apud ANDERSEN, 2008, p. 7), “o número de vezes em que uma dada palavra ocorre em uma língua” (sic).

13 *Frequência de token* para Bybee (1995): número de vezes que uma forma verbal específica ocorreu para a

para a produção de novas palavras. Bybee (1995) atribui também a suscetibilidade ao erro de uma forma à sua força: os verbos irregulares com alta frequência de *token* raramente sofrem regularizações e os verbos irregulares que possuem baixa frequência são mais suscetíveis a sofrerem as regularizações.

Em relação à aquisição de linguagem, Bybee (1995, p. 429) afirma que “os itens de vocabulário que têm alta frequência de *token* podem ser aprendidos por si, enquanto os itens que possuem baixa frequência são melhor aprendidos em relação a outros itens já existentes”¹⁴. Assim, podemos pensar para o português, conforme dados de amostra do *input* que veremos no Capítulo 4, que uma forma de menor frequência como “traz”, por exemplo, pode ter seu aprendizado facilitado por formas já adquiridas como “faz”.

Este modelo, porém, desconsidera o papel da influência da frequência das regras, ou seja, que o uso de formas verbais que compartilham características flexionais também auxilia na aquisição dos verbos, fato que parece essencial na aquisição de morfologia verbal do PB. Desta forma, o modelo de processamento verbal proposto por Bybee (1995) não parece ser, a princípio, compatível com o desenvolvimento da aquisição verbal do PB.

Andersen (2008) descreveu o léxico produtivo de uma criança adquirindo português brasileiro (identificada como G.), entre as idades de 1;1.22 e 3;9.13. O estudo da autora foi guiado por dois parâmetros: a idade de aquisição e a frequência das palavras. Em relação à frequência, Andersen (2008) defende, semelhante a Bybee (1995), a influência da frequência das palavras em relação ao processamento perceptual, embasada em pesquisas que afirmam que as palavras com alta frequência são reconhecidas com mais precisão e mais rapidamente do que as com baixa frequência. Para Andersen (2008), palavras com alta frequência demandam uma carga mais baixa de processamento (devido a uma facilitação no processamento perceptual), facilitando a recuperação das formas.

Andersen (2008), comparando os verbos mais frequentes da criança G. e os verbos mais frequentes na escrita dos adultos (segundo Biderman (1998)), observou que 13 dos 25 verbos¹⁵ mais frequentes de G. (52%) estavam entre os 20 verbos mais frequentes dos adultos, o que significa que 65% dos verbos mais frequentes do PB escrito também estão

criança.

14 Citação original: “items that are of high frequency in the input can be learned on their own terms, while lower-frequency items are better learned in relation to existing items”.

15 Destacamos que a comparação foi feita entre verbos, não entre formas verbais. Assim, todas as ocorrências conjugadas de um verbo são contadas como sua forma no infinitivo. Ex.: A criança G. produziu “tirar” 25 vezes, “tira” 14 vezes, “tirou” 3 vezes, “tirei” 1 vez e “tirando” 4 vezes. Para a comparação, o dado foi computado como 47 entradas do verbo “tirar”.

entre os verbos mais frequentes da criança observada pela autora. Além disso, a autora também observou que, dos 220 diferentes verbos produzidos por G., apenas 52 (24%) verbos apresentaram alta frequência (acima de 10 ocorrências), enquanto 168 (76%) apresentaram menos de 10 ocorrências nas sessões gravadas, demonstrando que o vocabulário verbal recorrente da criança é composto por um grupo pequeno de verbos. Concluindo, Andersen (2008) afirma que os dados de G. sugerem que a frequência das formas produzidas pela criança teve influência direta do *input* recebido.

Assim como para Bybee (1995), consideramos o papel da influência da frequência na aquisição dos verbos incompleta para Andersen (2008). Destacamos também que o estudo para o PB de Andersen (2008) analisou a aquisição de apenas uma criança, não permitindo observarmos a variação que existe na aquisição da língua, já que se trata de um processo que não ocorre de forma totalmente igual para todas as crianças. Ressaltamos que não descartamos as análises propostas pelas duas autoras, apenas acreditamos que existe(m) outro(s) fator(es) que influencia(m) na aquisição dos verbos, como a frequência das classes, proposta por Yang (2002), o que torna, para nós, as análises de Bybee (1995) e de Andersen (2008) incompletas.

Para os autores Clahsen, Avelado e Roca (2002), por adotarem um modelo de processamento verbal que divide os verbos regulares e irregulares em dois tipos de processamento distintos (para os autores os verbos regulares são gerados através de regras simbólicas e os verbos irregulares são armazenados na memória), somente as formas verbais irregulares podem sofrer a influência da frequência de uso – a produtividade e a suscetibilidade ao erro das formas verbais regulares não são influenciadas pelo número de ocorrências das formas.

Para os autores, as formas verbais irregulares não são generalizáveis e são altamente sensíveis à frequência de uso do léxico – as formas irregulares pouco usadas devem, portanto, ser mais vulneráveis a erros. Em estudo realizado com 64 amostras de falas espontâneas de 15 crianças entre 1;7 e 4;7 anos e 4 dados longitudinais de crianças da mesma faixa etária, Clahsen, Avelado e Roca (2002) organizaram os verbos irregulares em quatro grupos, determinados pela frequência de uso das crianças (verbos registrados de 1 a 9 vezes, verbos registrados de 10 a 49 vezes, verbos registrados de 50 a 99 vezes e verbos registrados mais de 100 vezes) e como resultado obtiveram que a taxa de regularizações excessivas foi maior em verbos que eram usados com menor frequência pelas crianças do

que em verbos bastante frequentes para as crianças.

O que se percebe nos estudos de aquisição de PB, porém, é que a diferença entre o desempenho na produção de verbos regulares e verbos irregulares não é tão grande, mostrando que, apesar de a diferença no número de verbos de cada conjunto de verbos (formas verbais regulares vs. formas verbais irregulares) ser bastante grande, as crianças parecem tratar os dois tipos de formas verbais de forma semelhante, descartando a divisão em termos de processamento (verbos regulares formados por regras e verbos irregulares memorizados) proposta por Clahsen, Avelado e Roca (2002). Este modelo, portanto, não parece ser adequado para descrever e prever a aquisição de flexão verbal.

O modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002), que apresentaremos a seguir, afirma que a performance das crianças com relação aos verbos é determinada por dois fatores: “a correta identificação do membro da classe, e o peso de uma regra”¹⁶ (YANG, 2002, p. 92), sendo que a identificação do membro da classe depende da frequência da forma verbal e o peso de uma regra depende da frequência da classe verbal. Na próxima seção descreveremos detalhadamente o modelo de Yang (2002) e, na seção seguinte (seção 3.2), apresentaremos a análise do autor para os dados de crianças adquirindo inglês.

3.1 RULES AND COMPETITION: UM MODELO DE AQUISIÇÃO DE FLEXÃO VERBAL

Charles Yang apresentou em seu livro *Knowledge and Learning in Natural Language* (2002), um Modelo Variacional (do inglês *Variational Model*) para a aquisição de linguagem. O modelo, que é baseado na competição entre possíveis gramáticas, assume que existe um número finito de possíveis gramáticas humanas, que variam de acordo com algumas dimensões paramétricas e que são acessíveis para a criança desde o início. “Cada gramática G_i está emparelhada com um peso P_i , que pode ser visto como a medida da importância da G_i na linguagem da criança”¹⁷ (YANG, 2002, p. 26). O peso P_i é determinado por uma função de aprendizagem em que estão envolvidos o *input* e o tempo desde o início da aquisição. A aprendizagem termina quando os pesos das gramáticas são

16 Citação original: “the correct identification of class membership, and the weight of the irregular rule”.

17 Citação original: “Each grammar G_i is paired with a weight p_i , which can be viewed as the measure of prominence of G_i in the learner’s language faculty”.

estabilizados. A esquematização do modelo de aprendizagem, descrita por Yang (2002, p. 26-7), pode ser vista em (1) abaixo:

- (1) A partir da apresentação de um dado de *input* S , a criança:
 - (a) seleciona a gramática G_i com a probabilidade P_i
 - (b) analisa S com G_i
 - (c) se obtiver sucesso, G_i será recompensada, aumentando o P_i
caso contrário, G_i será punida, diminuindo o P_i

A partir desse modelo Variacional, Yang (2002) propôs uma nova visão para o entendimento da aquisição de verbos, especialmente em relação aos verbos regulares e irregulares. Revisando o modelo *Words and Rules*, apresentado por Steven Pinker (1999) em *Words and Rules: The Ingredients of Language*, Yang (2002) criou o modelo *Rules and Competition*, baseado em competição entre regras fonológicas, para analisar a produção e o processamento dos verbos regulares e irregulares.

O modelo *Words and Rules*, de Pinker (1999), assume que existem dois componentes envolvidos na computação de verbos regulares e irregulares. Um primeiro componente, o de regras, é responsável pela computação das formas verbais regulares, que são flexionadas de acordo com a regra fonológica *default* (acrescentar o sufixo *-d* ao radical para o tempo passado do inglês). O outro componente, o de palavras, opera através de um Princípio de Bloqueio que bloqueia, a partir de associações e memorizações diretas entre o radical e a forma de passado, o uso da regra geral (*default*) e força o uso de uma forma mais específica. A forma verbal do inglês “*sang*”, por exemplo, é uma realização mais específica de *sing*+passado do que “*singed*”, que seria formada a partir de “*sing*” através da regra *default*. Na presença de uma forma mais específica associada à base, porém, a regra *default* é bloqueada e a forma mais específica é selecionada. A existência de regularizações de formas verbais irregulares durante o período de aquisição de linguagem é, por este modelo, explicada pela necessidade de memorização das formas verbais irregulares do léxico, o que pode demorar para ocorrer.

O modelo *Rules and Competition* (doravante RC), de Charles Yang (2002), assume que as formas verbais regulares e irregulares devem ser tratadas dentro de um mesmo componente do sistema cognitivo. Este componente do modelo RC é a fonologia gerativa. Por derivar do modelo Variacional, que assume que os erros sistemáticos presentes na

produção infantil são “reflexo de hipóteses coexistentes em competição”¹⁸ (YANG, 2002, p. 61), a existência de regularizações de formas verbais irregulares não é explicada por falhas na memória, que ainda não armazenou completamente as representações lexicais das formas irregulares, mas por falhas em aplicar a regra fonológica irregular apropriada para cada verbo, sendo geralmente aplicada a regra *default* (regular).

As hipóteses coexistentes em competição correspondem às regras existentes na língua para a flexão dos diferentes tipos de verbos. Yang (2002) apresenta as regras em (2) como exemplos de regras que poderiam entrar em competição para a formação de passado do inglês:

- (2.a) {feed, shoot...}: $R_{\text{Encurtamento da Vogal}}$
- (b) {bring, think...}: $R_{\text{Sufixação de -t \& Rima} \rightarrow a}$
 $-d$
- (c) Regra Regular: $x \rightarrow x + -d$

A regra fonológica de formação de passado em (2a), por exemplo, produz o encurtamento da vogal do radical em verbos como “feed” e “shoot”, gerando as formas verbais de passado “fed” e “shot”, enquanto a regra fonológica em (2b) produz as formas “brought” e “thought” a partir das formas “bring” e “think” através de uma regra de sufixação e de alternância fonológica, e a regra regular em (2c) adiciona o sufixo *-d* ao radical, produzindo formas como “arrived” e “lived” a partir de “arrive” e “live”. O modelo RC assume, utilizando os conceitos da Gramática Universal (GU), que a aplicação de uma regra *default* de formação de passado quando não existe outra regra no sistema é um conhecimento inato.

Para cada forma verbal irregular x existe uma regra irregular R , definida pela classe S do verbo em questão. A produção de um verbo irregular x envolve uma competição entre a regra irregular R e a regra *default* regular. A regra irregular R vencerá a competição somente se tiver uma boa probabilidade de ser aplicada. Mais especificamente, a taxa de acerto $C(x)$ de uma forma irregular depende de duas probabilidades: $P(x \in S)$, que é a probabilidade de o verbo x ser corretamente classificado como pertencente à classe de verbos S , e P_R , que é a probabilidade de a regra R ser aplicada.

De acordo com a descrição de Yang (2002), quando a criança é apresentada a um verbo no passado (X_{passado}), ela primeiro reconstrói a raiz de x e

então prossegue para analisar a derivação de x para X_{passado} em dois

18 Citação original: “reflections of coexisting hypotheses in competition”.

processos: a) Seleção: associar x à classe S correspondente e, consequentemente, à regra R definida para esta classe; b) A competição aplica R para x sobre a regra *default*. Durante o aprendizado, qualquer uma das duas etapas pode estar propensa a erros. Primeiro, o aprendiz pode não associar com confiança x a S , neste caso, x seria tratado como um verbo regular¹⁹ (YANG, 2002, p. 71).

No segundo caso, tendo o aprendiz relacionado corretamente o verbo x à classe S , a regra correspondente pode não se aplicar: R se aplica com a probabilidade PR , seu peso, que é diretamente ligado à frequência dos membros da classe S . “Apenas quando ambas as decisões são tomadas corretamente, o passado correto será produzido – uma correspondência com o *input* X_{passado} ”²⁰ (YANG, 2002, p. 72).

Quando a criança é apresentada a uma forma irregular de passado x , primeiro ela extrai a raiz e depois inicia a análise da derivação da raiz de x para a forma de passado de x em dois passos: 1º passo – seleção de regra, em que a criança precisa categorizar corretamente a forma verbal irregular à classe S e, consequentemente, à regra R correspondente; 2º passo – competição de regra, em que a criança precisa aplicar a regra irregular R correspondente no lugar da regra regular (*X-ed* no caso do inglês). Se as três etapas (extração da raiz, seleção de regra e competição de regra) forem realizadas com sucesso, o verbo gerado 'combinará' com o verbo correspondente da língua e o peso das probabilidades ($P(x \in S)$ e PR) será atualizado. A Figura 1 apresenta o mecanismo acima proposto para a aquisição de uma forma irregular no passado:

19 Citação original: “then proceeds to analyze the derivation from x to X_{past} in a two-step process: a) Selection: associate x to the corresponding class S and hence the rule R defined over this class. b) Competition apply to R to x over the default rule. During learning, either of the two steps may be error-prone. First, the learner may not reliably associate x to S , in which case x would be treated as a regular verb”.

20 Citação original: “only when both decisions are taken correctly will the correct past tense be produced – a match with the input X_{past} ”.

Figura 1 – Aprendendo Verbos Irregulares por Competição

Fonte: YANG, 2002, p. 71.

Segundo o modelo RC, aprender envolve atualizar (aumentar) os valores de $P(x \in S)$ e P_R . A aquisição de um verbo é concluída, consequentemente, quando essas duas probabilidades têm valores iguais (ou muito próximos) a 1. Assim, “aprender é gradual: não se altera a gramática muito radicalmente com base na apresentação de um único pedaço de evidência linguística. Se R é probabilisticamente contornada, a regra $-d$ se aplica como *default*”²¹ (YANG, 2002, p. 69). Mais especificamente, a regularização pode ocorrer tanto quando $P(x \in S) < 1$ ou quando $PR < 1$.

A probabilidade $P(x \in S)$ tem seu valor aumentado quando o passado de x é acionado²², e a probabilidade P_R tem seu valor aumentado quando qualquer membro da classe S é acionado. Yang (2002, p. 72) afirma que além de estar relacionado a estas duas probabilidades,

o uso correto de um verbo irregular x é positivamente correlacionado com $f_x \times f_S$. Então, se segurarmos a constante f_x ou a f_S , o modelo RC faz duas direções sobre a performance de verbos irregulares: a) para dois verbos x_1 e x_2 dentro de uma classe de verbos, $C(x_1) > C(x_2)$ se $f_{x1} > f_{x2}$;

21 Citação original: “learning is gradual: it does not alter its grammar too radically upon the presentation of a single piece of linguistic evidence. If R is probabilistically bypassed, the $-d$ rule applies as the default”.

22 Por *acionado* entende-se tanto quando se faz presente no *input* (compreensão/processamento) quanto quando é produzido pela criança.

b) para dois verbos x_1 e x_2 tal que $x_1 \in S_1$, $x_2 \in S_2$ e $f_{x1} = f_{x2}$, $C(x_1) > C(x_2)$ se $f_{S1} > f_{S2}$.²³

Em outras palavras, para dois verbos de uma mesma classe, a maior taxa de uso correto será aquela do verbo com maior frequência de ocorrências; e, para dois verbos de classes diferentes e com frequências de ocorrências iguais, a taxa de uso correto do primeiro verbo será maior do que a do segundo verbo se a frequência da classe do primeiro verbo será maior do que a do segundo verbo.

Para o aprendiz, a regra irregular $R=[-\emptyset \text{ \& \textit{ablaut}}]$ e a regra *default* regular são, para um verbo como “*sing*”, inicialmente indiferenciadas.

Após a apresentação da forma de passado *sang*, ambas as regras têm probabilidades positivas de serem selecionadas para realizar *sing*+passado. Entretanto, somente quando R é selecionada o resultado combina, o que, por sua vez, aumenta o seu peso (probabilidade), PR . No final, PR se torna 1, de modo que *singed* nunca será produzido²⁴ (YANG, 2002, p.74).

Em outras palavras, a probabilidade de uma forma irregular x ser produzida de acordo com o esperado é diretamente relacionada à probabilidade de x pertencer à classe S . A probabilidade de x pertencer à classe S é determinada pela frequência de x e é relacionada também à probabilidade de R ser aplicada, que é determinada pela classe S (quantidade de formas verbais diferentes que compartilham o mesmo padrão e pela soma da frequência de cada x que pertencente à classe S).

Para duas formas verbais de classes diferentes x_1 e x_2 e com frequências iguais, a taxa de acerto de x_1 ($C(x_1)$) será maior do que a taxa de acerto de x_2 ($C(x_2)$) se a frequência da classe de x_1 (f_{S1}) for maior do que a frequência da classe de x_2 (f_{S2}). Por exemplo, se as formas verbais irregulares “*diz*” e “*fiz*”, do português, tivessem frequências iguais a 15 para uma criança, a forma “*diz*” deverá ter, no início da aquisição, uma taxa de acerto maior do que “*fiz*” por pertencer à classe de “*faz*”, “*traz*” e “*quer*” (compartilhando a ausência de sufixo flexional na 3ª pessoa do singular do presente), o que torna a classe dessa forma mais frequente do que a de “*fiz*” que não compartilha seu padrão com nenhum outro verbo irregular²⁵.

23 Citação original: “the correct usage of an irregular verb x , is positively correlated with $fx \times fS$. Hence, if we hold fx or fS constant, the RC model makes two directions about the performance of irregular verbs: a) For two verbs x_1 and x_2 within a verb class, $C(x_1) > C(x_2)$ if $fx_1 > fx_2$. b) For two verbs x_1 and x_2 such that $x_1 \in S_1$, $x_2 \in S_2$, and $fx_1 = fx_2$, $C(x_1) > C(x_2)$ if $fS_1 > fS_2$ ”.

24 Citação original: “Upon presentation of the past tense form *sang*, both rules have a positive probability of being selected to realize *sing*+past. However, only when R is selected can a match result, which in turn increases its weight (probability), PR . In the end, PR becomes 1, so that *singed* will never be produced.”

25 “*Fiz*” é 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo “*fazer*”, gerada através de uma regra de

As previsões, probabilidades e regras expostas por Yang (2002) e abordadas aqui podem ser vistas resumidas em (3) a (10) abaixo:

- (3) $C(x) = P(x \in S)$ PR: A taxa de uso correto é diretamente relacionada à probabilidade de a criança relacionar o verbo x à classe S , e à probabilidade de a criança aplicar a regra irregular R ao verbo x .
- (4) $P(x \in S)$: Probabilidade de a criança relacionar o verbo x à classe S .
- (5) PR: Probabilidade de a criança aplicar a regra irregular R ao verbo x .
- (6) F_x : frequência da forma passada x no input.
- (7) $FS = \sum_{x \in S} f_x$: A frequência de uma classe S é a soma da frequência de x e da frequência de todos os membros da classe S .
- (8) A taxa de uso correto de um verbo x $(C(x)) = \frac{\text{nº total de uso correto de } x}{\text{nº total de uso de } x}$
- (9) Para dois verbos x_1 e x_2 de mesma classe: $C(x_1) > C(x_2)$ se $F_{x1} > F_{x2}$
- (10) Para dois verbos x_1 e x_2 de classes diferentes: se $F_{x1} = F_{x2}$, então $C(x_1) > C(x_2)$ se $F_{s1} > F_{s2}$.

3.2 OS DADOS DE YANG (2002)

Yang (2002) utilizou, em seu estudo, dados longitudinais de 4 crianças (Adam 2;3–5;2, Eve 1;6–2;3, Sarah 2;3–5;1, e Abe 2;5–5;0), retirados de Marcus et al. (1992). As taxas de acertos ($C(x)$) das crianças foram: Adam: 98,2%, Eve: 92,2%, Sarah: 96,5% e Abe: 76%. A taxa média de acertos foi de 89,9%, mas se fossem desconsiderados os dados de Abe, que visivelmente desviou do padrão das outras três crianças, a taxa média de acertos ficaria em 95,6%, uma média de acertos alta, demonstrando uma satisfatória utilização da língua.

Em sua descrição e análise dos dados, Yang (2002) destaca que todas as crianças tiveram dificuldades maiores com uma classe específica de verbos irregulares: a classe dos verbos “*know*”, “*grow*”, “*blow*”, “*fly*” e “*throw*”, associada à regra irregular [-ø & Rime →

alternância $a \rightarrow i$ no radical e pela ausência de sufixo flexional; o processo mais parecido com este para os verbos irregulares é o de “*quis*”, 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo “*querer*”, gerada através de uma regra de alternância $e \rightarrow i$ no radical e pela ausência de sufixo flexional. Veremos as regras e os respectivos verbos em PB na seção 3.3.1 deste trabalho.

U]. Para esta classe verbal, as taxas de acerto ($C(x)$) foram de 44% para Adam (7/16)²⁶, 0% para Eve (0/1), 55% para Sarah (12/22) e 39% para Abe (28/71). Para Adam, Eve e Sarah, esta foi a única classe problemática.

Para testar a previsão feita pelo modelo RC em (9) acima, Yang (2002) listou alguns verbos, agrupados por suas classes, e calculou a frequência de *input* estimada da fala adulta, como pode ser visto na Tabela 2 abaixo. Para o autor, os dados da Tabela 2 confirmam fortemente as previsões em (9) acima: “com uma única classe, quanto mais frequentemente o verbo é ouvido, melhor é o CUR^{27,28} (YANG, 2002, p. 79). O único desvio desta previsão ocorre na classe com a regra [-t & Rime → a], em que “*think*”, que tem a maior frequência da classe, aparece com uma taxa de uso correto menor do que de “*catch*”.

Yang (2002) chama atenção, porém, para o fato de que a taxa representa uma média do uso correto das quatro crianças e que a média de “*think*” sofreu um desvio causado, segundo Yang (2002, p. 79), por “um número desproporcionalmente alto de usos de Abe”²⁹ (75 ocorrências corretas e 18 ocorrências inesperadas), como pode ser visto na Tabela 3 na sequência. Uma vez eliminadas as variações individuais, fica visível que o verbo “*think*” tem Taxa de Uso Correto (CUR) maior do que o verbo “*catch*”, voltando a confirmar as previsões em (9).

26 Segundo notação usada por Yang (2002): (7/16) = 7 ocorrências corretas dentre 16 ocorrências.

27 CUR: Taxa de Uso Correto, do inglês *Correct Usage Rate*.

28 Citação original: “with a single class, the more frequently a verb is heard, the better it’s CUR”.

29 Citação original: “a disproportionately large number of uses from Abe”.

Tabela 2 – Classes Verbais Irregulares

Classe/Regra	Verbos agrupados por classes		Frequência de <i>input</i>
	Forma	C(x)	
[-t & Vowel Shortening]	lose	97,6% (80/82)	lost (63)
	leave	94,9% (37/39)	left (53)
	catch	93% (132/142)	caught (36)
[-t & Rime → a]	think	86,9% (119/137)	thought (363)
	bring	83,3% (30/36)	brought (77)
	buy	82,6% (38/46)	bought (70)
[-∅ & No Change]	put	95,2% (239/251)	put (2,248)
	hit	90,8% (79/87)	hit (66)
	hurt	86,6% (58/67)	hurt (25)
	cut	71,1% (32/45)	cut (21)
[-∅ & Vowel Shortening]	shoot	93,8% (45/48)	shot (14)
	bite	89,2% (33/37)	bit (13)
[-∅ & Backing ablaut]	get	95,9% (1269/1323)	got (1,511)
	take	90,1% (118/131)	took (154)
	write	74,1% (20/27)	wrote (28)
	win	55,6% (20/36)	win (36)
[-∅ & Rime → u]	know	73,9% (17/23)	knew (49)
	throw	32,4% (11/34)	threw (28)

Fonte: YANG, 2002, p. 78-9.

Tabela 3 – Classe Verbal Irregular [-t & Rime → a]

Crianças	Verbos agrupados por classes	
	Forma	C(x)
Adam, Eve e Sarah	think	100% (44/44)
	catch	96,5% (110/114)
Abe	think	80,6% (75/93)
	catch	78,6% (22/28)

Fonte: YANG, 2002, p. 79.

Esclarecida a questão em relação à Taxa de Uso Correto de “*think*”, Yang (2002) reafirma que

quando os verbos são agrupados em classes definidas por regras fonológicas, a performance deles é, sem exceção, ordenada pelas suas

frequências de *input*. Isso inequivocamente aponta para a conclusão que verbos irregulares são organizados em classes (definidas por regras)³⁰ (YANG, 2002, p. 80).

Em relação à previsão exposta em (10) (Para dois verbos de classes diferentes: se $F_{x1} = F_{x2}$, então $C(x1) > C(x2)$ se $F_{s1} > F_{s2}$, o que significa que a Taxa de Uso Correto ($C(x)$) de um verbo x pode ser alta mesmo que a frequência deste verbo seja baixa, desde que as frequências dos membros da classe do verbo sejam altas), Yang (2002) compara as Taxas de Uso Correto de duas classes de verbos com baixas frequências de *input* (menor ou igual a 25), como pode ser visto na Tabela 4 abaixo; e compara os dados de dois verbos irregulares com baixas frequências de *input* (25 e 21), mas com alta $C(x)$, com os dados de dois verbos com frequência de *input* maior (58 e 31), mas com baixa $C(x)$, como pode ser visto na Tabela 5 na sequência.

Tabela 4 – Comparação de Performance com Frequências Semelhantes

Classe/Regra	Verbos (Frequência do Input)	C(x)
[-ø & No Change]	hurt (25), cut (21)	80,4% (90/112)
[-ø & Rime → u]	draw (5), blow (7), grow (14), fly(22)	35,2% (19/54)

Fonte: YANG, 2002, p. 81.

Tabela 5 – Comparação de Performance com Frequências Diferentes

Classe/Regra	Verbos (Frequência do Input)	C(x)
[-ø & No Change]	hurt (25), cut (21)	80,4% (90/112)
[-ø & Rime → u]	know (58), throw (31)	49,1% (28/57)

Fonte: YANG, 2002, p. 79.

Yang (2002) analisa estes dados e afirma que a primeira regra ([-ø & No Change]), que é aplicada nos verbos “*hurt*” e “*cut*”,

é amplamente representada no *input*, incluindo *hit*, *let*, *set*, *cut*, *put*, etc, que têm frequências de uso bastante elevadas, totalizando mais de 3.000 ocorrências. Cada ocorrência de tais verbos aumenta o peso da regra da classe. Assim, *hurt* e *cut* pegam uma 'carona de graça' (*sic*), e têm um alto CUR apesar de ter uma frequência absoluta baixa³¹ (YANG, 2002, p. 81).

Os verbos que pertencem à classe da regra [-ø & Rime → u] (*blow*, *grow*, *know*, *throw*,

30 Citação original: “when verbs are grouped into classes defined by phonological rules, their performance is, without exception, ordered by their input frequencies. This unequivocally points to the conclusion that irregular verbs are organized in (rule-defined) classes”.

31 Citação original: “is amply represented in the input, including *hit*, *let*, *set*, *cut*, *put*, etc, which have very high usage frequencies, totaling over 3,000 occurrences. Every occurrence of such verbs increases the weight of the class rule. Hence, *hurt* and *cut* get a free ride, and have a high CUR despite a low absolute frequency”.

draw e *fly*), por sua vez, totalizam apenas 125 ocorrências na amostra de *input*. Como a probabilidade de uma regra *R* ser aplicada é diretamente ligada à soma da frequência de cada verbo que pertence à classe *S*, o peso da primeira regra deve ser consideravelmente mais alto do que o da segunda regra – consequentemente, o CUR da regra [-ø & No Change] deve ser maior do que o da regra [-ø & Rime → u] e a assimetria entre as Taxas das duas classes pode ser explicada.

É interessante destacar que Yang (2002, p. 64) ressalta que “as regras irregulares de formação de passado são geralmente bem motivadas por processos fonológicos que são abundantemente atestados na língua”. A regra de encurtamento de vogal presente nos dados do inglês aqui mostrados, por exemplo, também é encontrada em outras estruturas da língua. Scott Myers (1987, p. 485) afirma que este é um processo fonológico de “encurtamento de vogais longas em sílabas fechadas, e que este encurtamento é decorrente, por sua vez, da interação entre silabificações particulares da língua e convenções universais”.

Em um sistema verbal complexo como o do português, em que existem irregularidades em diversas formas verbais além de três diferentes classes verbais regulares, o modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002) parece apresentar uma ótima solução para prever e descrever a aquisição dos verbos. Tendo em vista que os modelos de Bybee (1995) e de Andersen (2008) não assumem a influência da frequência das classes na aquisição verbal, isso os tornam, a partir de uma primeira análise do sistema verbal do PB e da aquisição dos verbos, modelos incompletos para analisar e descrever nossos dados. O modelo apresentado por Clahsen, Avelado e Roca (2002), por sua vez, assume que os verbos regulares e irregulares são processados de forma qualitativamente distintas – os verbos regulares por regras e os verbos irregulares por memorização do léxico – o que parece não ser compatível com o PB, já que, nessa língua, as crianças apresentam desempenho semelhante em relação a esses dois tipos de verbos.

No próximo capítulo apresentaremos a descrição do sistema verbal do português brasileiro e, na seção 4.1, as classes verbais regulares e irregulares do PB, formuladas por nós a partir dos dados de nossa amostra *input* e das descrições teóricas do Modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002). A última seção apresenta as discussões de como analisaremos os dados do PB infantil à luz do modelo de Yang (2002).

4. AS CLASSES VERBAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os verbos do português podem ser divididos entre verbos regulares e irregulares. Os verbos regulares possuem a característica de não sofrerem alterações no radical nem no sufixo flexional em todo o paradigma conjugacional; enquanto os verbos irregulares se caracterizam por possuir, em pelo menos uma forma verbal de seu paradigma, alterações no radical ou na desinência (ou em ambos). Neste capítulo, faremos uma análise dos verbos do português brasileiro, dividindo-os em classes verbais de acordo com a descrição do modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002). O capítulo está dividido da seguinte maneira: teceremos uma breve descrição da morfologia verbal do PB, na seção 4.1 dividiremos e descreveremos, com base em nossa amostra de dados de *input*, as classes verbais do PB, e na seção 4.2 discutiremos a melhor forma de analisar nossos dados à luz do modelo de Yang (2002).

Os verbos regulares são divididos em três conjugações: i) 1ª conjugação, caracterizada pela vogal temática *-a* (exemplo: verbos *amar, cantar, brincar*); ii) 2ª conjugação, caracterizada pela vogal temática *-e* (exemplo: verbos *comer, viver, bater*); iii) 3ª conjugação, caracterizada pela vogal temática *-i* (exemplo: verbos *partir, existir, desistir*). Dentre as conjugações, como destacam Lorandi e Lamprecht (2008), o padrão mais produtivo do português em relação à formação de novos verbos é a primeira conjugação, sendo que a segunda e a terceira conjugações são muito pouco produtivas. As autoras exemplificam esta afirmação com os verbos “deletar” e “linkar”, recentemente inseridos em nossa língua através do verbo “*to delete*” e do substantivo “*link*”, ambos importados do inglês. Os novos verbos formados a partir de substantivos e adjetivos do português geralmente seguem, da mesma forma, os padrões da primeira conjugação, como os verbos “bombar” e “adoçar”, formados a partir dos adjetivos “bomba” e “doce”, respectivamente.

A estrutura morfológica das formas verbais regulares do português é, segundo a gramática estruturalista, “T (R + VT) + SF (SMT + SNP)” (MATTOSO CÂMARA JR, 1977, p. 104): um tema, formado pela adição de uma vogal temática à raiz do verbo, adjungido a um sufixo flexional, formado pelos sufixos cumulativos modo-temporal e número pessoal. Santos e Scarpa (2003), em uma descrição mais atual, descrevem a estrutura dos verbos do português com a adição do aspecto (perfectivo ou imperfectivo)

como característica do sufixo modo-temporal, classificando-o como um sufixo de tempo/modo/aspecto (TMA). Exemplos da estrutura morfológica de verbos do PB, de acordo com a estrutura proposta por Santos e Scarpa (2003) podem ser vistos no Quadro 1:

Quadro 1 – Estrutura Morfológica dos Verbos Regulares do PB

Raiz	Vogal Temática	Desinência TMA	Desinência NP
am	a	re	mos
com	e	Ø	m
part	i	sse	Ø

Fonte: SANTOS; SCARPA, 2003, p. 251-2.

Como podemos observar nas formas acima, a realização fonológica das desinências nem sempre estão presentes nas formas verbais, podendo aparecer como morfema zero (Ø). A não realização fonológica (morfema zero: Ø) da desinência TMA em “comem”, por exemplo, caracteriza que a forma verbal está no tempo presente do indicativo, já a não realização fonológica da desinência NP em “partisse” caracteriza que a forma verbal é de terceira pessoa do singular.

Os verbos irregulares, como já dito, se caracterizam por possuírem alterações no radical (em relação ao radical da forma infinitiva) e/ou no sufixo flexional (em relação ao padrão regular). A forma “fiz-e-ram” (3ª pessoa do plural no pretérito perfeito do indicativo do verbo “fazer”) é um exemplo de forma verbal que possui irregularidade apenas no radical – apresenta a alternância /a/ → /i/ no radical, ao qual é adjungido o sufixo flexional regular de 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito. A forma “est-ou” (1ª pessoa do singular no presente do indicativo do verbo “est-ar”) é um exemplo de forma verbal que possui irregularidade apenas no sufixo flexional – apresenta uma ditongação (/o/ → /ou/) no sufixo flexional que é adjungido à raiz (ao passo que os verbos regulares de 1ª conjugação apresentam o sufixo o). A forma “coube” (3ª pessoa do singular no pretérito perfeito do indicativo do verbo “cab-er”) é um exemplo de forma verbal que possui irregularidades tanto no radical quanto no sufixo flexional – apresenta a alternância /a/ → /ou/ no radical e a adjunção do sufixo flexional -e, irregular em relação ao sufixo regular de 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito da 2ª conjugação (-eu).

As irregularidades mais comuns de verbos acontecem no radical das formas e podem ocorrer tanto na parte vocálica, como o exemplo dado “coube”, quanto na parte

consonantal, como ocorre nos verbos “poder” (posso), “fazer” (faço, farei) e “trazer” (trago, trouxe).

Apesar de formarem um conjunto muito pequeno (com cerca de 50 verbos diferentes), os verbos irregulares figuram entre os mais frequentes do PB segundo o Dicionário de Frequência do Português Brasileiro Contemporâneo (BIDERMAN, 1997), formulado com base em dados do português escrito. Como podemos conferir no Quadro 2 abaixo, os 12 verbos mais frequentes do PB possuem alguma irregularidade em sua conjugação. No Quadro 2 podemos observar também que 8 dos 12 verbos irregulares mais frequentes apresentam a vogal temática *-e*, enquanto para os verbos 8 regulares apresentados, 7 apresentaram a VT *-a* (e apenas uma VT *-e*). As formas verbais irregulares estão indicadas pelo sombreamento das células no quadro.

Quadro 2 – Verbos mais frequentes do Português Brasileiro

1º	Ser	11º	Saber
2º	Ter	12º	Querer
3º	Ir	13º	Ficar
4º	Estar	14º	Achar
5º	Poder	15º	Dever
6º	Dizer	16º	Falar
7º	Haver	17º	Chegar
8º	Fazer	18º	Precisar
9º	Dar	19º	Começar
10º	Ver	20º	Olhar

Fonte: ANDERSEN, 2008, p. 11.

Os verbos do português são flexionados em pessoa, número, tempo e modo (e aspecto, de acordo com Santos e Scarpa (2003)). Em relação à pessoa e número, o paradigma conjugacional do português possui três pessoas (1ª, 2ª e 3ª) com suas respectivas formas de singular e plural, porém a 2ª pessoa do plural (vós) e do singular (tu) já não são mais utilizadas no PB.

Outro processo que ocorre cada vez mais frequentemente no português brasileiro coloquial é o uso da forma “a gente” no lugar do pronome de 1ª pessoa do plural “nós”. A forma “a gente” porém, não apresenta concordância de 1ª pessoa do plural, mas de 3ª pessoa do singular. Esta incompatibilidade entre a semântica do pronome (de 1ª pessoa do

plural) e a concordância em relação à flexão verbal esperada parece causar uma certa confusão nos falantes adultos e nas crianças em fase de aquisição de linguagem³²: ocorrências de uso de “a gente” com uma forma verbal de 1ª pessoa do plural estão presentes em nossa amostra de *input* (língua adulta – exemplo de nossa amostra em (1)) e obtivemos, em nossos dados, duas ocorrências de troca de número ou pessoa com o pronome “a gente”, que podemos ver em (2) e (3) abaixo:

(1) *MOT: agora a gente num [= não] vamos sair não. (*input* Lz – 1;11.16)

(2) *CHI: a gente *vamos* passear. (*Lu* – 3;4.0)

(3) *CHI: e daí que a gente não *consegui* chegar até a rodoviária. (*Ar* – 3;4.19)

Por ocorrerem no *input* infantil, não consideraremos as ocorrências semelhantes às mostradas acima como formas morfológicamente variantes, pois elas não representam, para nossa análise, inadequação da produção infantil.

Outro tipo de ocorrência que não representa, para nossas análises, inadequação da produção infantil é a utilização de uma forma de singular quando o esperado seria uma forma do plural, que antes era mais visível em falantes com baixo nível de escolaridade e que hoje já aparece frequentemente na língua coloquial de falantes com nível de escolaridade mais alto. Assim, não é incomum ouvir um falante com um nível de escolaridade mais alto produzindo um enunciado como “*correu as crianças*”. Em sentenças como a apresentada, com o sujeito posposto ao verbo, a aparente falta de concordância se torna ainda mais comum do que em sentenças com ordem direta (sujeito, verbo, objeto). Kato (1989, p. 116) destaca que em sentenças deste tipo “a concordância se torna opcional, havendo a tendência de se suprimi-la totalmente”.

Da mesma forma, ocorrências de troca de modo – como a utilização de uma forma verbal no modo indicativo quando o esperado pelo contexto seria uma forma no modo subjuntivo – estão presentes na língua adulta coloquial no Brasil e, conseqüentemente, no *input* das crianças³³. Como exemplo deste tipo de ocorrência no *input*, obtivemos o seguinte dado em nossa amostra de *input*:

*MOT: agora eu quero que você *tira* essa fralda antes de a gente começar. (*input* Lz –

32 Outra possibilidade de análise para este tipo de ocorrência é dizer que, para alguns dialetos do PB (de baixa escolaridade, por exemplo), o uso da forma “a gente” com concordância de 1ª pessoa do plural parece ser mais formal.

33 Ruth Lopes (comunicação pessoal) destaca que o subjuntivo é um modo “*irrealis*” (expressa possibilidade, incerteza), um traço semântico mais complexo, podendo essa ser uma justificativa para a aquisição tardia do modo subjuntivo pelas crianças.

3;7.21)

Como as ocorrências citadas fazem parte do *input* ao qual a criança está exposta, não as levaremos em conta nas análises e discussões que faremos a seguir, já que elas não devem ser consideradas como ‘erros’ ou desvios da forma adulta. Tais dados serão descritos no início das seções para fins de registro e contabilização da produção verbal das crianças observadas, mas não serão mais considerados na análise das formas morfológicamente variantes.

As possibilidades de flexões dos verbos do português estão exemplificadas – de acordo com a gramática do português brasileiro da região sudeste (predominantemente de São Paulo), presente no *input* das crianças analisadas – através da conjugação do verbo regular “cantar” no Quadro 3 abaixo:

Quadro 3 – Conjugação do Verbo Regular Cantar

(Continua)

Modo	Tempo	Conjugação	
Indicativo	Presente	eu	canto
		você	canta
		ele/ela	canta
		nós (a gente)	cantamos (canta)
		vocês	cantam
		eles/elas	cantam
Indicativo	Pretérito Perfeito	eu	cantei
		você	cantou
		ele/ela	cantou
		nós (a gente)	cantamos (cantou)
		vocês	cantaram
		eles/elas	cantaram
Indicativo	Pretérito Imperfeito	eu	cantava
		você	cantava
		ele/ela	cantava
		nós (a gente)	cantávamos (cantava)
		vocês	cantavam
		eles/elas	cantavam

Quadro 3 – Conjugação do Verbo Regular Cantar

(Continuação)

Indicativo	Futuro	eu	cantarei
		você	cantará
Condicional	Futuro do Pretérito	ele/ela	cantará
		nós (a gente)	cantaremos (cantará)
		vocês	cantarão
		eles/elas	cantarão
		eu	cantaria
		você	cantaria
		ele/ela	cantaria
		nós (a gente)	cantaríamos (cantaria)
		vocês	cantariam
Subjuntivo	Presente	eles/elas	cantariam
		eu	(que eu) cante
		você	(que você) cante
		ele/ela	(que ele/ela) cante
		nós (a gente)	(que nós) cantemos (que a gente) cante
		vocês	(que vocês) cantem
		eles/elas	(que eles/elas) cantem
Subjuntivo	Pretérito Imperfeito	eu	(se eu) cantasse
		você	(se você) cantasse
		ele/ela	(se ele/ela) cantasse
		nós (a gente)	(se nós) cantássemos (se a gente) cantasse
		vocês	(se vocês) cantassem
		eles/elas	(se eles/elas) cantassem
Subjuntivo	Futuro	eu	(quando eu) cantar
		você	(quando você) cantar
		ele/ela	(quando ele/ela) cantar
		nós (a gente)	(quando nós) cantarmos (quando a gente) cantar
		vocês	(quando vocês) cantarem
		eles/elas	(quando eles/elas) cantarem

Quadro 3 – Conjugação do Verbo Regular Cantar

(Conclusão)

Imperativo	(Afirmativo)	eu	-
		você	cante
		ele/ela	cante
		nós	cantemos
		(a gente)	(cante)
		vocês	cantem
		eles/elas	cantem
Imperativo	(Negativo)	eu	-
		você	cante
		ele/ela	cante
		nós	cantemos
		(a gente)	(cante)
		vocês	cantem
		eles/elas	cantem

4.1 AS CLASSES VERBAIS

4.1.1 As Classes Verbais Regulares

Charles Yang (2002) utiliza na descrição de seu modelo *Rules and Competition* o sistema verbal do inglês, uma língua que possui apenas uma grande classe de verbos regulares (sufixo *-ed*), apresenta irregularidades na conjugação praticamente apenas em verbos no passado (*past tense* e *past participle*, apenas o verbo “*be*” e os verbos auxiliares modais³⁴ apresentam irregularidades em outros tempos) e apresenta pouca distinção de pessoa na conjugação. Para entendermos melhor o sistema verbal do inglês, observemos três exemplos de variações de conjugação: o verbo regular “*call*” (chamar, telefonar) e os verbos irregulares “*become*” (tornar-se) e “*be*” (ser), conjugados no presente (*present tense*) e no passado (*past tense*) respectivamente em (4), (5) e (6) abaixo:

34 Verbos auxiliares modais do inglês: *can, could, may, might, must, shall, will, ought to* e *would*.

(4)	Present Tense	Past Tense
1 ^a sg.	<i>Call</i>	<i>Called</i>
2 ^a sg.	<i>Call</i>	<i>Called</i>
3 ^a sg.	<i>Calls</i>	<i>Called</i>
1 ^a pl.	<i>Call</i>	<i>Called</i>
2 ^a pl.	<i>Call</i>	<i>Called</i>
3 ^a pl.	<i>Call</i>	<i>Called</i>
(5)	Present Tense	Past Tense
1 ^a sg.	<i>Become</i>	<i>Became</i>
2 ^a sg.	<i>Become</i>	<i>Became</i>
3 ^a sg.	<i>Becomes</i>	<i>Became</i>
1 ^a pl.	<i>Become</i>	<i>Became</i>
2 ^a pl.	<i>Become</i>	<i>Became</i>
3 ^a pl.	<i>Become</i>	<i>Became</i>
(6)	Present Tense	Past Tense
1 ^a sg.	<i>Am</i>	<i>Was</i>
2 ^a sg.	<i>Are</i>	<i>Were</i>
3 ^a sg.	<i>Is</i>	<i>Was</i>
1 ^a pl.	<i>Are</i>	<i>Were</i>
2 ^a pl.	<i>Are</i>	<i>Were</i>
3 ^a pl.	<i>Are</i>	<i>Were</i>

O português, por sua vez, possui um sistema verbal muito mais complexo do que a língua inglesa. Enquanto o inglês apresenta apenas uma grande classe regular, o português possui três conjunções regulares, determinadas pelas vogais temáticas (VT) de sua forma no infinitivo. Além disso, o sistema verbal do português apresenta irregularidades em todos os tempos verbais e utiliza distinção flexional entre as pessoas de um paradigma verbal.

Para aplicarmos o modelo *Rules and Competition* no português, precisamos, portanto, adaptar os conceitos descritos por Yang (2002) ao sistema verbal do PB. Para tanto, classificaremos os verbos do PB, separando-os nas devidas classes verbais regulares e irregulares. Como dados para a classificação, utilizamos uma amostra do sistema verbal ao qual as crianças em processo de aquisição do PB estão expostas – selecionamos as formas verbais do *input* de Lz³⁵, contando e classificando as ocorrências de acordo com os

³⁵ Utilizamos as gravações de Lz por ter o maior número de sessões disponíveis dentre as crianças, um total

padrões conjugacionais³⁶. Calculamos também a frequência média³⁷, dado que utilizaremos tal frequência na seção de análise de nossos dados, para a aplicação dos cálculos propostos pelo modelo de Yang (2002). Obtivemos um total de 59942 formas verbais flexionadas (*tokens*), distribuídas em 484 diferentes formas verbais (*types*). As formas verbais flexionadas regulares da amostra de *input* podem ser vistas no Apêndice A.

A primeira classe regular corresponde à 1ª Conjugação do português, caracterizada pela VT -a. Na amostra do *input* de *Lz* obtivemos 22562 formas verbais flexionadas da 1ª Conjugação (*tokens*), distribuídas em 320 diferentes formas verbais (*types*), resultando em uma frequência média (número total de formas da Conjugação produzidas, dividido pelo número de formas diferentes na Conjugação) de 70,50. Os verbos da 1ª Conjugação da amostra de *input* podem ser vistos, agrupados em sua forma infinitiva³⁸, na lista (7) abaixo³⁹:

(7)	Abaixar	11	Apertar	126	Chegar	172
	Acabar	366	Arrumar	40	Cheirar	11
	Achar	832	Assoprar	10	Chorar	91
	Acordar	53	Balançar	10	Chutar	3
	Acreditar	13	Beijar	47	Colocar	222
	Adivinhar	2	Botar	204	Começar	68
	Adorar	61	Brigar	2	Comprar	111
	Ajudar	301	Brincar	171	Consertar	15
	Alcançar	1	Cansar	6	Contar	215
	Amar	21	Cantar	83	Continuar	27
	Amarrar	2	Carregar	31	Conversar	30
	Amassar	34	Casar	1	Cortar	28
	Andar	18	Catar	4	Cuidar	13
	Apagar	36	Chamar	67	Dar	880
	Dançar	16	Funcionar	22	Pintar	31

de 99 sessões, gerando uma amostra maior de dados de *input*.

36 Foram selecionadas da amostra de *input* todas as formas verbais que ocorreram também nos dados das crianças. Dados que ocorreram apenas na amostra de *input* não foram computados, já que a finalidade da amostra é analisar a influência das frequências na aquisição de verbos pelas crianças.

37 Frequência média: número total de *tokens* dividido pelo número total de *types*.

38 O número de ocorrências de abaixar, por exemplo, corresponde à soma do número de ocorrências de todas as formas flexionadas do verbo (ex.: ocorrências de abaixa (10 ocorrências) + ocorrências de abaixou (1 ocorrência)).

39 Verbos que possuem tanto formas regulares quanto irregulares na amostra aparecem computados nas duas classificações. O verbo “dar”, por exemplo, teve a soma de suas formas regulares (“dá”, “dava” e “dei”) igual a 880, enquanto as formas irregulares “dou” e “deu” ocorreram 25 e 240 vezes, respectivamente.

Deitar	27	Furar	6	Pisar	24
Deixar	854	Ganhar	62	Precisar	141
Demorar	7	Gostar	385	Procurar	34
Derrubar	6	Guardar	78	Pular	84
Desculpar	24	Imitar	18	Puxar	31
Desenhar	195	Incomodar	4	Quebrar	126
Desligar	8	Jogar	138	Queimar	8
Desmontar	14	Jurar	1	Rabiscar	5
Empurrar	7	Largar	5	Ralar	1
Encaixar	104	Lavar	51	Rasgar	11
Encontrar	26	Lembrar	161	Remar	10
Enfeitar	1	Levantar	18	Salvar	8
Enrolar	6	Levar	50	Sarar	1
Ensinar	9	Ligar	42	Segurar	73
Entrar	38	Limpar	57	Sentar	451
Enxergar	1	Machucar	85	Secar	1
Escorregar	5	Mandar	8	Sobrar	6
Escovar	7	Matar	2	Soltar	21
Esperar	251	Mergulhar	8	Soprar	1
Espetar	1	Misturar	8	Sujar	23
Esquentar	8	Molhar	7	Tentar	22
Estar	6254	Montar	44	Terminar	4
Estourar	7	Morar	28	Tirar	296
Estragar	70	Mostrar	88	Tocar	76
Estudar	1	Mudar	15	Tomar	220
Experimentar	3	Olhar	3563	Trabalhar	20
Falar	660	Parar	25	Transformar	3
Faltar	72	Passar	141	Trocar	24
Fechar	257	Passear	2	Usar	55
Ficar	632	Pegar	1255	Virar	145
Filmar	5	Pensar	34	Voar	27
Formar	1	Perguntar	26	Voltar	114
Fritar	10	Picar	2		

A segunda classe regular corresponde à 2ª Conjugação, caracterizada pela VT *-e*. Na amostra do *input* de *Lz* obtivemos 3183 formas verbais flexionadas da 2ª Conjugação (*tokens*), distribuídas em 68 diferentes formas verbais (*types*), resultando em uma frequência média de 46,80. Os verbos da 2ª Conjugação da amostra de *input* podem ser

vistos, agrupados em sua forma infinitiva, na lista em (8) abaixo:

(8)	Acender	14	Desaparecer	2	Morrer	18
	Acontecer	19	Descer	18	Nascer	10
	Aparecer	56	Dever	53	Parecer	102
	Aprender	14	Doer	36	Perder	31
	Arder	1	Entender	230	Poder	518
	Atender	5	Escolher	2	Prender	4
	Bater	79	Esconder	3	Querer	777
	Beber	15	Escrever	26	Saber	323
	Caber	47	Esqueceu	22	Ser	81
	Chover	15	Haver	4	Ter	9
	Comer	319	Ler	21	Valer	5
	Conhecer	29	Mexer	47	Ver	185
	Correr	23	Morder	15	Viver	5

A terceira classe regular corresponde à 3ª Conjugação, caracterizada pela VT -i. Na amostra do *input* de *Lz* obtivemos 1481 formas verbais flexionadas da 3ª Conjugação (*tokens*), distribuídas em 41 diferentes formas verbais (*types*), resultando em uma frequência média de 36,12. Os verbos da 3ª Conjugação da amostra de *input* podem ser vistos, agrupados em sua forma infinitiva, na lista em (9) abaixo:

(9)	Abrir	348
	Cair	477
	Cobrir	11
	Conseguir	213
	Construir	1
	Cuspir	2
	Descobrir	3
	Destruir	6
	Dirigir	1
	Dormir	59
	Engolir	8
	Existir	8
	Fingir	20
	Fugir	5
	Ir	52
	Ouvir	22
	Partir	3

Pedir	16
Rir	1
Sair	53
Servir	23
Subir	31
Sumir	51
Tossir	67

Em termos de frequência do *input* obtido, observamos que a 1ª Conjugação é a que apresenta a maior frequência média dentre os verbos regulares (frequência média: 70,50), seguida pela 2ª Conjugação (frequência média: 46,8) e pela 3ª Conjugação (frequência média: 36,12).

4.1.2 As Classes Verbais Irregulares

Com relação aos verbos irregulares, na amostra do *input* de *Lz* obtivemos 32716 formas verbais flexionadas (*tokens*), distribuídas em 55 diferentes formas verbais (*types*) e 41 classes verbais formadas por nós a partir das diferentes regras irregulares para formação dos tempos.

As formas verbais irregulares podem ser vistas nas Tabelas 6 a 16 abaixo, separadas e classificadas a partir da pessoa, número, tempo e modo a que as classes verbais pertencem. Em cada tabela, a primeira coluna numera a classe verbal (proposta por nós); a segunda coluna corresponde à regra fonológica aplicada na forma verbal (também propostas por nós); a terceira coluna apresenta exemplos da forma verbal irregular flexionada; a quarta coluna corresponde ao número de ocorrências da forma no *input* de *Lz* (*tokens*); e a quinta coluna corresponde à frequência da classe verbal (soma das frequências de todos os membros da classe) no *input*.

Tabela 6 – Classes Irregulares da 1ª Pessoa do Singular do Presente do Indicativo

Classe	Regra R	Forma	Tokens no Input	Frequência da Classe
1	Alternância /X/ → /s/ na segunda consoante do radical	Posso	109	143
		Faço	34	
2	Alternância /X/ → /i/ na vogal do radical	Prefiro	1	131
		Consigo	130	
3	Alternância /X/ → /ey/ na vogal do radical	Leio	3	3
4	Irregularidade total	Sei	345	345
5	Irregularidade total	Vou	822	822
6	Sufixo flexional <i>-ejo</i>	Vejo	6	6
7	Sufixo flexional <i>-nho</i>	Ponho	18	79
		Tenho	61	
		Sou	137	
8	Sufixo flexional <i>-ou</i>	Estou	859	1021
		Dou	25	

Tabela 7 – Classes Irregulares da 3ª Pessoa do Singular do Presente do Indicativo

Classe	Regra R	Forma	Tokens no Input	Frequência da Classe
1	Alternância /X/ → /o/ na vogal do radical	Sobe	37	51
		Foge	14	
		Diz	26	
2	Ausência de sufixo flexional	Traz	76	2482
		Faz	351	
		Quer	2029	
3	Irregularidade total	É	10880	10880
4	Irregularidade total	Vai	3408	3408
5	Sufixo flexional <i>-em</i>	Vem	2448	4790
		Tem	2342	
		Ri	207	
6	Sufixo flexional <i>-i</i>	Sai	97	382
		Cai	78	
7	Sufixo flexional <i>-oe</i>	Põe	693	693

Tabela 8 – Classes Irregulares da 1ª Pessoa do Plural do Presente do Indicativo

Classe	Regra R	Forma	<i>Tokens no Input</i>	Frequência da Classe
1	Irregularidade total	Vamos	2710	2710

Tabela 9 – Classes Irregulares da 3ª Pessoa do Plural do Presente do Indicativo

Classe	Regra R	Forma	<i>Tokens no Input</i>	Frequência da Classe
1	Irregularidade total	Vão	68	68
2	Sufixo flexional <i>-ão</i>	Estão	234	374
		São	140	

Tabela 10 – Classes Irregulares da 1ª Pessoa do Singular do Pretérito Perfeito

Classe	Regra R	Forma	<i>Tokens no Input</i>	Frequência da Classe
1	Alternância /X/ → /i/ na vogal do radical e ausência de sufixo flexional	Fiz	131	131
2	Alternância /X/ → /ow/ na vogal do radical, alternância /X/ → /s/ na última consoante do radical e sufixo flexional <i>-e</i>	Trouxe	28	28
3	Alternância /X/ → /ow/ na vogal do radical e sufixo flexional <i>-e</i>	Soube	2	2
4	Irregularidade total	Quis	13	13
5	Irregularidade total	Fui	45	45
6	Sufixo flexional <i>-im</i>	Vim	17	17

Tabela 11 – Classes Irregulares da 3ª Pessoa do Singular do Pretérito Perfeito

Classe	Regra R	Forma	<i>Tokens no Input</i>	Frequência da Classe
1	Alternância /X/ → /e/ na vogal do radical e ausência de sufixo flexional	Fez	328	328
2	Irregularidade total	Foi	2472	2472
3	Sufixo flexional <i>-eio</i>	Veio	30	30
4	Sufixo flexional <i>-eu</i>	Deu	240	240
5	Sufixo flexional <i>-iu</i>	Viu	613	613
6	Sufixo flexional <i>-ôs</i>	Pôs	1	1
7	Sufixo flexional <i>-ve</i>	Teve	21	21

Tabela 12 – Classes Irregulares da 3ª Pessoa do Plural do Pretérito Perfeito

Classe	Regra R	Forma	<i>Tokens no Input</i>	Frequência da Classe
1	Alternância /X/ → /ye/ na vogal do radical	Vieram	2	2
2	Irregularidade total	Foram	27	27

Tabela 13 – Classes Irregulares da 3ª Pessoa do Singular do Pretérito Imperfeito

Classe	Regra R	Forma	<i>Tokens no Input</i>	Frequência da Classe
1	Irregularidade total	Era	153	153
2	Sufixo flexional <i>-inha</i>	Tinha	78	81
		Vinha	3	

Tabela 14 – Classes Irregulares da 3ª Pessoa do Singular do Presente do Subjuntivo

Classe	Regra R	Forma	<i>Tokens no Input</i>	Frequência da Classe
1	Alternância /X/ → /s/ na consoante do radical	Faça	59	59
2	Irregularidade total	Vá	9	9
3	Sufixo flexional <i>-eia</i>	Leia	11	11
4	Sufixo flexional <i>-eja</i>	Veja	4	4

Tabela 15 – Classes Irregulares da 1ª Pessoa do Singular do Futuro do Subjuntivo

Classe	Regra R	Forma	<i>Tokens no Input</i>	Frequência da Classe
1	Irregularidade total	Quiser	40	40

Tabela 16 – Classes Irregulares da 3ª Pessoa do Singular do Futuro do Subjuntivo

Classe	Regra R	Forma	<i>Tokens no Input</i>	Frequência da Classe
1	Sufixo flexional <i>-user</i>	Puser	1	1

Dentre os verbos irregulares, as quatro classes com maior frequência média, que possuem irregularidade total da forma e apresentam apenas um membro na classe, são: “é” (10880 *tokens*), “vai” (3408 *tokens*), “vamos” (2710 *tokens*) e “foi” (2472 *tokens*). Apenas a quinta classe com maior frequência média possui mais de uma forma verbal compartilhando o mesmo padrão: a classe “sufixo flexional *-em*”, com os membros “tem” e “vem” e uma frequência média de 2395 ocorrências. Oito classes apresentaram frequência

média menor que 10 ocorrências, todas compostas por apenas uma forma verbal: “pôs” (1 *token*), “puser” (1 *token*), “soube” (2 *tokens*), “vieram” (2 *tokens*), “leio” (3 *tokens*), “veja” (4 *tokens*), “veja” (6 *tokens*), “vá” (9 *tokens*).

Com relação às classes irregulares com mais de uma forma verbal, observamos que sete destas oito classes de verbos irregulares são formadas no tempo verbal do presente do indicativo (3 classes na 1ª pessoa do singular e 4 classes na 3ª pessoa do singular) e uma no Pretérito Imperfeito (3ª pessoa do singular). Destacamos também que estas classes irregulares possuem frequência média bastante elevada: todas as oito classes possuem frequência maior do que a 3ª Conjugação regular.

Nas classes irregulares com apenas um membro com ocorrências na amostra de *input* infantil, 16 dos 35 verbos possuem frequência média menor do que a 3ª Conjugação dos verbos regulares (menor frequência média dos regulares – 36,12). Em contraponto, 15 dos 35 verbos possuem frequência média maior do que a 1ª Conjugação dos verbos regulares (maior frequência média dos regulares – 70,5) e as 4 demais formas verbais possuem frequência média entre os valores destas duas conjugações (entre 36,12 e 70,5). 27 das 41 classes irregulares apresentam, portanto, frequência média igual ou maior do que a terceira classe regular (3ª Conjugação), o que corresponde a 65,8% das classes irregulares.

4.2 O MODELO *RULES AND COMPETITION* E AS CLASSES VERBAIS DO PB

Como já vimos, de acordo com o modelo *Rules and Competition*, a probabilidade de uma regra ser aplicada a um verbo x depende de $P(x \in S)$, que é a probabilidade de o verbo x pertencer à classe de verbos S , e de P_R , que é a probabilidade de a regra R ser aplicada. Estas duas possibilidades estão diretamente ligadas à frequência do item e à frequência da classe, já que a probabilidade P_R tem seu valor aumentado quando qualquer membro da classe S é acionado (produzido ou ouvido) e $P(x \in S)$ tem seu valor aumentado quando a forma x é acionada (produzida ou ouvida). Assim, a correta produção de uma forma x está diretamente ligada à frequência do item e também à frequência média da classe.

Tomando como exemplo a classe formada pelo padrão irregular “ausência de

sufixo” na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, observamos que a forma verbal “quer” e a forma verbal “diz”, apesar de possuírem a mesma frequência de classe, possuem frequências de ocorrências bastante diferentes (2029 e 26, respectivamente). A partir destes dados podemos prever que a forma verbal “quer” será menos suscetível ao erro do que a forma verbal “diz”. Em outras palavras, de acordo com o modelo RC, a taxa de uso correto ($C(x)$) de “quer” deverá ser maior do que a taxa de uso correto de “diz”.

Ao aplicar o modelo de Yang (2002) ao português brasileiro, observamos que não temos, no PB, uma classe com uma regra *default* assim como a classe regular do inglês. Uma saída seria assumir que a 1ª Conjugação, por ser a maior, a com maior número de ocorrências e, segundo Lorandi e Lamprecht (2008), a única classe produtiva do PB, é a classe com regra *default* no sistema verbal do PB. Assim, a probabilidade inicial de a regra da 1ª Conjugação ser aplicada seria igual a 1 para qualquer verbo. A cada acionamento da forma flexionada x que não pertence à 1ª Conjugação (escutar ou produzir a forma x) e de formas verbais da mesma classe de x , aumentaria a probabilidade de x pertencer a sua classe S e de a regra R correspondente ser aplicada. Portanto, os verbos de 1ª Conjugação deveriam, por terem sua regra aplicada de forma *default*, apresentar a mais alta taxa de uso correto ($C(x)$). Para as demais classes, quanto maiores as frequências da forma e da classe, mais rápida será a aquisição da regra da classe e de seus membros.

Outra opção que surge para aplicar o modelo *Rules and Competition* ao PB seria assumir que não existe uma regra específica com probabilidade inicial igual a 1. Assim, a competição da regra R de uma forma x aconteceria com todas as demais formas já existentes no sistema flexional da criança. Da mesma forma como ocorre pela descrição de Yang (2002), a aquisição das formas seria gradual e aprimorada a cada acionamento da forma em questão e das demais formas que compartilham o padrão.

De acordo com nossa amostra de dados do PB adulto, a primeira possibilidade de aplicação do modelo ao português (com a 1ª Conjugação sendo *default*) parece ser a mais adequada, por ser a mais frequente e a mais numerosa do *input*. Analisando, porém, os dados de estudos em aquisição de verbos do PB, como os dados apresentados por Figueira (2010), observamos que não parece existir, pelo menos durante o período inicial de aquisição de linguagem, uma regra *default* no que tange as previsões do modelo *Rules and Competition*.

Como mostramos na seção 2.1 deste trabalho, Figueira (2010) observou que as

crianças produziram trocas de conjugação em todos os sentidos – ou seja, aplicaram regras da 1ª conjugação em verbos de 2ª e 3ª Conjugação, mas também aplicaram regras da 2ª e da 3ª Conjugação em verbos de 1ª Conjugação – o que é indício de que as crianças não têm uma regra *default* em seu sistema verbal. Desta forma, assumimos que nenhuma das regras de formação de verbos possuem, no estado inicial, probabilidade de ser aplicada igual a 1 e que, a princípio, todas as regras são qualitativamente semelhantes e produtivas.

Assumiremos, assim, que o português brasileiro não possui uma classe verbal regular (ou irregular) *default*. Todas as regras do PB parecem ter, a princípio, a mesma probabilidade de serem selecionadas e aplicadas. No que segue, apresentaremos nosso corpus linguístico, a classificação de nosso material, nossos dados e, por fim, as discussões e as conclusões que nossos dados apresentarem.

5. OS DADOS

Como já expusemos ao longo deste trabalho, o português é uma língua que possui um complexo sistema verbal, tendo três diferentes conjugações de verbos regulares e, conforme mostramos nas Tabelas 6 a 16 (seção 4.1.2), pelo menos 41 diferentes classes de verbos irregulares, determinadas por seus padrões flexionais. Analisar a aquisição da morfologia deste rico sistema verbal, detectando os padrões que emergem no processo da aquisição e verificar como se dá a influência das frequências na aquisição verbal são os objetivos desta pesquisa (descritos por completo na introdução deste trabalho).

Para realizar o estudo, selecionamos a produção verbal espontânea de cinco crianças, entre as idades de 1;6 e 4;0 anos, adquirindo português brasileiro como língua materna. Classificamos os dados de modo a detectar os processos morfológicos aplicados pelas crianças (como a regularização ou a irregularização). Separamos os verbos em classes verbais (conforme o modelo *Rules and Competition* (YANG (2002))), e analisamos os dados, buscando observar se, além da frequência da forma verbal no *input*, a frequência da classe do verbo no *input* também exerce influência na taxa de uso correto da forma verbal. Como dados do *input*, utilizaremos os dados de *input* das gravações da criança Lz (apresentados na seção 4.1), que também representarão os dados de *input* das demais crianças⁴⁰.

Apresentaremos, na seção 5.1 deste Capítulo, nossas previsões, embasadas pelo modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002) e pelos dados até aqui expostos. Na seção 5.2, descreveremos a composição de nosso corpus linguístico, bem como o processo de seleção e de classificação dos dados. Na seção 5.3, apresentaremos os dados e suas descrições – separados por criança nas seções 5.3.1 a 5.3.5. Na seção 5.4, discutiremos o papel da frequência das classes na aquisição da flexão verbal em nossos dados, observando especialmente as previsões feitas com base no modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002). Na seção 5.5, teceremos as demais discussões de nossos dados para, na seção 5.6, apresentarmos as devidas conclusões.

40 Presumimos que todas as crianças foram expostas a dados semelhantes de *input* no que se refere às frequências das formas e das classes verbais. Utilizaremos, portanto, a mesma amostra de *input* para a análise dos dados de todas as cinco crianças.

5.1 PREVISÕES

Tendo em vista o sistema verbal a que as crianças estão expostas, delineado aqui pelo *input* a que a criança *Lz* recebeu durante 99 sessões de gravações (59942 formas flexionadas distribuídas em cerca de 50 horas de gravações), por estudos já feitos em relação ao PB e pelas previsões do modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002), podemos tecer algumas previsões a respeito do que esperamos encontrar em nossos dados:

- (1) Para dois verbos de uma mesma classe: a taxa de uso correto das formas verbais deverá ser diretamente proporcional à frequência de ocorrências no *input*: $C(x1) > C(x2)$ se $Fx1 > Fx2$. Por exemplo, a taxa de uso correto da forma “quer” deverá ser maior do que a taxa de uso correto da forma “faz”, já que a primeira forma ocorreu 2029 vezes em nossa amostra de *input* enquanto a segunda forma ocorreu apenas 351 vezes na mesma amostra utilizada.
- (2) Para dois verbos de classes diferentes com frequências de ocorrências no *input* iguais, a taxa de uso correto das formas verbais deverá ser diretamente proporcional à frequência de ocorrências das classes destes verbos no *input*: $Fx1 = Fx2$: $C(x1) > C(x2)$ se $FS1 > FS2$. Por exemplo, a taxa de uso correto da forma “sou” deverá ser maior do que a taxa de uso correto da forma “fiz”, mesmo as duas formas tendo frequências individuais bastante semelhantes (137 e 131, respectivamente), já que a classe da primeira forma teve uma frequência de 1021 ocorrências em nossa amostra de *input* enquanto a segunda forma, por ser única em sua classe, teve uma frequência de classe de apenas 131 ocorrências na mesma amostra utilizada.
- (3) Tendo em vista que o português brasileiro infantil parece não ter uma regra *default* (de acordo com o que concluímos com base nos dados de Figueira (2010), prevemos que não existirá sentido predominante nas trocas de conjugação (ou seja, esperamos tanto trocas no sentido de aplicar regras da 1ª Conjugação em verbos de 2ª e 3ª Conjugação, quanto aplicar regras da 2ª Conjugação em verbos de 1ª e 3ª Conjugação e aplicar regras da 3ª Conjugação em verbos de 1ª e 2ª Conjugação).
- (4) Tendo em vista o estudo de Laaha e Gillis (2007), (ver seção 2.1 acima), que concluiu que línguas com sistemas verbais mais ricos são mais fáceis de serem adquiridas do que línguas com sistemas verbais mais simples, prevemos que a taxa de uso correto das crianças adquirindo o português brasileiro será maior do que a

taxa de uso correto apresentado em Yang (2002) para as crianças adquirindo inglês, já que o sistema verbal do PB é mais complexo do que o do inglês.

5.2 CORPUS LINGUÍSTICO

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos dados de fala espontânea de cinco crianças entre as idades de 1;6 e 4;0 anos. Obtivemos, dentro do corpus de fala espontânea das cinco crianças, um total de 157 sessões e 16490 verbos flexionados. O intervalo de tempo entre as sessões utilizadas foi, sempre que possível, quinzenal⁴¹.

O corpus de fala espontânea faz parte do banco de dados do Projeto de Pesquisa “Aquisição do Ritmo em Português Brasileiro” da Prof^a. Dr^a. Raquel Santana Santos (DL/FFLCH/USP), financiado pela FAPESP (processo nº 03/13565-4). Para preservar a identidade, as crianças gravadas são identificadas, no decorrer deste trabalho, apenas por duas letras de seus nomes: *Ar*, *Lu*, *Lz*, *Mc* e *Ni*.

Os dados usados como base para as frequências de *input*, como já especificamos na seção 4.2, são todas as formas verbais flexionadas produzidas pelos adultos envolvidos nas gravações de *Lz*. Foram selecionadas as formas verbais regulares e irregulares de 99 sessões, totalizando 484 diferentes formas verbais (*types*) e 59942 ocorrências de formas verbais (*tokens*).

Na Tabela 17 abaixo podemos observar os números de sessões, número de diferentes formas verbais (*types*) e o número total de ocorrências (*tokens*) para cada faixa etária analisada para todas as crianças e na sequência, nas Tabelas 18 a 22, os mesmos dados separados para cada criança.

41 Para duas crianças, *Mc* e *Ni*, tivemos grandes intervalos de tempo entre as gravações: i) a criança *Mc* possui três grandes lacunas: dos 1;11.29 aos 2;4.6; dos 2;11.10 aos 3;3.18; e dos 3;4.11 aos 3;11.18; ii) a criança *Ni* possui duas grandes lacunas de gravação: dos 1;11.6 aos 2;8.8; e dos 2;10.6 aos 4;0. A criança *Ar* possui dois intervalos de aproximadamente dois meses entre as sessões: dos 2;10.26 aos 3;0.30 e dos 3;5.7 aos 3;7.28. Para as crianças *Lu* e *Lz* não tivemos grandes intervalos entre as sessões.

Tabela 17 – Distribuição de Sessões para Todas as Crianças

Idade	Número de Sessões	Número de <i>Types</i>	Número de <i>Tokens</i>
1;06	6	28	130
1;07	8	41	165
1;08	7	49	198
1;09	8	92	304
1;10	9	174	615
1;11	9	182	575
2;00	5	132	348
2;01	4	115	360
2;02	4	94	290
2;03	5	172	709
2;04	5	141	511
2;05	9	233	831
2;06	5	162	481
2;07	7	235	926
2;08	8	280	905
2;09	7	245	720
2;10	7	258	938
2;11	3	101	320
3;00	4	165	695
3;01	4	150	532
3;02	4	189	666
3;03	2	63	185
3;04	7	361	1118
3;05	3	128	436
3;06	1	23	75
3;07	2	90	357
3;08	5	323	1312
3;09	4	170	818
3;10	3	165	616
3;11	2	91	354
Total	157	4652	16490

Tabela 18 – Distribuição de Sessões e de Verbos da Criança Ar

Idade	Número de Sessões	Número de <i>Types</i>	Número de <i>Tokens</i>
1;11	1	17	37
2;00	1	30	100
2;01	2	65	191
2;02	2	57	203
2;03	2	74	391
2;04	2	66	267
2;05	2	74	306
2;06	2	75	240
2;07	2	86	329
2;08	1	46	122
2;10	2	101	355
3;00	1	50	179
3;01	1	66	234
3;02	2	125	417
3;03	1	46	120
3;04	2	149	456
3;05	1	63	151
3;07	1	62	242
3;08	2	183	761
3;09	1	59	264
3;10	1	76	194
Total	32	1570	5558

Tabela 19 – Distribuição de Sessões e de Verbos da Criança Lu

Idade	Número de Sessões	Número de <i>Types</i>	Número de <i>Tokens</i>
1;06	2	9	82
1;07	2	13	78
1;08	2	27	128
1;09	1	14	59
1;10	3	87	320
1;11	2	50	172
2;00	1	32	106
2;01	1	33	104
2;03	2	60	218
2;04	1	28	67
2;05	2	50	177
2;06	1	34	90
2;07	1	34	111
2;08	2	83	250
2;09	1	31	110
2;10	2	73	186
2;11	1	38	117
3;00	1	48	109
3;01	2	54	170
3;02	1	38	138
3;04	2	84	245
3;08	2	98	331
3;09	1	25	81
3;10	1	33	127
3;11	1	32	76
Total	38	1108	3652

Tabela 20 – Distribuição de Sessões e de Verbos da Criança Lz

Idade	Número de Sessões	Número de <i>Types</i>	Número de <i>Tokens</i>
1;06	1	6	12
1;07	2	10	60
1;08	1	6	12
1;09	2	30	66
1;10	2	18	39
1;11	3	45	175
2;00	2	46	82
2;01	1	17	65
2;02	1	17	38
2;03	1	38	100
2;04	2	47	177
2;05	3	79	252
2;06	1	30	91
2;07	3	96	416
2;08	2	44	206
2;09	1	32	107
2;10	1	20	82
2;11	1	26	75
3;00	1	19	205
3;01	1	30	128
3;02	1	26	111
3;03	1	17	65
3;04	1	38	163
3;05	1	34	169
3;06	1	23	75
3;07	1	28	115
3;08	1	42	220
3;09	2	86	473
3;10	1	56	295
3;11	1	59	278
Total	43	1065	4352

Tabela 21 – Distribuição de Sessões e de Verbos da Criança Mc

Idade	Número de Sessões	Número de <i>Types</i>	Número de <i>Tokens</i>
1;06	1	1	1
1;07	2	8	15
1;08	1	9	30
1;09	3	40	146
1;10	1	16	52
1;11	2	47	114
2;00	1	24	60
2;02	1	20	49
2;05	2	30	96
2;06	1	23	60
2;07	1	19	71
2;08	1	37	121
2;09	2	76	185
2;10	1	40	179
2;11	1	37	128
3;00	1	48	202
3;04	2	90	254
3;05	1	31	116
Total	25	596	1879

Tabela 22 – Distribuição de Sessões e de Verbos da Criança Ni

Idade	Número de Sessões	Número de <i>Types</i>	Número de <i>Tokens</i>
1;06	2	12	35
1;07	2	10	12
1;08	3	7	28
1;09	2	8	33
1;10	3	53	204
1;11	1	23	77
2;08	2	70	206
2;09	3	106	318
2;10	1	24	136
Total	19	313	1049

5.2.1 Materiais

A formação do corpus linguístico desta pesquisa se deu em três etapas: 1ª) seleção de todas as formas verbais produzidas pelas crianças; 2ª) eliminação de dados indesejáveis para nossa análise; e 3ª) classificação das formas verbais de acordo com sua produção. Para a primeira etapa, observamos cuidadosamente cada uma das transcrições das 157 sessões e selecionamos os enunciados em que pelo menos uma forma verbal flexionada foi produzida pela criança. Além de utilizar as transcrições, também fizemos uso dos áudios das gravações para sanar possíveis ambiguidades e para trazer maior precisão à classificação e maior confiabilidade aos dados selecionados.

A segunda etapa da formação do corpus linguístico foi a exclusão das ocorrências que, para esta pesquisa, são indesejáveis, como as que aparecem nos exemplos (1) a (4) abaixo:

- (1) repetições de fala: criança repetindo palavras ou sentenças inteiras de enunciados produzidos imediatamente antes. Exemplo:

*MOT: uh@i, caiu tudo ali, www!

*MOT: caiu!

*CHI: caiu!⁴².

- (2) formas ambíguas: quando não é possível fazer uma distinção entre classes de palavras, tempo verbal ou pessoa do paradigma conjugacional. Exemplo: impossibilidade de distinção entre a forma verbal de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo “mato” e o substantivo “mato” ou entre a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo “consigo” e o pronome reflexivo “consigo”.

- (3) dados em que a criança está cantando, repetindo falas da televisão, de uma música ou de uma história que está sendo contada. Exemplo:

*CHI: atirei o pau no gato+to@f [=! cantando].

- (4) formas contraídas ou que apresentaram supressão da morfologia original do verbo, impossibilitando a análise da produção. Exemplos: “deixo” (deixa eu) e “ó” (olha).

As classificações, formuladas para esta pesquisa e aplicadas em nossos dados na

42 A transcrição segue as normas de transcrições CHAT, utilizadas pelo banco de dados CHILDES. As informações significativas para o entendimento deste diálogo são: “*MOT” significa que o turno pertence à mãe, “*CHI” significa que o turno pertence à criança, @i significa que a forma é uma interjeição e “www” significa que foi enunciado o nome de uma pessoa. Informações mais detalhadas no site <<http://chilides.psy.cmu.edu/>>.

terceira etapa da formação de nosso material linguístico, podem ser vistas abaixo em (5) (para as formas verbais regulares) e (6) (para as formas verbais irregulares):

(5) Classificação das Formas Verbais Regulares

- (5.1) Formas Esperadas;
- (5.2) Irregularização: aplicação de uma regra não regular em um radical ou sufixo regular Exemplo: “ele **sibiu/subiu*⁴³”;
- (5.3) Troca de Conjugação: aplicação de um padrão conjugacional regular em um verbo também regular, mas que pertence a outra conjugação. Exemplo: produção de um verbo regular da 3ª conjugação (VT⁴⁴ -i: servir) com padrões da 2ª conjugação (VT -e: comer), formando “ele **serveu/serviu*”;
- (5.4) Troca de número ou pessoa: aplicação de um sufixo flexional que não corresponde à forma esperada em relação à concordância de número ou pessoa. Exemplo de troca de número: “eles **apareceu/apareceram*”. Exemplo de troca de pessoa: “eu **bateu/bati*”;
- (5.5) Troca de tempo ou modo: aplicação de um sufixo flexional de tempo e modo que não corresponde à forma esperada em relação à flexão de tempo e modo (de acordo com o contexto). Exemplo de troca de tempo: “você **comprou/comprará* amanhã?”. Exemplo de troca de modo: “quero que você **mora/more* aqui.”.

(6) Classificação das Formas Verbais Irregulares

- (6.1) Formas Esperadas;
- (6.2) Regularização: aplicação de regra de formação de verbos regulares em formas originalmente irregulares. Exemplo: “eu **fazi/fiz*”;
- (6.3) Troca de padrão: aplicação de outro padrão irregular em um verbo também irregular. Exemplo: “eu **fezi/fiz*”;
- (6.4) Troca de número ou pessoa: utilização de uma forma verbal irregular que não corresponde à forma esperada em relação à concordância de número ou pessoa. Exemplo de troca de número: “eles **vai/vão*”. Exemplo de troca de pessoa: “eu **é/sou*”;
- (6.5) Troca de tempo ou modo: utilização de uma forma verbal irregular que não

43 Convenção utilizada para referenciar a forma produzida pelo sujeito e a forma esperada (forma correta):
**forma produzida/forma esperada*.

44 VT: Vogal Temática.

corresponde à forma esperada em relação à flexão de modo e tempo (de acordo com o contexto). Exemplo de troca de tempo: “você **foi/vai* trabalhar na escola amanhã?”. Exemplo de troca de modo: “quero que você **traz/traga* aqui.”.

- (6.6) Outras formas morfologicamente variantes. Exemplo: “eu **puso/pus*” (adição de um sufixo flexional *-o* (encontrado na 1ª pessoa do singular do presente das 3 classes regulares), inexistente na forma irregular *pus*).

5.3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Nosso corpus linguístico é composto por 16490 formas verbais flexionadas (*tokens*) produzidas pelas cinco crianças. Deste total, 50,48% (8324 *tokens*) das formas verbais produzidas são regulares e 49,52% (8166 *tokens*) são irregulares. Os totais de produção verbal de cada criança, classificados em formas regulares ou irregulares e em formas corretas ou formas inesperadas podem ser vistos na Tabela 23 abaixo:

Tabela 23 – Totais de Produção Verbal das Crianças

Criança	Formas Regulares		Formas Irregulares		Total
	Corretas	Inesperadas	Corretas	Inesperadas	
Ar	2892 (52,03%)	9 (0,16%)	2644 (47,57%)	13 (0,24%)	5558 (100%)
Lu	1755 (48,06%)	14 (0,38%)	1869 (51,18%)	14 (0,38)	3652 (100%)
Lz	2077 (47,73%)	10 (0,23%)	2250 (51,70%)	15 (0,34%)	4352 (100%)
Mc	1099 (58,49%)	4 (0,21%)	769 (40,93%)	7 (0,37%)	1879 (100%)
Ni	464 (44,23%)	0 (0%)	577 (55,01%)	8 (0,76%)	1049 (100%)
Total	8287 (50,25%)	37 (0,22%)	8109 (49,18%)	57 (0,35%)	16490 (100%)

A seguir, apresentaremos detalhadamente os dados de cada criança, apresentando as ocorrências de formas verbais inesperadas (de acordo com a classificação que aplicamos), descrevendo os dados encontrados e tecendo uma breve discussão sobre as classes verbais e os padrões detectados na produção de cada criança. Na seção 5.4 agruparemos os dados de todas as crianças, observando os padrões que emergem do cruzamento dos dados das crianças, aplicando as análises feitas por Yang (2002) no modelo *Rules and Competition* e fazendo as devidas observações e discussões em relação aos dados obtidos.

Antes de apresentarmos os dados e nossas análises, porém, é necessário

lembrarmos as observações que fizemos anteriormente com relação aos tipos de análises que aplicaremos em nossos dados: alguns dados de troca de número, pessoa, tempo e modo estão presentes na língua coloquial – e, conseqüentemente, no *input* das crianças –, portanto não serão classificados como formas morfolologicamente variantes em nossa análise, sendo apenas apontados como formas inesperadas e tendo suas ocorrências descritas.

Como já mencionamos na nota de rodapé 3 (cap. 1, p. 11), utilizamos dois termos diferentes para nos referirmos às formas verbais produzidas com algum tipo de desvio do que seria esperado que fosse produzido se as regras da gramática da língua fossem obedecidas: as formas morfolologicamente variantes e as formas inesperadas. O primeiro termo se refere às formas geradas através de regras que não existem na língua (ou seja, ausentes do *input* a que a criança está exposta) e às formas geradas através da aplicação de uma regra que não corresponde à regra da forma verbal em questão (como as regularizações e as trocas de classes); o segundo termo se refere à união do conjunto das formas morfolologicamente variantes com o conjunto das ocorrências de trocas de número, pessoa, tempo e modo⁴⁵.

Aplicaremos estas classificações por entendermos que algumas ocorrências não podem ser consideradas erros por serem ocorrências consoantes com o que é encontrado no *input* da maioria das crianças brasileiras.

5.3.1 Dados da Criança Ar

A primeira criança a ser observada, a criança Ar, teve um total de 32 sessões analisadas e 400 formas verbais flexionadas distintas produzidas (*types*), gerando 5558 formas verbais flexionadas (*tokens*), das quais 22 são formas inesperadas. A taxa de uso correto geral de Ar foi de 99,6% (99,7% para as formas regulares e 99,5% para as formas irregulares).

45 Temos consciência de que alguns dados de troca de número, pessoa, tempo ou modo não estão presentes no *input* da criança e representam, portanto, um desvio do sistema verbal da criança, como “ele comeram” ou “eles fui”. Estas ocorrências, porém, serão também classificadas como formas inesperadas e não como formas morfolologicamente variantes, já que tais ocorrências não são necessariamente desvios na seleção da regra do verbo, mas sim de outros processos, como a concordância, que é do nível sintático.

Das 22 formas produzidas de forma inesperada de *Ar*, 8 foram formas morfológicamente variantes, sendo que 4 ocorreram em formas verbais regulares e 4 em formas verbais irregulares. Das ocorrências regulares, 3 ocorreram em verbos de 1ª Conjugação (VT -a) e 1 em verbos de 3ª Conjugação (VT -i). Nas Tabelas 24 e 25 abaixo podemos ver os padrões formados pelas formas morfológicamente variantes regulares e pelas formas morfológicamente variantes irregulares, respectivamente:

Tabela 24 – Formas Morfológicamente Variantes Regulares de *Ar*

Classe	Pessoa e Tempo	Forma	Frequência Input		Frequência <i>Ar</i> ⁴⁶	
			Forma	Classe ⁴⁷	Forma	Classe
1ª Conjugação	1ª sg. pretérito perfeito	Mati	0	686	8	214
		Janti	0		1	
	3ª sg. pretérito perfeito	Mateu	0	2282	5	299
3ª Conjugação	3ª sg. pretérito perfeito	Serveu	2	825	1	141

Tabela 25 – Formas Morfológicamente Variantes Irregulares de *Ar*

Classe	Pessoa e Tempo	Forma	Frequência Input		Frequência <i>Ar</i>	
			Forma	Classe	Forma	Classe
Alternância (/a/ → /aj/) no radical	1ª sg. presente	Cabo	0	0	0	0
Alternância /a/ → /e/ no radical	3ª pl. pretérito perfeito	Daram	0	0	0	0
Irregularidade total (pôr → pus)	1ª sg. pretérito perfeito	Puso	0	0	4	4
Alternância /a/ → /i/ do radical e ausência de sufixo flexional	1ª sg. pretérito perfeito	Fazi	131	131	9	9

Apresentaremos, a seguir, as formas inesperadas produzidas por *Ar*, a descrição do

46 Destacamos que para o cálculo das frequências das crianças usaremos apenas os dados produzidos de forma esperada (correta), já que apenas quando a forma produzida confere com a forma esperada é que as probabilidades envolvidas na aquisição dos verbos, como discutimos no Capítulo 3 deste trabalho, são atualizadas. Sendo assim, a forma “matei” ocorreu 8 vezes na produção de *Ar* e a forma “caibo” nenhuma.

47 Frequência da Classe: soma de todas as ocorrências das formas de uma regra regular ou irregular, como visto no Capítulo 3 deste trabalho.

processo em questão, a taxa de uso correto de cada forma ($C(x)$: número de ocorrências corretas de x dividido pelo número de ocorrências total de x) e a sentença em que a forma foi produzida (de acordo com as normas de transcrição CHAT, do banco de dados CHILDES), seguida pela idade em que a criança produziu a sentença.

(1) Troca de Conjugação (regular):

(1.1) *Serveu* (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo servir – forma esperada: *serviu*)

Aplicação de sufixo de 2ª Conjugação em um verbo de 3ª Conjugação.

$$C(\textit{serviu}) = 1/2$$

*CHI: *serveu?* (2;7.7)

(1.2) *Mati* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo matar – forma esperada: *matei*)

Aplicação de sufixo de 2ª Conjugação em um verbo de 1ª Conjugação.

$$C(\textit{matei}) = 8/9$$

*CHI: *mati* o monstro. (2;10.7)

(1.3) *Janti* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo jantar – forma esperada: *jantei*)

Aplicação de sufixo de 2ª Conjugação em um verbo de 1ª Conjugação.

$$C(\textit{jantei}) = 1/2$$

*CHI: e *janti* um monte de coisa, olha. (3;1.25)

(1.4) *Mateu* (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo matar – forma esperada: *matou*)

Aplicação de sufixo de 2ª Conjugação em um verbo de 1ª Conjugação.

$$C(\textit{matou}) = 5/6$$

*CHI: (ele⁴⁸) *mateu* a águia. (3;5.7)

(2) Troca de Número ou Pessoa (regular):

(2.1) *Precisa* (1ª pessoa do singular do presente do verbo precisar – forma esperada: *preciso*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$$C(\textit{preciso}) = 20/21$$

48 Contexto: criança contava que o painel de fogo matou a águia.

*CHI: mas eu *precisa* descer porque eu vou embora. (3;2.11)

(2.2) *Comeu* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo comer – forma esperada: *comi*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(\text{comi}) = 14/15$

*CHI: eu vou contar que fui eu que *comeu* todas as gramas. (3;4.19)

(2.3) *Consegui* (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo conseguir – forma esperada: *conseguiu*)

Aplicação de uma forma de 1ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 3ª pessoa do singular.

$C(\text{conseguiu}) = 3/4$

*CHI: e daí que a gente não *consegui* chegar até a rodoviária. (3;4.19)

(2.4) *Apareceu* (3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do verbo aparecer – forma esperada: *apareceram*)

Aplicação de uma forma de singular quando o esperado seria uma forma de plural.

$C(\text{apareceram}) = 0/1$

*CHI: daí *apareceu* os dois. (3;5.7)

(3) Troca de Tempo ou Modo (regular):

(3.1) *Cai* (3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do verbo cair – forma esperada: *caiu*)

Aplicação de uma forma de presente do indicativo quando o esperado seria uma forma de pretérito perfeito do indicativo (troca de tempo e modo).

$C(\text{caiu}) = 63/64$

*CHI: que voava, voava batendo as asas e *cai* no chão. (3;4.19)

(4) Regularização:

(4.1) *Fazi* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo fazer – forma esperada: *fiz*)

Aplicação do padrão regular de 2ª Conjugação em uma forma verbal irregular de VT *e*.

$C(\text{fiz}) = 9/10$

*CHI: não, eu *fazi* um lindo prédio. (2;10.26)

(4.2) *Cabo* (1ª pessoa do singular do presente do verbo caber – forma esperada: *caibo*)

Aplicação do padrão regular de 2ª Conjugação em uma forma verbal irregular de VT *e*.

$C(caibo) = 0/2$

*CHI: mas eu *cabo* aqui dentro. (3;2.21)

(4.3) *Daram* (3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do verbo dar – forma esperada: *deram*)

Aplicação do padrão regular de 1ª Conjugação em uma forma verbal irregular de VT *a*.

$C(deram) = 0/1$

*CHI: todos *daram* a mão. (3;10.14)

(5) Troca de Número ou Pessoa (irregular):

(5.1) *Tem* (1ª pessoa do singular do presente do verbo ter – forma esperada: *tenho*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(tenho) = 28/29$

*CHI: eu *tem* que pegar. (2;3.6)

(5.2) *Vou* (3ª pessoa do singular do presente do verbo ir – forma esperada: *vai*)

Aplicação de uma forma de 1ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 3ª pessoa do singular.

$C(vai) = 302/303$

*CHI: ele *vou* comer maçã. (2;4.3)

(5.3) *É* (1ª pessoa do singular do presente do verbo ser – forma esperada: *sou*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(sou) = 44/45$

*CHI: *é* eu. (2;4.18)

(5.4) *Está* (3ª pessoa do plural do presente do verbo estar – forma esperada: *estão*)

Aplicação de uma forma de singular quando o esperado seria uma forma de plural.

$C(estão) = 5/6$

*CHI: eles (*es*)*tá* conversando. (2;5.1)

(5.5) *Foi* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo ir – forma esperada: *fui*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(fui) = 11/12$

*CHI: *foi* eu. (2;7.7)

(5.6) *É* (3ª pessoa do plural do presente do verbo ser – forma esperada: *são*)

Aplicação de uma forma de singular quando o esperado seria uma forma de plural.

$C(são) = 3/4$

*CHI: *é* pegadas. (2;8.7)

(5.7) *Cabe* (1ª pessoa do singular do presente do verbo caber – forma esperada: *caibo*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma irregular de 1ª pessoa do singular.

$C(caibo) = 0/2$

*CHI: só eu que *cabe* porque eu sou pequeno. (3;8.30)

(6) Troca de Modo (irregular):

(6.1) *Dorme* (3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo dormir – forma esperada: *durma*)

Uso de uma forma no modo indicativo quando o esperado seria uma forma no modo subjuntivo.

$C(durma) = 0/1$

*CHI: porque ela quer que ela *dorme*. (2;10.26)

(6.2) *Vou* (1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo ir – forma esperada: *vá*)

Uso de uma forma no modo indicativo quando o esperado seria uma forma no modo subjuntivo.

$C(vá) = 1/2$

*CHI: ela quer que eu *vou* ligar o DVD. (2;10.26)

(7) Outras Formas Morfologicamente Variantes (irregular):

(7.1) *Puso* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo pôr – forma esperada: *pus*)

Adição de um sufixo flexional *-o* (encontrado na 1ª pessoa do singular do presente das 3 classes regulares), inexistente na forma irregular *pus*.

$C(pus) = 4/5$

*CHI: já *puso* pro *piu+piu@f*. (2;3.6)

Análise das Formas Inesperadas de *Ar*

A criança *Ar* produziu três diferentes regularizações de formas verbais regulares. Na primeira regularização, aos 2;10.26, a criança aplicou a regra de formação de um verbo regular de 1ª pessoa do singular no pretérito perfeito da 2ª Conjugação (regra: manter o radical do verbo e acrescentar o sufixo flexional *-i*), gerando a forma “fazi”. Por ser um verbo irregular no qual se aplicam as regras “alternar a vogal /a/ do radical para /i/ e não aplicar sufixo flexional”, a forma que deveria ser produzida é “fiz”. A taxa de uso correto da forma “fiz” (C(*fiz*)) para a criança *Ar* é de 9/10, ou seja, a criança produziu nove vezes corretamente a forma e apenas uma vez de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “fiz” ocorreu 131 vezes em nossa amostra e, por ser a única forma de sua classe, este mesmo número representa a frequência da forma e a frequência da classe.

Na segunda regularização, a criança *Ar* aplicou a regra de formação de um verbo regular de 2ª Conjugação (regra: manter o radical do verbo e acrescentar o sufixo flexional *-o*), gerando a forma “cabo”. Por ser um verbo irregular que segue o conjunto de regras “ditongação decrescente do radical com a vogal “*i*” e acrescentar o sufixo flexional *-o*”, a forma que deveria ser produzida é “caibo”. A taxa de uso correto da forma “caibo” (C(*caibo*)) para a criança é de 0/2, ou seja, a criança *Ar* produziu duas vezes a forma e nessas duas vezes a produziu de forma inesperada (a outra ocorrência foi produzida com troca de pessoa). Em relação ao *input*, a forma “caibo” ocorreu apenas uma vez em nossa amostra e a forma “leio”, que compartilha o padrão (ditongação decrescente do radical e aplicação do sufixo flexional *-o* para a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo), ocorreu 11 vezes em nossa amostra. Assim, a frequência da forma “caibo” é de apenas 1, mas a frequência da classe é de 12.

Na terceira regularização, a criança *Ar* aplicou a regra de formação de um verbo regular de 3ª Conjugação (regra: manter o radical do verbo e acrescentar o sufixo flexional *-am*), gerando a forma “daram”. Por ser um verbo irregular no qual a regra “alternar a vogal /a/ do radical para /e/ e aplicar o sufixo flexional *-am*”, a forma que deveria ter sido produzida é “deram”. A taxa de uso correto da forma “deram” (C(*deram*)) para a criança é de 0/1, ou seja, a criança *Ar* deveria ter produzido uma vez a forma, mas ela a produziu de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “deram” não ocorreu em nossa amostra. Também não registramos, em nossa amostra de *input*, qualquer outra forma irregular com

padrão igual (ou semelhante) ao da forma em questão; portanto, as duas frequências (da forma e da classe) são iguais a zero.

Em relação a trocas de classes, a criança *Ar* produziu quatro ocorrências de troca de conjugação regular, todas aplicações de regra de formação da 2ª Conjugação em verbos de outras classes regulares. A primeira ocorrência, produzida aos 2;7.7, foi de aplicação da regra de formação de 3ª pessoa do pretérito perfeito da 2ª Conjugação no verbo “servir”, da 3ª Conjugação. Assim, a forma que deveria ser produzida como “serviu” foi produzida pela criança *Ar* como “serveu”. A taxa de uso correto da forma “serviu” ($C(\text{serviu})$) para a criança é de $1/2$, ou seja, a criança *Ar* produziu duas vezes a forma, uma vez de forma inesperada e uma vez de forma correta. Em relação ao *input*, a forma “serviu” ocorreu apenas duas vezes em nossa amostra e sua frequência é igual a 2. A frequência com que todas as demais formas verbais de 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo da 3ª Conjugação ocorreram foi de 823, o que faz com a frequência de classe de “serviu” seja igual a 825.

A segunda ocorrência de troca de conjugação regular, produzida por *Ar* aos 2;10.7, foi de aplicação da regra de formação de 1ª pessoa do pretérito perfeito da 2ª Conjugação no verbo “matar”, da 1ª Conjugação. Assim, a forma que deveria ser produzida como “matei” foi produzida pela criança *Ar* como “mati”. A taxa de uso correto da forma “matei” ($C(\text{matei})$) para a criança é de $8/9$, ou seja, a criança *Ar* produziu nove vezes a forma, uma vez de forma inesperada e oito vezes de forma correta. Em relação ao *input*, a forma “matei” não ocorreu em nossa amostra e sua frequência é igual a 0. A frequência com que todas as demais formas verbais de 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo da 1ª Conjugação ocorreram foi de 686, o que faz com a frequência de classe de “matei” seja igual a 686.

A terceira ocorrência de troca de conjugação regular, produzida aos 3;1.25, foi de aplicação da regra de formação de 1ª pessoa do pretérito perfeito da 2ª Conjugação no verbo “jantar”, da 1ª Conjugação. Assim, a forma que deveria ser produzida como “jantei” foi produzida pela criança *Ar* como “janti”. A taxa de uso correto da forma “jantei” ($C(\text{jantei})$) para a criança é de $1/2$, ou seja, a criança *Ar* produziu duas vezes a forma, uma vez de forma inesperada e uma vez de forma correta. Em relação ao *input*, a forma “jantei” não ocorreu em nossa amostra e sua frequência é igual a 0. A frequência com que todas as demais formas verbais de 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo da

1ª Conjugação ocorreram foi de 686, o que faz com a frequência de classe de “jantei” seja igual a 686.

A quarta ocorrência de troca de conjugação regular, produzida aos 3;5.7, foi de aplicação da regra de formação de 3ª pessoa do pretérito perfeito da 2ª Conjugação no verbo “matar”, da 1ª Conjugação. Assim, a forma que deveria ser produzida como “matou” foi produzida pela criança *Ar* como “mateu”. A taxa de uso correto da forma “matou” ($C(matou)$) para a criança é de 5/6, ou seja, a criança *Ar* produziu seis vezes a forma, uma vez de forma inesperada e cinco vezes de forma correta. Em relação ao *input*, a forma “matou” não ocorreu em nossa amostra e sua frequência é igual a 0. A frequência com que todas as demais formas verbais de 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo da 1ª Conjugação ocorreram foi de 2282, o que faz com a frequência de classe de “matou” seja igual a 2282.

A criança *Ar* produziu apenas uma ocorrência, aos 3;4.19 anos, de mudança de tempo. A criança aplicou um sufixo flexional correspondente ao presente do indicativo de um verbo regular de 3ª Conjugação (o verbo “cair”), enquanto a forma esperada de acordo com o contexto do enunciado deveria ser de pretérito perfeito do modo indicativo (também da 3ª Conjugação). Assim, a forma que deveria ser produzida como “caiu” foi produzida pela criança *Ar* como “cai”. A taxa de uso correto da forma “caiu” ($C(caiu)$) para a criança é de 63/64, ou seja, a criança *Ar* produziu 64 vezes a forma, uma vez de forma inesperada e 63 vezes de forma correta. Em relação ao *input*, a forma “caiu” ocorreu 468 vezes em nossa amostra, a forma mais produzida dentre a classe da 3ª Conjugação. A frequência com que todas as demais formas verbais de 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo da 3ª Conjugação ocorreram foi de 357, o que faz com a frequência de classe de “caiu” seja igual a 825.

A criança *Ar* produziu duas ocorrências de troca de modo, ambas em verbos irregulares. As duas trocas de modo foram produzidas aos 2;10.26 e foram de uso do presente do modo indicativo quando a forma esperada de acordo com o contexto do enunciado deveria ser do presente do modo subjuntivo. Na primeira ocorrência, a criança produziu a forma verbal “dorme” (3ª pessoa do singular do presente do indicativo) quando a forma esperada seria “durma” (3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo). A taxa de uso correto da forma “durma” ($C(durma)$) para a criança *Ar* é de 0/1, ou seja, a criança deveria ter produzido uma vez a forma “durma”, mas a produziu de forma inesperada

(dorme). Em relação ao *input*, a forma “durma” não ocorreu em nossa amostra. Também não registramos, em nossa amostra de *input*, qualquer outra forma irregular com padrão igual (ou semelhante) ao da forma em questão; portanto, as duas frequências (da forma e da classe) são iguais a zero.

Na segunda ocorrência de troca de modo, a criança produziu a forma verbal “vou” (1ª pessoa do singular do presente do indicativo) quando a forma esperada seria “vá” (1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo). A taxa de uso correto da forma “vá” (C(vá)) para a criança *Ar* é de 1/2, ou seja, a criança produziu duas vezes a forma, uma vez de forma inesperada e uma vez de forma correta. Em relação ao *input*, a forma “vá” ocorreu 9 vezes em nossa amostra. Por não dividir seu padrão de irregularidade (irregularidade total: *ir* → *vá*) com outra forma verbal, as duas frequências (da forma e da classe) de “vá” são iguais a 9.

Obtivemos, nos dados de *Ar*, apenas uma ocorrência que classificamos como outras formas morfológicamente variantes, ou seja, que não se encaixa em nenhum dos padrões de formas morfológicamente variantes de nossa classificação. Esta ocorrência, que foi produzida aos 2;3.6, consta de uma adição de um sufixo flexional em uma forma verbal que apresenta irregularidade no radical e não seleciona a adição de qualquer sufixo flexional. A criança, apesar de gerar corretamente o radical correspondente à 1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo “pôr”, a forma “pus”, adiciona à forma um sufixo flexional inexistente (-o), gerando a forma “puso”, inexistente no PB. A taxa de uso correto da forma “pus” (C(*pus*)) para a criança *Ar* é de 4/5, ou seja, a criança produziu cinco vezes a forma, uma vez de forma inesperada e quatro vezes de forma correta. Em relação ao *input*, a forma “pus” não ocorreu em nossa amostra. Também não registramos, em nossa amostra de *input*, qualquer outra forma irregular com padrão igual (ou semelhante) ao da forma em questão; portanto, as duas frequências (da forma e da classe) são iguais a zero⁴⁹.

Em relação a trocas de número ou pessoa, a criança *Ar* produziu um total de 11 ocorrências de troca de número ou pessoa. Das 11 ocorrências, 4 foram em formas regulares (2 usos de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria de 1ª pessoa do singular; 1 uso de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria de 3ª pessoa do plural; e 1

49 Vale destacar que o verbo “pôr” e seus compostos (compor, depor, transpor e outros) são os únicos verbos do português com a vogal temática “o”, mas que, devido ao fato de o verbo “pôr” ser derivado do verbo “poer” (do português arcaico), tais verbos são considerados verbos de VT “e”.

uso de 1ª pessoa do singular quando o esperado seria de 3ª pessoa do singular) e 7 em formas irregulares (4 usos de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria de 1ª pessoa do singular; 2 usos de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria 3ª pessoa do plural; e 1 uso de 1ª pessoa do singular quando o esperado seria de 3ª pessoa do singular). Os padrões de troca estão detalhados na Tabela 26 abaixo:

Tabela 26 – Padrões de Troca de Número ou Pessoa da criança Ar

Forma Produzida	Forma Esperada	Regular	Irregular	Total
3ª pessoa do singular	1ª pessoa do singular	2	4	7
3ª pessoa do singular	3ª pessoa do plural	1	2	3
1ª pessoa do singular	3ª pessoa do singular	1	1	2

Dentre as formas verbais regulares produzidas por Ar, percebemos que a 1ª Conjugação parece ser a mais problemática para Ar, já que quatro das cinco ocorrências de troca de classe em verbos regulares correspondem à aplicação de um sufixo da 2ª Conjugação em verbos de 1ª Conjugação (e apenas uma aplicação de um sufixo da 2ª Conjugação em verbos de 3ª Conjugação). Ao observarmos as taxas de uso correto das conjugações, porém, observamos que a 3ª Conjugação foi a mais problemática para Ar: com três formas variantes de um total de 263 formas, a 3ª Conjugação apresentou uma taxa de uso correto de 98,85%, enquanto a taxa de uso correto da 1ª Conjugação foi de 99,80%.

Quanto às formas verbais irregulares produzidas por Ar, observamos que a maioria das formas verbais (8 das 12) apresentam baixas frequências de uso da criança (abaixo de 10). Se excluirmos desta análise as formas verbais que apresentaram ocorrências do tipo “troca de número ou pessoa”, que, como já destacamos neste trabalho (seção 5.3 deste trabalho), são tipos de ocorrências presentes também no *input* das crianças e que não representam seleção incorreta da regra, a predominância das formas inesperadas em formas verbais pouco frequentes se torna ainda mais visível: todas as ocorrências possuem baixa frequência de uso da criança (abaixo de 10) e apenas a forma *fiz* possui frequência no *input* acima de 10 ocorrências (correspondente a 131 ocorrências).

As taxas de uso correto das classes com formas morfológicamente variantes podem ser vistas, organizadas da maior taxa da classe para a menor taxa de classe, na Tabela 27 abaixo:

Tabela 27 – Taxa de Uso Correto de Ar

Classe	Formas	CUR da forma	CUR da classe
1ª Conjugação - 3ª sg. pretérito perfeito	Matou	83,3% (5/6)	99,6% (298/299)
3ª Conjugação - 3ª sg. pretérito perfeito	Serviu	50% (1/2)	99,3% (141/142)
1ª Conjugação - 1ª sg. pretérito perfeito	Matei	88,8% (8/9)	99% (211/213)
	Jantei	50% (1/2)	
Alternância /a/ → /i/ do radical e ausência de sufixo flexional - 1ª sg. pretérito perfeito	Fiz	90% (9/10)	90% (9/10)
Irregularidade total (pôr → pus) - 1ª sg. pretérito perfeito	Pus	80% (4/5)	80% (4/5)
Alternância /a/ → /e/ no radical - 3ª pl. pretérito perfeito	Deram	0% (0/1)	0% (0/1)
Alternância (/a/ → /aj/) no radical - 1ª sg. Presente	Caibo	0% (0/1)	0% (0/1)

As taxas de uso correto (CUR, na sigla em inglês “*Correct Usage Rate*”) de todas as formas regulares produzidas de forma inesperada por Ar indicam que, para a maioria dos verbos, a criança tem um desempenho excelente: das 400 diferentes formas verbais de Ar, 397 apresentaram CUR da classe de 100% e 3 apresentaram CUR entre 90 e 100%. Ainda em relação às taxas de uso correto, observamos que as três maiores taxas de Ar foram para classes verbais regulares, mas percebemos também que dois dos verbos irregulares acima apresentaram boas taxas de uso correto (90% para “fiz” e 80% para “pus”).

As taxas de uso correto de Ar parecem estar diretamente relacionadas à frequência de uso, mas também à frequência das classes verbais, já que a alta frequência de classes como a classe de “jantei” e “serviu” acima parece influenciar para que a taxa de uso correto da forma melhore – em outras palavras, facilita a aquisição e, consequentemente, a produção correta.

5.3.2 Dados da Criança Lu

A segunda criança a ser observada, a criança *Lu*, teve um total de 38 sessões analisadas e 263 formas verbais flexionadas distintas produzidas (*types*), gerando 3652 formas verbais flexionadas (*tokens*), das quais 28 são formas inesperadas. A taxa de uso correto geral de *Lu* foi de 99,2% (99,2% tanto para as formas regulares quanto para as formas irregulares).

Das 28 formas produzidas de forma inesperada por *Lu*, apenas duas foram formas morfológicamente variantes, ambas em formas verbais irregulares. Na Tabela 28 abaixo podemos ver detalhadamente os padrões formados pelas formas morfológicamente variantes de *Lu*:

Tabela 28 – Formas Morfológicamente Variantes de Lu

Classe	Pessoa e Tempo	Forma	Frequência Input		Frequência Lu	
			Forma	Classe	Forma	Classe
Alternância /a/ → /ow/ no radical e sufixo flexional –e	3ª sg. pretérito perfeito	Cabeu	0	2	0	0
Alternância /e/ → /o/ no radical	1ª pl. presente	Samos	0	0	0	0

Apresentaremos, a seguir, as formas inesperadas produzidas por *Lu*, uma descrição do processo em questão, a taxa de uso correto de cada forma ($C(x)$: número de ocorrências corretas de x dividido pelo número de ocorrências total de x) e a sentença em que a forma foi produzida, seguida pela idade em que a criança produziu a sentença.

(1) Troca de Número ou Pessoa (regular):

(1.a) *Mordeu* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo morder – forma esperada: *mordi*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$$C(mordi) = 0/1$$

*CHI: (eu) *mordeu*. (1;7.9)

(1.b) *Está* (1ª pessoa do singular do presente do verbo estar – forma esperada: *estou*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª

pessoa do singular.

$C(estou) = 94/96$

*CHI: (eu⁵⁰) *está* papando@f. (1ª ocorrência – 1;8.26)

*CHI: (eu⁵¹) *está* cheiroso. (2ª ocorrência – 1;10.6)

(1.c) *Está* (3ª pessoa do plural do presente do verbo estar – forma esperada: *estão*)

Aplicação de uma forma no singular quando o esperado seria uma forma no plural.

$C(estão) = 1/1$

*CHI: ai *está* os negócios. (2;10.20)

(1.d) *Gosta* (1ª pessoa do singular do presente do verbo gostar – forma esperada: *gosto*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(gosto) = 58/59$

*CHI: (eu⁵²) não *gosta*. (1;10.6)

(1.e) *Tomou* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo tomar – forma esperada: *tomei*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(tomei) = 2/3$

*CHI: (eu⁵³) *tomou* suco, eu quero aquele. (1;10.20)

(1.f) *Caiu* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo cair – forma esperada: *caí*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(caí) = 1/2$

*CHI: eu *caiu*. (1;11.25)

(1.g) *Deixei* (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo deixar – forma esperada: *deixou*)

Aplicação de uma forma de 1ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 3ª

50 Contexto: a criança estava comendo e falou a sentença em resposta a uma intervenção da mãe.

51 Contexto: em resposta a mãe, que perguntou se a criança tinha tomado banho.

52 Contexto: resposta ao ato da mãe colocar um desenho que a criança não queria ver.

53 Contexto: criança está lanchando e conversa com a mãe sobre o que (ela, a criança) está comendo e bebendo.

pessoa do singular.

$C(\text{deixou}) = 2/3$

*CHI: (ele⁵⁴) *deixei*. (2;5.0)

(1.h) *Bateu* (3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do verbo bater – forma esperada: *bateram*)

Aplicação de uma forma no singular quando o esperado seria uma forma no plural.

$C(\text{bateram}) = 0/1$

*CHI: (os carros) *bateu*. (2;5.19)

(1.i) *Desce* (1ª pessoa do singular do presente do verbo descer – forma esperada: *desço*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(\text{desço}) = 0/1$

*CHI: aí eu *desce* do carro. (2;8.10)

(1.j) *Nasceu* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo nascer – forma esperada: *nasci*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(\text{nasci}) = 3/4$

*CHI: eu nasci na barriga da mãe www ou eu *nasceu* na sua barriga? (2;8.10)

(2) Troca de Tempo ou Modo (regular):

(2.a) *Comprou* (3ª pessoa do singular do futuro do modo indicativo – forma esperada: *comprará*)

Uso de uma forma do pretérito perfeito quando o esperado seria uma forma no tempo futuro.

$C(\text{comprará}) = 0/1$

*CHI: você *comprou* amanhã? (2;11.16)

(2.b) *Leva* (3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo levar – forma esperada: *leve*)

Uso de uma forma no modo indicativo quando o esperado seria uma forma no modo subjuntivo.

$C(\text{leve}) = 0/1$

54 Contexto: em resposta à mãe, que perguntou se o pai da criança a havia deixado sozinha.

*CHI: não, não quero que você *leva*. (3;0.5)

(2.c) *Mora* (3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo morar – forma esperada: *more*)

Uso de uma forma no modo indicativo quando o esperado seria uma forma no modo subjuntivo.

$C(more) = 0/1$

*CHI: (quero) que você *mora* aqui. (3;4.0)

(3) Regularização:

(3.a) *Cabeu* (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo caber – forma esperada: *coube*)

Aplicação do padrão regular de 2ª Conjugação em uma forma verbal irregular de VT *e*.

$C(coube) = 0/1$

*CHI: *cabeu*. (3;4.0)

(4) Troca de Número ou Pessoa (irregular):

(4.a) *É* (1ª pessoa do singular do presente do verbo ser – forma esperada: *sou*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(sou) = 23/26$

*CHI: depois *é* eu? (1ª ocorrência – 1;9.22)

*CHI: *é* eu. (2ª ocorrência – 2;3.1)

*CHI: *é* eu na foto? (3ª ocorrência – 2;7.22)

(4.b) *Faz* (1ª pessoa do singular do presente do verbo fazer – forma esperada: *faço*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(faço) = 4/5$

*CHI: agora (eu) *faz* o bobozinho@c. (2;8.10)

(4.c) *Foi* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo ir – forma esperada: *fui*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(fui) = 25/29$

*CHI: eu *foi*, eu *foi*, eu fui lá naquela hora. (1ª ocorrência – 3;0.5)

*CHI: olha, *foi* eu que coloquei. (2ª ocorrência – 3;4.0)

*CHI: não *foi* eu, não. (3ª ocorrência – 3;8.8)

*CHI: não *foi* eu. (4ª ocorrência – 3;8.16)

(4.d) *Põe* (1ª pessoa do singular do presente do verbo pôr – forma esperada: *ponho*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(ponho) = 3/4$

*CHI: (eu⁵⁵) *põe* capacete. (1ª ocorrência – 3;2.29)

(4.e) *Vamos* (3ª pessoa do singular do presente do verbo ir – forma esperada: *vai*)

Aplicação de uma forma de 1ª pessoa do plural quando o esperado seria uma forma de 3ª pessoa do singular (troca de número e pessoa).

$C(vai) = 141/142$

*CHI: a gente *vamos* passear. (3;4.0)

(4.f) *Quer* (1ª pessoa do plural do presente do verbo querer – forma esperada: *queremos*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do plural (troca de número e pessoa).

$C(queremos) = 0/1$

*CHI: nós dois *quer* mexerica, né? (3;11.7)

(5) Troca de Tempo ou Modo (irregular):

(5.a) *Vai* (3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo ir – forma esperada: *fosse*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular do presente do modo indicativo quando o esperado seria uma forma de 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo (troca de tempo e modo).

$C(fosse) = 0/1$

*CHI: eu queria que você *vai* no galo comprar lá. (2;11.16)

55 Contexto: a criança explica para a mãe o que faz em seu trabalho na loja de peças para carros e motos.

(6) Outras Formas Morfologicamente Variantes (irregulares):

(6.a) *Samos* (1ª pessoa do plural do presente do verbo ser – forma esperada: *somos*)

Aplicação da regra “alternância /e/ → /a/ no radical + sufixo *mos*” quando a regra irregular da forma é “alternância /e/ → /o/ no radical + sufixo *mos*”.

$C(somos) = 0/1$

*CHI: (nós) *samos*. (2;6.22)

Análise das Formas Inesperadas de Lu

A criança *Lu* produziu apenas uma regularização de forma verbal irregular. Na ocorrência, aos 3;4.0, a criança aplicou a regra de formação de um verbo regular de 3ª pessoa do singular no pretérito perfeito da 2ª Conjugação (manter o radical do verbo e acrescentar o sufixo flexional *-eu*), gerando a forma “cabeu”. Por ser um verbo irregular no qual a regra “alternar a vogal /a/ do radical para o ditongo /ou/ e aplicar o sufixo flexional *-o*”, a forma que deveria ser produzida é “coube”. A taxa de uso correto da forma “coube” ($C(coube)$) para a criança *Lu* é de 0/1, ou seja, a criança produziu apenas uma vez a forma, mas a produziu de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “coube” não ocorreu em nossa amostra, mas a forma “soube”, que faz parte da classe de “coube” por compartilhar a mesma regra de formação, ocorreu duas vezes em nossa amostra. Assim, a frequência da forma “coube” é igual a zero, mas a frequência da classe é igual a 2.

A criança *Lu* produziu quatro ocorrências de troca de tempo ou de modo, sendo duas trocas de modo em verbos regulares, uma troca de tempo em verbo regular e uma de tempo e de modo em um verbo irregular. A primeira ocorrência foi em uma forma verbal irregular, aos 2;11.16, em que a criança utilizou uma forma de 3ª pessoa do singular do presente do modo indicativo quando o esperado seria uma forma de 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do modo subjuntivo. Assim, a forma que deveria ser produzida como “fosse” foi produzida pela criança *Lu* como “vai”. A taxa de uso correto da forma “fosse” ($C(fosse)$) para a criança é de 0/1, ou seja, a criança *Lu* produziu apenas uma vez a forma, mas a produziu de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “fosse” não ocorreu em nossa amostra e, por não compartilhar seu padrão com nenhum outro verbo (irregularidade total: alternância *ir* → *fosse*), as suas duas frequências (da forma e da classe) são iguais a

zero.

Aos 3;0.5 a criança *Lu* produziu uma ocorrência de troca de modo regular no verbo “levar”: a aplicação do sufixo correspondente à 3ª pessoa do singular do presente do modo indicativo da 1ª Conjugação (*a*), enquanto o esperado de acordo com o enunciado da criança seria a aplicação de um sufixo correspondente à 3ª pessoa do singular do presente do modo subjuntivo da 1ª Conjugação (*e*). Assim, a forma que deveria ser produzida como “leve” foi produzida pela criança *Lu* como “leva”. A taxa de uso correto da forma “leve” ($C(leve)$) para a criança é de 0/1, ou seja, a criança *Lu* produziu uma vez a forma, mas a produziu de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “leve” não ocorreu em nossa amostra, mas a 3ª pessoa do singular do presente do modo subjuntivo da 1ª Conjugação ocorreu 40 vezes em nossa amostra. Assim, frequência da forma é igual a 0 e a frequência da classe de “leve” é igual a 40.

A terceira ocorrência de troca de modo foi produzida por *Lu* aos 3;4.0. Nesta ocorrência a criança aplicou novamente o sufixo correspondente à 3ª pessoa do singular do presente do modo indicativo da 1ª Conjugação (*a*), enquanto o esperado de acordo com o enunciado da criança seria a aplicação de um sufixo correspondente à 3ª pessoa do singular do presente do modo subjuntivo da 1ª Conjugação (*e*). Assim, a forma que deveria ser produzida como “more” foi produzida pela criança *Lu* como “mora”. A taxa de uso correto da forma “more” ($C(more)$) para a criança é de 0/1, ou seja, a criança *Lu* produziu uma vez a forma, mas a produziu de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “more” não ocorreu em nossa amostra, mas a 3ª pessoa do singular do presente do modo subjuntivo da 1ª Conjugação ocorreu 40 vezes em nossa amostra. Assim, frequência da forma é igual a 0 e a frequência da classe de “more” é igual a 40.

A ocorrência de troca de tempo em forma verbal regular foi produzida por *Lu* aos 2;11.16. A criança utilizou uma forma de 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo quando o esperado seria uma forma de 3ª pessoa do singular do futuro do modo indicativo. Assim, a forma que deveria ser produzida como “comprará” foi produzida pela criança *Lu* como “comprou”. A taxa de uso correto da forma “comprará” ($C(comprará)$) para a criança é de 0/1, ou seja, a criança *Lu* produziu uma vez a forma, mas a produziu de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “comprará” não ocorreu em nossa amostra, e a 3ª pessoa do singular do futuro do modo indicativo da 1ª Conjugação também não ocorreu em nossa amostra. Assim, as duas frequências (da forma

e da classe) são iguais a 0.

Obtivemos, nos dados de *Lu*, apenas uma ocorrência que classificamos como outras formas morfollogicamente variantes, ou seja, que não se encaixa em nenhum dos padrões de formas morfollogicamente variantes de nossa classificação. Esta ocorrência, que foi produzida aos 2;6.22, consta de uma alternância de vogal do radical na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo “ser”. A forma produzida pela criança apresentou o sufixo irregular *-amos*, enquanto o sufixo (também irregular) esperado é *-omos* e o sufixo regular correspondente à VT *e* (da 2ª Conjugação) é *-emos*. A taxa de uso correto da forma “somos” (C(*somos*)) para a criança *Lu* é de 0/1, ou seja, a criança produziu a forma uma vez, mas a produziu de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “somos” não ocorreu em nossa amostra. Também não registramos, em nossa amostra de *input*, qualquer outra forma irregular com padrão igual (ou semelhante) ao da forma em questão; portanto, as duas frequências (da forma e da classe) são iguais a zero. Ao analisar a forma produzida pela criança e as demais formas verbais do verbo “ser”, observamos que a forma “são” (3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *ser*) pode ter influenciado a escolha de *Lu*, já que esta apresenta traços morfossintáticos parecidos com o de “somos” (plural do presente do indicativo do verbo “ser”) e uma alternância relativamente parecida: /e/ → /ão/.

Em relação a trocas de número ou pessoa, a criança *Lu* produziu um total de 22 ocorrências de troca de número ou pessoa. Das 22 ocorrências, 11 foram em formas regulares (2 usos de singular quando o esperado seria plural; 1 uso de 1ª pessoa do singular quando o esperado seria de 3ª pessoa do singular; e 8 usos de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria de 1ª pessoa do singular) e 11 em formas irregulares (1 uso de singular quando o esperado seria plural; 1 uso de 1ª pessoa do plural quando o esperado seria de 3ª pessoa do singular; e 9 usos de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria de 1ª pessoa do singular). Os padrões de troca estão detalhados na Tabela 29 abaixo:

Tabela 29 – Padrões de Troca de Número ou Pessoa da criança Lu

Forma Produzida	Forma Esperada	Regular	Irregular	Total
3ª pessoa do singular	1ª pessoa do singular	8	9	17
3ª pessoa do singular	3ª pessoa do plural	2	1	3
1ª pessoa do singular	3ª pessoa do singular	1	0	1
1ª pessoa do plural	3ª pessoa do singular	0	1	1

É importante ressaltar que a única ocorrência de troca de número e pessoa em uma mesma forma verbal produzida pela criança *Lu* corresponde a um contexto em que foi utilizado o pronome “a gente”, que utiliza a concordância de 3ª pessoa do singular, mas carrega consigo a semântica correspondente à 1ª pessoa do plural⁵⁶. (Contexto: *CHI: a gente *vamos* passear.) Ressaltamos que, como mostramos na seção 4.1, este que este tipo de ocorrência (e as trocas de tempo e modo) podem ser motivadas pela presença de produções do mesmo tipo na fala do adulto (*input*).

Dentre as formas verbais regulares produzidas por *Lu*, percebemos que a 1ª Conjugação é a mais problemática para a criança em relação aos números absolutos de formas morfológicamente variantes, com dez formas inesperadas na conjugação de um total de 1136 formas. Ao observarmos as taxas de uso correto das conjugações, porém, observamos que a 3ª Conjugação foi a mais problemática para Lu: apenas com uma forma variante de um total de 76 formas, a 3ª Conjugação apresentou uma taxa de uso correto de 98,68%, enquanto a taxa de uso correto da 1ª Conjugação foi de 99,12% e a taxa de uso correto da 2ª Conjugação foi de 99,28% (4 formas variantes em um total de 558 formas verbais).

Excluindo as formas verbais que apresentaram ocorrências do tipo “troca de número ou pessoa”, percebemos que todas as formas inesperadas ocorreram em formas verbais que não tiveram ocorrência nem no *input* da criança ou na produção de *Lu*: as duas ocorrências possuem frequência de uso da criança iguais a zero.

As taxas de uso correto das classes podem ser vistas na Tabela 30 abaixo:

⁵⁶ O termo “semântica” aqui utilizado faz alusão ao conceito da semântica de “referência de mundo”. Mais detalhadamente, o pronome “a gente” possui a referência de mundo de pluralidade de primeira pessoa (1ª pessoa singular + 2ª e/ou 3ª pessoas do singular ou do plural).

Tabela 30 – Taxa de Uso Correto de Lu

Classe	Formas	CUR da forma	CUR da classe
Alternância (/a/ → /ow/) no radical e sufixo flexional <i>e</i> - 1ª sg. presente	Coube	0% (0/1)	0% (0/1)
Alternância (/3/ → /o/) no radical	Somos	0% (0/1)	0% (0/1)

As taxas de uso correto (CUR) das formas morfológicamente variantes produzidas por *Lu* indicam que a criança teve um ótimo desempenho em relação à seleção da classe e à aplicação da regra correta (excluindo-se os erros de tempo, pessoa, número e modo) tanto dos verbos regulares quanto dos verbos irregulares. A criança produziu formas morfológicamente variantes apenas duas vezes, em verbos que pertencem a classes pequenas, de baixa frequência (classe de “coube”: 0 para a criança e 2 no *input*; classe de “somos”: 0 para a criança e 0 no *input*).

5.3.3 Dados da Criança Lz

A terceira criança a ser observada, a criança *Lz*, teve um total de 43 sessões analisadas e 239 formas verbais flexionadas distintas produzidas (*types*), gerando 4352 formas verbais flexionadas (*tokens*), das quais 25 são formas inesperadas. A taxa de uso correto geral de *Lz* foi de 99,4% (99,5% para as formas regulares e 99,3% para as formas irregulares).

Das 25 formas produzidas de forma inesperada de *Lz*, 7 foram formas morfológicamente variantes, sendo que 2 ocorreram em formas verbais regulares e 5 em formas verbais irregulares. Das 2 ocorrências regulares, 1 ocorreu em verbo de 2ª Conjugação (VT *-i*) e 1 em verbos de 3ª Conjugação (VT *-a*). Na Tabela 31 abaixo podemos ver detalhadamente os padrões formados pelas formas inesperadas regulares e, na sequência, na Tabela 32 podemos ver detalhadamente os padrões formados pelas formas inesperadas irregulares:

Tabela 31 – Formas Morfologicamente Variantes Regulares de Lz

Classe	Pessoa e Tempo	Forma	Frequência <i>Input</i>		Frequência Lz	
			Forma	Classe	Forma	Classe
2ª Conjugação	1ª sg. pretérito perfeito	Comei	29	114	6	18
3ª Conjugação	3ª sg. pretérito perfeito	Sibiu	25	825	0	125

Tabela 32 – Formas Morfologicamente Variantes Irregulares de Lz

Classe	Pessoa e Tempo	Forma	Frequência <i>Input</i>		Frequência Lz	
			Forma	Classe	Forma	Classe
Alternância /e/ → /i/ no radical	1ª sg. presente	Consego	130	131	36	36
Alternância /d/ → /ss/ no radical	1ª sg. presente	Podo	109	143	11	11
Ausência de sufixo flexional	3ª sg. presente	Fazi (3 vezes)	351	2428	38	83

Antes de descrevermos as ocorrências de formas inesperadas de Lz, gostaríamos de destacar uma produção da criança que não foi listada acima. Aos 2;0.28, a criança aplicou uma regra de ditongação (decrecente) do radical (/a/ → /ai/), inexistente na forma verbal “faça”. Assim, Lz produziu a forma “faiça” ([‘fa:isa]) duas vezes, o que pode ser explicado pela influência do dialeto a que a criança está exposta (o dialeto carioca). Faz parte de tal dialeto, como relatam Callou, Leite e Moraes (2003), a ditongação de vogais tônicas em contexto anterior a um arquifonema /S/, como por exemplo na palavra “mesmo” ([mesmo]), que é naturalmente pronunciada no dialeto carioca como [‘me:i[mɔ]. A forma [‘fa:isa] também foi registrada na fala da mãe de Lz, o que torna natural o mesmo tipo de produção pela criança.

Apresentaremos, a seguir, as formas inesperadas produzidas por Lz, uma descrição do processo em questão, a taxa de uso correto de cada forma (C(x): número de ocorrências corretas de x dividido pelo número de ocorrências total de x) e a sentença em que a forma morfolologicamente variante foi produzida, seguida pela idade em que a criança produziu a sentença.

(1) Irregularização:

(1.a) *Sibiu* (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo subir – forma esperada: *subiu*)

Aplicação de uma regra de alternância /u/ → /i/ no radical de uma forma regular de 3ª Conjugação.

$C(\text{subiu}) = 0/1$

*CHI: você *sibiu*, mãe? (2;0.28)

(2) Troca de Conjugação (regular):

(2.a) *Comei* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo comer – forma esperada: *comi*)

Aplicação de sufixo de 1ª Conjugação em um verbo de 2ª Conjugação.

$C(\text{comi}) = 6/7$

*CHI: eu *comei*. (3;4.7)

(3) Troca de Número ou Pessoa (regular):

(3.a) *Consegui* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo conseguir – forma esperada: *consegui*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(\text{consegui}) = 8/10$

*CHI: eu *conseguiu*. (1ª ocorrência – 2;3.18)

*CHI: (eu⁵⁷) *conseguiu!* (2ª ocorrência – 2;9.24)

(3.b) *Gosta* (1ª pessoa do singular do presente do verbo gostar – forma esperada: *gosto*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(\text{gosto}) = 19/20$

*CHI: (eu⁵⁸) não *gosta*, mãe. (2;4.2)

(3.c) *Está* (1ª pessoa do singular do presente do verbo estar – forma esperada: *estou*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

57 Contexto: criança tentava fechar o copo e, quando consegue fechar, fala “conseguiu”.

58 Contexto: criança resmunga, mãe pergunta “o que foi?” e criança responde “não gosta, mãe”.

$C(estou) = 135/136$

*CHI: (eu⁵⁹) *está* gostando de estar brincando. (2;5.0)

(3.d) Abre (1ª pessoa do singular do presente do verbo abrir – forma esperada: *abro*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(abro) = 0/2$

*CHI: eu *abre*? (1ª ocorrência – 2;11.12)

*CHI: peraí [: espera aí] que eu *abre*. (2ª ocorrência – 3;7.7)

(3.e) *Compramos* (3ª pessoa do singular do presente do verbo comprar – forma esperada: *comprou*)

Aplicação de uma forma de 1ª pessoa do plural quando o esperado seria uma forma de 3ª pessoa do singular (troca de número e pessoa).

$C(comprou) = 4/5$

*CHI: a gente que *compramos* esse iô@c. (3;8.4)

(3.f) *Corre* (1ª pessoa do singular do presente do verbo correr – forma esperada: *corro*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(corro) = 0/1$

*CHI: quando eu *corre* é o dinossauro me pega. (3;9.2)

(4) Regularização:

(4.a) *Consego* (1ª pessoa do singular do presente do verbo conseguir – forma esperada: *consigo*)

Aplicação da regra regular de 3ª Conjugação em uma forma irregular de VT *i*.

$C(consigo) = 36/38$

*CHI: eu não *consego*. (2;11.12)

(4.b) *Podo* (1ª pessoa do singular do presente do verbo poder – forma esperada: *posso*)

Aplicação da regra regular de 2ª Conjugação em uma forma irregular de VT *e*.

$C(posso) = 11/12$

*CHI: eu *podo* pisar aqui, mãe? (3;0.23)

59 Contexto: mãe chama a criança para jantar, mas a criança responde que não e que “está gostando de estar brincando”.

(5) Troca de Número ou Pessoa (irregular):

(5.a) *Consegue* (1ª pessoa do singular do presente do verbo conseguir – forma esperada: *consigo*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$$C(\textit{consigo}) = 36/38$$

*CHI: ah@i⁶⁰, (eu⁶¹) não *consegue*! (2;6.11)

(5.b) *É* (3ª pessoa do plural do presente do verbo ser – forma esperada: *são*)

Aplicação de uma forma no singular quando o esperado seria uma forma no plural.

$$C(\textit{são}) = 1/3$$

*CHI: quem *é* essas aqui? (1ª ocorrência – 3;5.12)

*CHI: *é* só duas. (2ª ocorrência – 3;8.4)

(5.c) *É* (1ª pessoa do singular do presente do verbo ser – forma esperada: *sou*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$$C(\textit{sou}) = 20/22$$

*CHI: *é* eu, *é* eu, *é* eu. (1ª ocorrência – 3;8.4)

*CHI: *é* eu? (2ª ocorrência – 3;9.30)

(5.d) *Vamos* (3ª pessoa do singular do presente do verbo ir – forma esperada: *vai*)

Aplicação de uma forma de 1ª pessoa do plural quando o esperado seria uma forma de 3ª pessoa do singular (troca de número e pessoa).

$$C(\textit{vai}) = 118/120$$

*CHI: a gente *vamos* brincar de lobo+mau. (1ª ocorrência – 3;5.12)

*CHI: a gente *vamos*, a gente *vamos* fazer bolinhas. (2ª ocorrência – 3;10.28)

(5.e) *São* (3ª pessoa do singular do presente do verbo ser – forma esperada: *é*)

Aplicação de uma forma de plural quando o esperado seria uma forma de singular.

$$C(\textit{é}) = 1281/1282$$

*CHI: esse *são* já, esse? (3;9.2)

(5.f) *Vai* (1ª pessoa do singular do presente do verbo ir – forma esperada: *vou*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª

60 “@i” marca que a forma é uma interjeição.

61 Contexto: a criança tenta usar o carimbo do Pato Donald, mas o carimbo está sem tinta e a criança reclama que não consegue carimbar.

pessoa do singular.

$C(vou) = 239/240$

*CHI: *vai* ser eu! (3;9.30)

(6) Troca de Tempo (irregular):

(6.a) *É* (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo ser – forma esperada: *foi*)

Aplicação de uma forma no tempo presente quando o esperado pelo contexto seria uma forma de pretérito perfeito.

$C(foi) = 21/22$

*CHI: *é* a mamãe@f que fez. (2;7.15)

(7) Outras Formas Morfologicamente Variantes:

(7.a) *Fazi* (3ª pessoa do presente do verbo fazer – forma esperada: *faz*)

Adição de um sufixo flexional *-i*, inexistente na forma irregular *faz*.

$C(faz) = 38/41$

*CHI: *fazi* carinho, *fazi* carinho. (1ª ocorrência – 1;11.30)

*CHI: *fazi* música, mamãe@f! (2ª ocorrência – 2;5.0)

*CHI: mamãe@f *fazi* uma... (3ª ocorrência – 2;9.24)

Análise das Formas Inesperadas de Lz

A criança *Lz* produziu duas regularizações de formas verbais irregulares e uma forma de irregularização de forma verbal regular. Na ocorrência de irregularização, aos 2;0.28, *Lz* aplicou a alternância vocálica /u/ → /i/ no radical da 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo subir (juntamente com o uso do sufixo flexional regular de 3ª Conjugação *-iu*) enquanto o esperado seria apenas a aplicação da regra regular da 3ª Conjugação (aplicação do sufixo flexional *-iu*). Assim, *Lz* produziu a forma irregular inexistente “sibiu” enquanto a forma regular esperada é “subiu”. Casagrande (2013) analisou a mesma ocorrência dessa criança como um caso de harmonia vocálica⁶² resultante “de um processo assimilatório dos traços da vogal em sílaba seguinte”

62 A harmonia vocálica é “a possibilidade de elevação da vogal média pretônica por influência de uma vogal alta subsequente” (CASAGRANDE, 2013, p.30). Os casos mais comuns do PB são de harmonia das vogais pretônicas /e/ e /o/ anteriores às vogais altas /i/ e /u/, como nos seguintes exemplos: m[e]n[i]no → m[i]n[i]no; c[o]r[u]ja → c[u]r[u]ja; s[e]g[u]ra → s[i]g[u]ra; b[o]n[i]to → b[u]n[i]to.

(CASAGRANDE, 2013, p. 96). Casagrande (2013), analisando a aquisição das regras de harmonia vocálica por crianças falantes de PB, afirma que a vogal pretônica /u/ é a última a ser adquirida e que criança *Lz* (citada pela autora como *L.*) não apresentou, no período analisado (1;4 a 2;11), uma quantidade suficiente de ocorrências da pretônica /u/ para que sua aquisição seja determinada. Assim, o dado que classificamos como irregularização de uma forma verbal regular pode não ser exatamente uma alternância vocálica produzida pela aplicação de uma regra morfológica incompatível, mas caso em que a criança produz um caso de harmonia vocálica provocada pela não estabilização da pretônica /u/ e pela influência da vogal /i/ presente na sílaba seguinte. Manteremos a classificação do dado de *Lz* como irregularização de forma verbal regular, mas é relevante ter em mente que tal produção não adulta pode ter suas raízes na falta de amadurecimento fonológico, não morfológico. Como não temos subsídios suficientes para fazer uma escolha, mantemos a análise proposta acima, por ser ela mais conservadora.

A taxa de uso correto da forma “subiu” (C(*subiu*)) para a criança *Lz* é de 0/1 ou seja, a criança produziu a forma uma vez, mas a produziu de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “subiu” ocorreu 25 vezes em nossa amostra e a frequência da forma é igual a 25. As demais formas da 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo da 3ª Conjugação ocorreram 800 vezes em nossa amostra, portanto, a frequência da classe de “subiu” é igual a 825.

Na primeira ocorrência de regularização de forma verbal irregular, aos 2;11.12, a criança *Lz* aplicou a regra de formação de um verbo regular de 1ª pessoa do singular no presente da 3ª Conjugação (manter o radical do verbo e acrescentar o sufixo flexional -o), gerando a forma “consegó”. Por ser um verbo irregular no qual a regra “alternar a vogal /e/ do radical para a vogal /i/ e aplicar o sufixo flexional -o”, a forma que deveria ser produzida é “consigo”. A taxa de uso correto da forma “consigo” (C(*consigo*)) para a criança *Lz* é de 36/37 ou seja, a criança produziu a forma corretamente 36 vezes e apenas uma vez de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “consigo” ocorreu 130 vezes em nossa amostra e a forma “prefiro”, que compartilha a regra irregular com a forma “consigo”, ocorreu uma vez na amostra de *input*. Assim, a frequência da forma “consigo” é igual a 130 e a frequência da classe é igual a 131.

Na segunda ocorrência de regularização de forma verbal irregular, aos 3;0.23, a criança *Lz* aplicou a regra de formação de um verbo regular de 1ª pessoa do singular do

presente da 2ª Conjugação (manter o radical do verbo e acrescentar o sufixo flexional -o), gerando a forma “podo”. Por ser um verbo irregular no qual a regra “alternar a consoante /d/ do radical para o dígrafo /ss/ e aplicar o sufixo flexional -o”, a forma que deveria ser produzida é “posso”. A taxa de uso correto da forma “posso” (C(*posso*)) para a criança *Lz* é de 11/12 ou seja, a criança produziu a forma corretamente 11 vezes e apenas uma vez de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “posso” ocorreu 109 vezes em nossa amostra e a forma “faço”, que compartilha a regra irregular com a forma “posso”, ocorreu 34 vezes no *input*. Assim, a frequência da forma “posso” é igual a 109 e a frequência da classe é igual a 143.

A criança *Lz* produziu apenas uma ocorrência de troca de classe (troca de conjugação regular), aos 3;4.7. A ocorrência foi a aplicação da regra de formação de 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito da 1ª Conjugação no verbo “comer”, da 2ª Conjugação. Assim, a forma que deveria ser produzida como “*comi*” foi produzida três vezes pela criança *Lz* como “comei”. A taxa de uso correto da forma “comi” (C(*comi*)) para a criança é de 6/7, ou seja, a criança *Lz* produziu sete vezes a forma, seis vezes de forma correta e uma vez de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “comi” ocorreu 29 vezes em nossa amostra e sua frequência é igual a 29. As demais formas da 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo da 2ª Conjugação ocorreram 85 vezes em nossa amostra, portanto, a frequência da classe de “comi” é igual a 114.

A criança *Lz* produziu também apenas uma ocorrência de troca de tempo (não registrando troca de modo), aos 2;7.15). A ocorrência foi a aplicação de uma forma irregular de 3ª pessoa do singular do presente do modo indicativo quando o esperado seria uma forma irregular de 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo. Assim, a forma que deveria ser produzida como “foi” foi produzida três vezes pela criança *Lz* como “é”. A taxa de uso correto da forma “foi” (C(*foi*)) para a criança é de 21/22, ou seja, a criança *Lz* produziu 22 vezes a forma, 21 vezes de forma correta e uma vez de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “foi” ocorreu 2472 vezes em nossa amostra. Por não compartilhar seu padrão com outras formas verbais, as duas frequências (da forma e da classe) são iguais a 2472.

Obtivemos três ocorrências que, por não se encaixarem em nenhum dos padrões de formas morfológicamente variantes de nossa classificação, classificamos como “Outras Formas Morfológicamente Variantes”. A primeira ocorrência foi produzida por *Lz* aos

1;11.30, em que a criança adicionou um sufixo flexional em uma forma verbal que apresenta irregularidade no radical e não seleciona a adição de qualquer sufixo flexional. A criança, apesar de gerar corretamente o radical correspondente à 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo “fazer”, a forma “faz”, adiciona à forma um sufixo flexional inexistente (-i), gerando a forma “fazi”, inexistente no PB. Esta mesma forma inesperada foi produzida por *Lz* aos 2;5.0 e aos 2;9.24. A taxa de uso correto da forma “faz” (C(*faz*)) para a criança é de 38/41, ou seja, *Lz* produziu 41 vezes a forma, 3 vezes de forma inesperada e 38 vezes de forma correta. Em relação ao *input*, a forma “faz” ocorreu 351 vezes em nossa amostra e compartilha o seu padrão (ausência de sufixo flexional) com as formas verbais “diz”, “traz” e “quer”, com frequências de 26, 76 e 2029 ocorrências, respectivamente. Assim, a frequências da forma é igual a 351 e a frequência da classe é igual a 2428.

Em relação a trocas de número ou pessoa, a criança *Lz* produziu um total de 17 ocorrências de troca de número ou pessoa. Das 17 ocorrências, 8 foram em formas regulares (1 usos de 1ª pessoa do plural quando o esperado seria a 3ª pessoa do singular e 7 usos de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria de 1ª pessoa do singular) e 9 em formas irregulares (2 usos de 1ª pessoa do plural quando o esperado seria a 3ª pessoa do singular; 1 uso de 3ª pessoa do plural quando o esperado seria de 3ª pessoa do singular; 2 usos de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria de 3ª pessoa do plural; e 4 usos de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria de 1ª pessoa do singular). Os padrões de troca estão detalhados na Tabela 33 abaixo:

Tabela 33 – Padrões de Troca de Número ou Pessoa da criança *Lz*

Forma Produzida	Forma Esperada	Regular	Irregular	Total
3ª pessoa do singular	1ª pessoa do singular	7	4	11
3ª pessoa do singular	3ª pessoa do plural	0	2	2
3ª pessoa do plural	3ª pessoa do singular	0	1	1
1ª pessoa do plural	3ª pessoa do singular	1	2	3

É importante ressaltar que as duas ocorrências de troca de número e pessoa em uma mesma forma verbal produzidas pela criança *Lz* correspondem a contextos em que foram utilizados o pronome “a gente”, que utiliza a concordância de 3ª pessoa do singular, mas carrega consigo a semântica correspondente à 1ª pessoa do plural. Como já destacamos, estas ocorrências podem ser motivadas pela presença da forma na fala adulta.

Com relação aos números de ocorrências das formas morfológicamente variantes regulares tivemos apenas uma ocorrência para a 3ª Conjugação (e uma para a 2ª Conjugação), indicando que a diferença de desempenho da criança entre as Conjugações não é tão significativa. Ao observarmos as taxas de uso correto das conjugações observamos que, entre as duas conjugações, a 3ª Conjugação foi a mais problemática para Lz: a 3ª Conjugação apresentou uma taxa de uso correto de 99,57% (1 formas morfológicamente variantes de um total de 235 formas verbais), enquanto a taxa de uso correto da 2ª Conjugação foi de 99,77% (1 FMV em um total de 446 formas verbais). Podemos perceber que, mesmo assim, a diferença de desempenho da criança Lz entre as duas conjugações não foi grande. Quanto às formas verbais irregulares produzidas por Lz, observamos que a maioria das formas verbais apresentam boas frequências de uso da criança, mesmo a forma “fiz”, que apresentou três ocorrências de regularização para a criança Lz.

As taxas de uso correto (CUR) das formas verbais em que a criança produziu formas morfológicamente variantes, que podem ser vistas na Tabela 34 abaixo:

Tabela 34 – Taxa de Uso Correto de Lz

Classe	Formas	CUR da forma	CUR da classe
3ª Conjugação - 3ª sg. pretérito perfeito	Subiu	0% (0/1)	99,2% (125/126)
2ª Conjugação - 1ª sg. pretérito perfeito	Comi	85,7% (6/7)	94,7% (18/19)
Alternância (/e/ → /i/) no radical - 1ª sg. Presente	Consigo	92,3% (36/39)	92,3% (36/39)
Ausência de sufixo flexional - 3ª sg. Presente	Faz	92,6% (38/41)	92,2% (83/90)

Como podemos observar na Tabela acima, as taxas de uso correto indicam que, para a maioria dos verbos, a criança tem um desempenho excelente em relação às classes verbais: as 4 classes verbais apresentaram CUR entre 90 e 100%. Ao observarmos a relação entre a taxa de uso correto e a frequência da classe, percebemos claramente que quanto maior a frequência, maior a taxa de uso correto da forma: “faz: (83/90) e 92,6% → “consigo”: (36/39) e 92,3% → “comi”: (18/19) e 85,7%, indicando que nossas previsões parecem estar corretas.

5.3.4. Dados da Criança Mc

A quarta criança a ser observada, a criança *Mc*, teve um total de 25 sessões analisadas e 195 formas verbais flexionadas distintas produzidas (*types*), gerando 1879 formas verbais flexionadas (*tokens*), das quais 11 são formas inesperadas. A taxa de uso correto geral de *Mc* foi de 99,4% (99,6% para as formas regulares e 99,1% para as formas irregulares).

Das 11 formas produzidas de forma inesperada de *Mc*, apenas 2 foram formas morfológicamente variantes, ambas em formas verbais irregulares. Na Tabela 35 abaixo podemos ver detalhadamente as formas morfológicamente variantes irregulares:

Tabela 35 – Formas Morfológicamente Variantes de Mc

Classe	Pessoa e Tempo	Forma	Frequência <i>Input</i>		Frequência <i>Mc</i>	
			Forma	Classe	Forma	Classe
Alternância /a/ → /i/ no radical e ausência de sufixo flexional	1ª sg. pretérito perfeito	Fezi	131	131	3	3
Alternância /a/ → /ow/, alternância /z/ → /s/ no radical e sufixo flexional <i>e</i>	3ª sg. pretérito perfeito	Trazeu	28	28	0	0

Apresentaremos, a seguir, as formas inesperadas produzidas por *Mc*, uma descrição do processo em questão, a taxa de uso correto de cada forma ($C(x)$: número de ocorrências corretas de x dividido pelo número de ocorrências total de x) e a sentença em que a forma foi produzida, seguida pela idade em que a criança produziu a sentença.

(1) Troca de Número ou Pessoa (regular):

(1.a) *Ama* (1ª pessoa do singular do presente do verbo amar – forma esperada: *amo*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(amo) = 0/1$

*CHI: (eu⁶³) *ama* Lúcia. (2;2.0)

(1.b) *Abre* (1ª pessoa do singular do presente do verbo abrir – forma esperada: *abro*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª

63 Contexto: criança está brincando com a Lúcia e fala que a ama.

pessoa do singular.

$C(abro) = 0/1$

*CHI: deixa que eu abre. (2;8.17)

(1.c) *Falta* (3ª pessoa do plural do presente do verbo faltar – forma esperada: *faltam*)

Aplicação de uma forma no singular quando o esperado seria uma forma no plural.

$C(faltam) = 0/1$

*CHI: *falta* duas. (2;10.28)

(1.d) *Cabe* (3ª pessoa do plural do presente do verbo caber – forma esperada: *cabem*)

Aplicação de uma forma no singular quando o esperado seria uma forma no plural.

$C(cabem) = 0/1$

*CHI: todas *cabe*! (3;5.4)

(2) Troca de Modo (irregular):

(2.a) *Quero* (1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo querer – forma esperada: *queira*)

Aplicação de uma forma no presente do indicativo quando o esperado seria uma forma no presente do subjuntivo.

$C(queira) = 0/1$

*CHI: talvez eu *quero* mais. (3;4.9)

(3) Regularização:

(3.a) *Trazeu* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo trazer – forma esperada: *trouxe*)

Aplicação da regra regular da 2ª Conjugação em um verbo irregular de VT *e*.

$C(trouxe) = 0/1$

*CHI: (eu⁶⁴) já *trazeu*! (2;9.2)

(4) Troca de Padrão (irregular):

(4.a) *Fezi* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo fazer – forma esperada: *fiz*)

Aplicação da regra “alternância /a/ → /e/ no radical” (da classe da forma verbal *fez*) + aplicação do sufixo regular de 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito de 2ª Conjugação *-i*.

$C(fiz) = 3/4$

64 Contexto: mãe pede para a criança pegar um livro e a criança responde “já *trazeu*”.

*CHI: (eu⁶⁵) *fezi*. (1;11.12)

(5) Troca de Número ou Pessoa (irregular):

(5.a) *É* (3ª pessoa do plural do presente do verbo ser – forma esperada: *são*)

Aplicação de uma forma no singular quando o esperado seria uma forma no plural.

$C(são) = 5/6$

*CHI: adivinha quem *é* esses. (2;10.28)

(5.b) *Dei* (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo dar – forma esperada: *deu*)

Aplicação de uma forma de 1ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 3ª pessoa do singular.

$C(deu) = 8/9$

*CHI: o Gustavo não *dei*. (3;4.9)

(6) Troca de Modo (irregular):

(6.a) *Faço* (1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo fazer – forma esperada: *faça*)

Aplicação de uma forma no presente do indicativo quando o esperado seria uma forma no presente do subjuntivo.

$C(faça) = 0/1$

*CHI: quer que eu *faço* outro? (3;4.9)

(6.b) *Faz* (3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo fazer – forma esperada: *faça*)

Aplicação de uma forma no presente do indicativo quando o esperado seria uma forma no presente do subjuntivo.

$C(faça) = 0/1$

*CHI: eu quero que *faz* de novo. (3;4.9)

Análise das Formas Inesperadas de Mc

A criança *Mc* produziu apenas uma regularização de forma verbal irregular, aos 2;9.2. Na ocorrência de regularização, *Mc* aplicou a regra de formação de um verbo regular

65 Contexto: resposta à pergunta “você fez dois sapos?” da mãe.

de 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito da 2ª Conjugação (manter o radical do verbo e acrescentar o sufixo flexional *-eu*), gerando a forma verbal inexistente “trazeu”. Por ser um verbo irregular no qual a regra “alternar a vogal /a/ do radical para o ditongo /ow/, alternar a consoante *z* do radical para a consoante *x* e aplicar o sufixo flexional *-e*”, a forma que deveria ser produzida é “trouxe”. A taxa de uso correto da forma “trouxe” (C(*trouxe*)) para a criança *Mc* é de 0/1 ou seja, a criança produziu a forma uma vez, mas a produziu de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “trouxe” ocorreu 28 vezes em nossa amostra. Por não compartilhar seu padrão com outras formas verbais, as duas frequências (da forma e da classe) são iguais a 28.

A criança *Mc* produziu apenas uma ocorrência de troca de classe (troca de padrão irregular), aos 1;11.12. A ocorrência foi a aplicação da regra “alternância /a/ → /e/ no radical”, compartilhada da classe da forma verbal “fez” e a aplicação do sufixo regular de 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito de 2ª Conjugação (*-i*). Assim, a forma que deveria ser produzida como “fiz” foi produzida pela criança *Mc* como “fezi”. A taxa de uso correto da forma “fiz” (C(*fiz*)) para a criança é de 3/4, ou seja, a criança *Mc* produziu quatro vezes a forma, três vezes de forma correta e uma vez de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “fiz” ocorreu 131 vezes e, por não compartilhar seu padrão com outras formas verbais, as duas frequências (da forma e da classe) são iguais a 131.

A criança *Mc* produziu três ocorrências de trocas de modo, sendo duas trocas de modo em verbos irregulares e uma de modo em um verbo regular. As três ocorrências foram registradas aos 3;4.9. Na ocorrência em forma verbal regular, a criança utilizou a forma de 1ª pessoa do singular do presente do modo indicativo quando o esperado seria a forma de 1ª pessoa do singular do presente do modo subjuntivo. Assim, a forma que deveria ser produzida como “queira” foi produzida pela criança *Mc* como a forma “quero”. A taxa de uso correto da forma “queira” (C(*queira*)) para a criança é de 0/1, ou seja, a criança *Mc* deveria ter produzido uma vez a forma, mas a produziu de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “queira” não ocorreu em nossa amostra e, por não compartilhar seu padrão com nenhum outro verbo (alternância /e/ → /ej/ no radical), as suas duas frequências (da forma e da classe) são iguais a zero.

Na ocorrência de troca de modo em formas verbal irregular, a criança *Mc* utilizou a forma de 1ª pessoa do singular do presente do modo indicativo quando o esperado seria a forma de 1ª pessoa do singular do presente do modo subjuntivo. Assim, a forma que

deveria ser produzida como “faça” foi produzida pela criança *Mc* como a forma “faço”. A taxa de uso correto da forma “faça” (*C(faça)*) para a criança é de 0/1, ou seja, a criança *Mc* produziu a forma correspondente à 1ª pessoa do singular do presente do modo subjuntivo do verbo “fazer”, mas as produziu de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “faça” ocorreu 11 vezes em nossa amostra e a frequência da forma é igual a 11. Por compartilhar seu padrão (alternância /z/ → /s/ no radical + sufixo flexional regular correspondente) com a 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo “fazer” (“faço”, frequência: 34), a frequência da classe de “faça” é igual a 45.

Na terceira ocorrência de troca de modo em forma verbal irregular, a criança *Mc* utilizou a forma de 3ª pessoa do singular do presente do modo indicativo quando o esperado seria a forma de 3ª pessoa do singular do presente do modo subjuntivo. Assim, a forma que deveria ser produzida como “faça” foi produzida pela criança *Mc* como a forma “faz”. A taxa de uso correto da forma “faça” (*C(faça)*) para a criança é de 0/1, ou seja, a criança *Mc* deveria ter produzido produziu apenas uma vez a forma correspondente à 3ª pessoa do singular do presente do modo subjuntivo do verbo “fazer”, mas a produziu de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “faça” ocorreu 11 vezes em nossa amostra e a frequência da forma é igual a 11. Por compartilhar seu padrão (alternância /z/ → /s/ no radical + sufixo flexional regular correspondente) com a 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo “fazer” (“faço”, frequência: 34), a frequência da classe de “faça” é igual a 45.

Em relação a trocas de número ou pessoa, a criança *Mc* produziu um total de 6 ocorrências de troca de número ou pessoa. Das 6 ocorrências, 4 foram em formas regulares (2 usos de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria de 3ª pessoa plural e 2 usos de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria de 1ª pessoa do singular) e 2 em formas irregulares (1 uso de singular quando o esperado seria plural e 1 uso de 1ª pessoa do singular quando o esperado seria de 3ª pessoa do singular). Os padrões de troca estão detalhados na Tabela 36 abaixo:

Tabela 36 – Padrões de Troca de Número ou Pessoa da criança *Mc*

Forma Produzida	Forma Esperada	Regular	Irregular	Total
3ª pessoa do singular	1ª pessoa do singular	2	1	3
3ª pessoa do singular	3ª pessoa do plural	2	1	3

Dentre as formas verbais morfologicamente variantes produzidas por *Mc*,

percebemos que as duas formas verbais apresentam baixas frequências da forma e da classe da criança (3 e 0). As taxas de uso correto (CUR) dessas formas morfolologicamente variantes produzidas por *Mc* indicam que a taxa de uso correto foi maior no verbo com maiores frequências da forma e da classe para a criança e para a mãe. As taxas de uso correto das classes podem ser vistas, organizadas da maior taxa da classe para a menor taxa de classe, na Tabela 37 abaixo:

Tabela 37 – Taxa de Uso Correto de *Mc*

Classe	Formas	CUR da forma	CUR da classe
Alternância /a/ → /i/ no radical e ausência de sufixo flexional - 1ª sg. pretérito perfeito	Fiz	75% (3/4)	75% (3/4)
Alternância /a/ → /ow/ no radical, alternância /z/ → /s/ no radical e sufixo flexional <i>e</i> – 3ª sg. pretérito perfeito	Trouxe	0% (0/1)	0% (0/1)

A criança *Mc* teve desempenho semelhante às demais crianças em relação às formas inesperadas, mas apresentou um baixíssimo número de formas morfolologicamente variantes, o que parece indicar que a criança possui um melhor domínio morfológico do sistema verbal do PB.

5.3.4 Dados da Criança *Ni*

A quinta criança a ser observada, a criança *Ni*, teve um total de 19 sessões analisadas e 107 formas verbais flexionadas distintas produzidas (*types*), gerando 1032 formas verbais flexionadas (*tokens*), das quais 8 são formas inesperadas. A taxa de uso correto geral de *Ni* foi de 99,2% (100% para as formas regulares e 98,6% para as formas irregulares).

Todas as 8 formas produzidas de forma inesperada de *Ni* ocorreram em formas verbais irregulares, sendo 2 formas morfolologicamente variantes. Na Tabela 38 abaixo podemos ver detalhadamente os padrões formados por estas formas morfolologicamente variantes de *Ni*:

Tabela 38 – Formas Morfologicamente Variantes de Ni

Classe	Pessoa e Tempo	Forma	Frequência <i>Input</i>		Frequência <i>Ni</i>	
			Forma	Classe	Forma	Classe
Alternância /a/ → /i/ no radical e ausência de sufixo flexional	1ª sg. pretérito perfeito	Fazi	131	131	1	1
Alternância /a/ → /ow/ no radical e sufixo flexional <i>e</i>	3ª sg. pretérito perfeito	Cabiu	0	0	0	0

Apresentaremos, a seguir, as formas inesperadas produzidas por *Ni*, uma descrição do processo em questão, a taxa de uso correto de cada forma ($C(x)$: número de ocorrências corretas de x dividido pelo número de ocorrências total de x) e a sentença em que a forma foi produzida, seguida pela idade em que a criança produziu a sentença.

(1) Regularização:

(1.a) *Cabiu* (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo *caber* – forma esperada: *coube*)

Aplicação da regra regular da 3ª Conjugação em um verbo irregular de VT *e* (regularização com troca de conjugação).

$$C(\textit{coube}) = 0/1$$

*CHI: você *cabiu* e o *Ni* cabe também. (2;9.17)

(1.b) *Fazi* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo *fazer* – forma esperada: *fiz*)

Aplicação da regra regular da 2ª Conjugação em um verbo irregular de VT *e*.

$$C(\textit{fiz}) = 1/2$$

*CHI: (eu⁶⁶) *fazi*, olha. (2;9.28)

(2) Troca de Número ou Pessoa (irregular):

(2.a) *É* (3ª pessoa do plural do presente do verbo *ser* – forma esperada: *são*)

Aplicação de uma forma no singular quando o esperado seria uma forma no plural.

$$C(\textit{são}) = 0/3$$

*CHI: *é* só dois. (1ª ocorrência – 1;10.23)

66 Contexto: criança fala este enunciado depois de falar que quer fazer bolinha de sabão.

*CHI: eles *é* de pequenininho e grande. (2ª ocorrência – 1;11;6)

*CHI: quem *é* esses dois? (3ª ocorrência – 2;9.17)

(2.b) *Vai* (3ª pessoa do plural do presente do verbo ir – forma esperada: *vão*)

Aplicação de uma forma no singular quando o esperado seria uma forma no plural.

$C(vão) = 1/3$

*CHI: as mulheres *vai vai* falar. (1ª ocorrência – 2;8.8)

*CHI: os três mosqueteiros não *vai* matar eu. (2ª ocorrência – 2;9.17)

(2.c) *Vai* (1ª pessoa do singular do presente do verbo ir – forma esperada: *vou*)

Aplicação de uma forma de 3ª pessoa do singular quando o esperado seria uma forma de 1ª pessoa do singular.

$C(vou) = 95/96$

*CHI: eu *vai* ficar sem a... (2;9.17)

Análise das Formas Inesperadas de Ni

A criança *Ni* produziu duas ocorrências de regularizações de formas verbais irregulares. Na primeira ocorrência, aos 2;9.17, *Ni* aplicou a regra de formação de um verbo regular de 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito da 3ª Conjugação (manter o radical do verbo e acrescentar o sufixo flexional *-iu*), gerando a forma verbal inexistente “cabiu”. Por ser um verbo irregular no qual a regra “alternar a vogal /a/ do radical para o ditongo /ow/ e aplicar o sufixo flexional *-e*”, a forma que deveria ser produzida é “coube”. A criança, portanto, além de produzir a regularização, aplicou a regra de uma classe regular que não corresponde à VT do verbo (*e* – 2ª Conjugação regular). A taxa de uso correto da forma “coube” ($C(coube)$) para a criança *Ni* é de 0/1 ou seja, a criança produziu a forma uma vez, mas a produziu de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “coube” não ocorreu em nossa amostra, mas a forma “soube”, que faz parte da classe de “coube” por compartilhar a mesma regra de formação, ocorreu duas vezes em nossa amostra. Assim, a frequência da forma “coube” é igual a zero, mas a frequência da classe é igual a 2.

Na segunda ocorrência de regularização de forma verbal irregular, aos 2;9.28, a criança *Ni* aplicou a regra de formação de um verbo regular de 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito da 2ª Conjugação (manter o radical do verbo e acrescentar o sufixo

flexional *-i*), gerando a forma verbal inexistente “fazi”. Por ser uma forma verbal irregular no qual a regra “alternância da vogal /a/ do radical para a vogal /i/ e ausência de sufixo flexional”, a forma que deveria ser produzida é “fiz”. A taxa de uso correto da forma “fiz” ($C(fiz)$) para a criança *Ni* é de 1/2 ou seja, a criança produziu duas vezes a forma, uma vez de forma correta e uma vez de forma inesperada. Em relação ao *input*, a forma “fiz” ocorreu 131 vezes em nossa amostra e, por ser a única forma de sua classe, este mesmo número representa a frequência da forma e a frequência da classe.

Em relação a trocas de número ou pessoa, a criança *Ni* produziu um total de 6 ocorrências de troca de número ou pessoa, todas em formas irregulares (5 usos de singular quando o esperado seria plural e 1 uso de 1ª pessoa do singular quando o esperado seria de 3ª pessoa do singular). Os padrões de troca estão detalhados na Tabela 39 abaixo:

Tabela 39 – Padrões de Troca de Número ou Pessoa da criança *Ni*

Forma Produzida	Forma Esperada	Regular	Irregular	Total
3ª pessoa do singular	1ª pessoa do singular	0	1	1
3ª pessoa do singular	3ª pessoa do plural	0	5	5

Observamos que as duas formas verbais morfologicamente variantes produzidas por *Ni* apresentam baixíssimas frequências de uso da criança (0 e 1). Com relação à frequência no *input*, a frequência de “fiz” apresentou um número mais alto, 131 para ambas as frequências, mas a forma “coube” apresentou frequência igual a zero.

As taxas de uso correto das classes podem ser vistas, organizadas da maior taxa da classe para a menor taxa de classe, na Tabela 40 abaixo:

Tabela 40 – Taxa de Uso Correto de *Ni*

Classe	Formas	CUR da forma	CUR da classe
Alternância /a/ → /i/ no radical e ausência de sufixo flexional - 1ª sg. pretérito perfeito	Fiz	50% (1/2)	50% (1/2)
Alternância /a/ → /ow/ no radical e sufixo flexional <i>e</i> – 3ª sg. pretérito perfeito	Coube	0% (0/1)	0% (0/1)

As taxas de uso correto (CUR) das formas morfologicamente variantes produzidas por *Ni* indicam que a criança produziu as formas inesperadas em classes com baixa frequência de uso da criança: “fiz” apresentou CUR de 1/2 e “coube” de 0/1. Este fato

pode ser consequência do pequeno número de dados analisados da criança, já que além de nos fornecer mais formas morfológicamente variantes, um número maior de sessões (com um número maior de formas verbais produzidas), provavelmente geraria maiores taxas de uso correto.

5.4 O PAPEL DA FREQUÊNCIA DAS CLASSES NA AQUISIÇÃO DO PB

Para testar o papel da frequência na aquisição dos verbos irregulares como prevê o modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002), selecionamos as formas verbais produzidas pelas crianças (divididas em suas respectivas classes), calculamos as taxas de uso correto, as frequências da forma e da classe no *input* de cada forma verbal, e finalmente, comparamos os dados de acordo com as análises propostas pelo modelo de Charles Yang (2002).

Na Tabela 41 a seguir listamos todas as formas verbais produzidas pelas crianças, as taxas de uso correto (excluindo-se as formas discutidas acima, com trocas de pessoa, número, tempo e modo) e as frequências da forma e da classe no *input* de cada forma verbal. A ordem em que estão apresentadas vai da forma com maior frequência da classe no *input* para a forma com menor frequência da classe no *input*. Em relação às classes regulares (1ª, 2ª e 3ª Conjugações), apresentamos apenas a forma verbal mais frequente da classe (para as cinco crianças); as taxas de uso correto e as frequências das classes, porém, são relativas a todas as formas que pertencem à classe. Todas as formas verbais regulares produzidas pelas crianças e suas respectivas taxas de uso correto e frequências podem ser vistas no Apêndice B deste trabalho.

Tabela 41 – Formas Verbais do PB Infantil Agrupadas por Classes

(Continua)

Classe	Formas	Taxa de Uso Correto	Frequência da Forma no <i>Input</i>	Frequência da Classe no <i>Input</i>
1ª Conjugação – 3ª sg. Presente	Está	100% (3986/3986)	5986	18407
Irregularidade total (ser → é)	É	100% (1282/1282)	10880	10880
Irregularidade total (ir → vai)	Vai	100% (566/566)	3408	3408
Irregularidade total (ir → vamos)	Vamos	100% (278/278)	2710	2710
Irregularidade total (ir → foi)	Foi	100% (158/158)	2472	2472
Ausência de sufixo flexional	Faz	98,1% (159/162)	351	2428
	Diz	100% (1/1)	26	
	Traz	100% (1/1)	76	
	Quer	100% (239/239)	2029	
Sufixo flexional <i>-em</i>	Vem	100% (111/111)	2448	2395
	Tem	100% (654/654)	2342	
1ª Conjugação – 3ª sg. Pretérito Perfeito	Acabou	99,8% (813/814)	303	2282
2ª Conjugação – 3ª sg. Presente	Pode	100% (594/594)	497	1473
Sufixo flexional <i>-ou</i>	Estou	100% (236/236)	859	1021
	Sou	100% (99/99)	137	
3ª Conjugação – 3ª sg. Pretérito Perfeito	Caiu	99,4% (348/350)	468	825
Irregularidade total (ir → vou)	Vou	100% (336/336)	822	822

Tabela 41 – Formas Verbais do PB Infantil Agrupadas por Classes

(Continuação)

Classe	Formas	Taxa de Uso Correto	Frequência da Forma no Input	Frequência da Classe no Input
1ª Conjugação – 1ª sg. Presente	Gosto	100% (326/326)	52	782
2ª Conjugação – 1ª sg. Presente	Quero	100% (1033/1033)	716	756
Sufixo flexional <i>-õe</i>	Põe	100% (110/110)	693	693
1ª Conjugação – 1ª sg. Pretérito Perfeito	Achei	99,5% (410/412)	260	686
Sufixo flexional <i>-iu</i>	Viu	100% (62/62)	613	613
2ª Conjugação – 3ª sg. Pretérito Perfeito	Comeu	100% (138/138)	131	583
3ª Conjugação – 3ª sg. Presente	Abre	100% (222/222)	221	501
Sufixo flexional <i>-i</i>	Ri	100% (2/2)	207	382
	Sai	100% (42/42)	97	
	Cai	100% (15/15)	78	
Irregularidade total (saber → sei)	Sei	100% (126/126)	345	345
1ª Conjugação – 3ª sg. Pretérito Imperfeito	Estava	100% (72/72)	256	279
Sufixo flexional <i>-ão</i>	Estão	100% (8/8)	234	274
	São	100% (17/17)	140	
Sufixo flexional <i>-eu</i>	Deu	100% (9/9)	240	240
Irregularidade total (ser → era)	Era	100% (39/39)	153	153
2ª Conjugação – 1ª sg. Pretérito Imperfeito	Sabia	100% (19/19)	56	144
Alternância /X/ → /s/ no radical	Posso	96,7% (30/31)	109	202
	Faço	100% (5/5)	34	
	Faça	100% (6/6)	59	
Alternância /X/ → /i/ do radical e ausência de sufixo flexional	Fiz	89,6% (26/29)	131	131

Tabela 41 – Formas Verbais do PB Infantil Agrupadas por Classes

(Continuação)

Classe	Formas	Taxa de Uso Correto	Frequência da Forma no <i>Input</i>	Frequência da Classe no <i>Input</i>
Alternância (/X/ → /i/) no radical	Consigo	97,4% (38/39)	130	131
1ª Conjugação – 1ª sg. Pretérito Imperfeito	Estava	100% (31/31)	256	120
2ª Conjugação – 1ª sg. Pretérito Perfeito	Vi	98,9% (97/98)	63	114
2ª Conjugação – 3ª sg. Pretérito Imperfeito	Podia	100% (17/17)	19	98
3ª Conjugação – 1ª sg. Pretérito Perfeito	Consegui	100% (75/75)	35	95
Sufixo flexional <i>-inha</i>	Tinha	100% (37/37)	78	81
	Vinha	100% (2/2)	3	
2ª Conjugação – 3ª sg. Futuro	Será	100% (4/4)	81	81
Sufixo flexional <i>-nho</i>	Tenho	100% (30/30)	61	79
	Ponho	100% (4/4)	18	
Irregularidade total (ir → vão)	Vão	100% (4/4)	68	68
3ª Conjugação – 1ª sg. Pretérito Imperfeito	Ia	100% (4/4)	52	52
Alternância /X/ → /o/ no radical	Sobe	100% (9/9)	37	51
	Foge	100% (5/5)	14	
1ª Conjugação – 3ª sg. Presente do Subjuntivo	Ajude	100% (8/8)	21	47
1ª Conjugação – 1ª sg. Presente do Subjuntivo	Desculpe	100% (1/1)	0	47
Irregularidade total (ir → fui)	Fui	100% (43/43)	45	45
Irregularidade total (querer → quiser)	Quiser	100% (3/3)	40	40
Sufixo flexional <i>-eio</i>	Veio	100% (8/8)	30	33
	Leio	100% (2/2)	3	
Alternância /X/ → /ow/ no radical, alternância /X/ → /s/ no radical e sufixo flexional <i>e</i>	Trouxe	0% (0/1)	28	28

Tabela 41 – Formas Verbais do PB Infantil Agrupadas por Classes

(Continuação)

Classe	Formas	Taxa de Uso Correto	Frequência da Forma no Input	Frequência da Classe no Input
Irregularidade total (ir → foram)	Foram	100% (4/4)	27	27
1ª Conjugação – 3ª pl. Pretérito Perfeito	Furaram	100% (7/7)	0	26
Sufixo flexional <i>-ve</i>	Teve	100% (2/2)	21	21
Sufixo flexional <i>-im</i>	Vim	100% (2/2)	17	17
Irregularidade total (querer → quis)	Quis	100% (1/1)	13	13
1ª Conjugação – 3ª pl. Pretérito Imperfeito	Estavam	100% (4/4)	12	12
Sufixo flexional <i>-eia</i>	Leia	100% (1/1)	11	11
1ª Conjugação – 3ª pl. Presente	Amam	100% (7/7)	1	10
Irregularidade total (ir → vá)	Vá	100% (2/2)	9	9
2ª Conjugação – 1ª pl. Presente	Temos	100% (1/1)	9	9
Sufixo flexional <i>-ejo</i>	Vejo	100% (2/2)	6	6
3ª Conjugação – 1ª sg. Presente	Abro	100% (6/6)	4	6
1ª Conjugação – 1ª pl. Presente	Chegamos	100% (7/7)	5	6
Sufixo flexional <i>-eja</i>	Veja	100% (2/2)	4	4
2ª Conjugação – 3ª pl. Pretérito Perfeito	Viveram	100% (1/1)	3	3
Alternância (/X/ → /ie/) no radical	Vieram	100% (1/1)	2	2
Alternância (/X/ → /ow/) no radical e sufixo flexional <i>e</i>	Coube	0% (0/2)	0	2
	Soube	100% (1/1)	2	2
2ª Conjugação – 1ª sg. Futuro do Pretérito	Poderia	100% (22/22)	2	2
Sufixo flexional <i>-user</i>	Puser	100% (1/1)	1	1
3ª Conjugação – 3ª sg. Pretérito Imperfeito	Cuspia	100% (2/2)	0	1
3ª Conjugação – 1ª pl. Presente	Conseguimos	100% (3/3)	1	1
Sufixo flexional <i>-ôs</i>	Pôs	100% (6/6)	0	0

Tabela 41 – Formas Verbais do PB Infantil Agrupadas por Classes

(Conclusão)

Classe	Formas	Taxa de Uso Correto	Frequência da Forma no Input	Frequência da Classe no Input
Irregularidade total (pôr → pus)	Pus	75% (4/5)	0	0
Irregularidade total (ir → fosse)	Fosse	100% (1/1)	0	0
Alternância /X/ → /u/ no radical	Durma	100% (1/1)	0	0
2ª Conjugação – 3ª pl. Presente	Mordem	100% (1/1)	0	0
3ª Conjugação – 3ª sg. Presente do Subjuntivo	Suba	100% (1/1)	0	0
Alternância /X/ → /ai/ do radical	Caibo	0% (0/1)	0	0
Alternância /X/ → /e/ no radical	Deram	0% (0/1)	0	0
Alternância /X/ → /o/ no radical	Somos	0% (0/1)	0	0

Dividindo as classes verbais da Tabela acima em três grandes grupos, determinados pela frequência da classe, obtivemos que, das 76 classes verbais elencadas, 19 apresentaram frequência de classe acima de 500 ocorrências, 12 apresentaram frequência de classe entre 100 e 500 ocorrências e 45 classes apresentaram frequência de classe abaixo de 100 ocorrências. Para o grupo com maior frequência de classe, a taxa de uso correto foi de 99,95% (6 formas morfolologicamente variantes em um total de 12170 ocorrências); para o segundo grupo, a taxa de uso correto foi de 98,96% (6 formas morfolologicamente variantes em um total de 571 ocorrências); já para o grupo com menor frequência de classe, a taxa de uso correto foi, como esperávamos, a menor: 98,09% (7 formas morfolologicamente variantes em um total de 360 ocorrências). Como observamos na comparação de taxa de uso correto de três grupos, as frequências das formas verbais das classes parecem estar, assim como prevíamos, diretamente relacionadas à taxa de uso correto dos verbos produzidos pelas crianças adquirindo PB.

A seguir observaremos as taxas de uso correto por criança de algumas classes que apresentaram formas morfolologicamente variantes, já que o agrupamento dos dados de todas as crianças pode causar um desvio da taxa de uso correto das classes, devido à

presença de classes que apresentaram formas morfológicamente variantes para algumas crianças, mas que para outras a taxa de uso correto foi de 100% (sem formas morfológicamente variantes).

A criança *Ar* produziu 8 formas morfológicamente variantes: quatro trocas de conjugação regular, três regularizações de formas verbais irregulares e uma “outra forma morfológicamente variante”. A taxa de uso correto e as respectivas frequências de cada forma para a criança *Ar* podem ser vistas na Tabela 42 abaixo:

Tabela 42 – Formas Morfológicamente Variantes de *Ar*

Classe	Formas	Taxa de Uso Correto	Frequência da Forma no <i>Input</i>	Frequência da Classe no <i>Input</i>
Alternância /a/ → /i/ no radical e ausência de sufixo flexional	*fazi/fiz	90% (9/10)	131	131
1ª Conjugação – 1ª sg. Pretérito Perfeito	*mati/matei	88,8% (8/9)	0	686
1ª Conjugação – 3ª sg. Pretérito Perfeito	*mateu/matou	83,3% (5/6)	0	2282
Sufixo flexional -us	*puso/pus	80% (4/5)	0	0
3ª Conjugação – 3ª sg. Pretérito Perfeito	*serveu/serviu	50% (1/2)	2	825
1ª Conjugação – 1ª sg. Pretérito Perfeito	*janti/jantei	50% (1/2)	0	686
Ditongação /a/ → /aj/ no radical	*cabo/caibo	50% (1/2)	1	12
Alternância /a/ → /e/ no radical	*daram/deram	0% (0/1)	0	0

Observando os dados de *Ar*, percebemos que a taxa de uso correto das formas não parecem seguir uma relação direta com a frequência da forma ou da classe que estão em questão. Ao mesmo tempo em que a maior taxa de uso correto (dentre os dados acima apresentados) pertence à forma com a maior frequência individual, a segunda maior taxa de uso correto pertence a uma classe com frequência bastante alta e a terceira maior taxa de uso correto pertence a uma classe com altíssima frequência de classe. As formas “serviu” e “jantei” pertencem a classes com boas frequências de uso e tiveram taxa de uso correto menor do que a forma “pus”, que apresentou frequências da forma e da classe iguais a zero na amostra de *input*. A única forma verbal que apresentou taxa de uso correto igual a zero

para a criança *Ar*, a forma “deram”, teve as frequências individual e de classe no *input* também igual a zero.

A criança *Lu* produziu apenas duas formas morfolologicamente variantes, sendo uma regularização de forma verbal regular e uma “outra forma morfolologicamente variante irregular”. A taxa de uso correto e as respectivas frequências de cada forma para a criança *Lu* podem ser vistas na Tabela 43 abaixo:

Tabela 43 – Formas Morfolologicamente Variantes de Lu

Classe	Formas	Taxa de Uso Correto	Frequência da Forma no <i>Input</i>	Frequência da Classe no <i>Input</i>
Alternância /a/ → /ow/ no radical e sufixo flexional <i>e</i>	*cabeu/coube	0% (0/1)	0	2
Alternância /a/ → /o/ no radical e sufixo flexional <i>mos</i>	*samos/somos	0% (0/1)	0	0

Olhando para os dados de *Lu* percebemos que a criança produziu formas morfolologicamente variantes apenas em verbos irregulares, que não ocorreram em nossa amostra de *input* e cujas classes são pequenas (ou únicas, como no caso de “somos”). No caso de “coube”, obtivemos duas ocorrências da forma “soube”, que pertence a mesma classe, em nossa amostra de *input*. A forma “soube”, por sua vez, apresentou taxa de uso correto de 100% e frequência da forma e da classe no *input* igual a 2, e, ao aplicarmos a previsão do modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002), em relação a dois verbos da mesma classe ($C(x1) > C(x2)$ se $Fx1 > Fx2$), concluímos que, para esta classe (para a criança *Lu*), a previsão de Yang (2002) foi confirmada. Em relação à previsão do modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002) sobre verbos de classes diferentes ($C(x1) > C(x2)$ se $FS1 > FS2$), não podemos tecer conclusões com relação às formas verbais “coube” e “somos”, já que as taxas de uso correto das duas formas foram iguais a zero.

A criança *Lz* produziu 7 formas morfolologicamente variantes: uma irregularização de forma verbal regular, uma troca de conjugação regular, duas regularizações de formas verbais regulares e quatro “outras formas morfolologicamente variantes”. A taxa de uso correto e as respectivas frequências de cada forma para a criança *Lz* podem ser vistas na Tabela 44 abaixo:

Tabela 44 – Formas Morfologicamente Variantes de *Lz*

Classe	Formas	Taxa de Uso Correto	Frequência da Forma no <i>Input</i>	Frequência da Classe no <i>Input</i>
Ausência de sufixo flexional	*fazi/faz	92,6% (38/41)	351	2482
Alternância /e/ → /i/ no radical	*consego/consigo	92,3% (36/37)	130	131
Alternância /d/ → /s/ no radical	*podo/posso	91,6% (11/12)	109	109
2ª Conjugação – 1ª sg. Pretérito Perfeito	*comei/comi	85,7% (6/7)	29	114
3ª Conjugação – 3ª sg. Pretérito Perfeito	*sibiu/subiu	0% (0/1)	25	825

Os dados da criança *Lz* apresentam indícios de relações diretas entre a taxa de uso correto da forma e as frequências da forma e da classe. Apenas a forma “subiu” não apresentou, a princípio, esta relação: a forma pertence à classe com boa frequência de uso e teve taxa de uso correto igual a zero. A princípio a criança parece ainda não ter selecionado a classe correta da forma verbal, tendo em vista que a única vez que a forma foi produzida, foi produzida de forma inesperada. Existe, como discutimos na seção 5.3.3., a possibilidade de esta ocorrência ser um caso de harmonia vocálica. Casagrande (2013) mostrou que a vogal pretônica /u/ foi a última a ser adquirida pela criança *Lz*, fato que pode ter causado, juntamente com a influência da vogal /i/ presente na sílaba seguinte, a harmonia vocálica na forma verbal. Se considerássemos a análise de Casagrande (2013), nossa ocorrência não deveria mais ser analisada como uma aplicação de regra irregular em uma forma verbal regular, mas como uma forma gerada através da regra morfológica correta, mas com interferência de um processo fonológico. Assim, a ocorrência sairia da comparação feita na Tabela 44 e a relação entre a taxa de uso correto e as frequências da forma e da classe de *Lz* ficaria ainda mais evidente. Como já argumentamos, porém, manteremos a classificação desta ocorrência como irregularização de forma verbal regular e a sua análise. Como não temos como escolher entre essas duas análises, faremos a opção pela mais conservadora.

Observaremos, agora, os dados da criança *Mc*, que produziu duas ocorrências de formas morfolologicamente variantes, apresentadas na Tabela 45 abaixo:

Tabela 45 – Formas Morfologicamente Variantes de Mc

Classe	Formas	Taxa de Uso Correto	Frequência da Forma no <i>Input</i>	Frequência da Classe no <i>Input</i>
Alternância /a/ → /i/ no radical e ausência de sufixo flexional	*fezi/fiz	75% (3/4)	131	131
Alternância /a/ → /ow/ no radical, alternância /z/ → /s/ e sufixo flexional <i>e</i>	*trazeu/trouxe	0% (0/1)	28	28

Olhando para os dados de *Mc*, percebemos que a criança produziu duas formas morfolologicamente variantes em formas verbais irregulares, todas em formas que ocorreram em nossa amostra de *input*. Comparando as taxas de uso correto e as frequências das duas formas, observamos que a forma “fiz”, que possui frequência de forma e de classe maiores do que as frequências de “trouxe”, apresenta taxa de uso correto superior a taxa de uso correto de “trouxe”, o que nos leva a concluir que, como prevê o modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002), as frequência da forma e da classe influenciam na taxa de uso correto das formas verbais durante o período de aquisição de linguagem.

A última criança, *Ni*, produziu duas formas morfolologicamente variantes, ambas em formas verbais irregulares, como podemos observar na Tabela 46:

Tabela 46 – Formas Morfologicamente Variantes de Ni

Classe	Formas	Taxa de Uso Correto	Frequência da Forma no <i>Input</i>	Frequência da Classe no <i>Input</i>
Alternância /a/ → /i/ no radical e ausência de sufixo flexional	*fazi/fiz	50% (1/2)	131	131
Alternância /a/ → /ow/ no radical e sufixo flexional <i>-e</i>	*cabiu/coube	0% (0/1)	0	2

Assim como nos dados de *Mc*, comparando as taxas de uso correto e as frequências das duas formas morfolologicamente variantes de *Ni* (Tabela 46 acima), observamos que a forma “fiz”, que possui frequência de forma e de classe maiores do que as frequências de “coube”, apresenta taxa de uso correto superior a taxa de uso correto de “coube”, o que, novamente, confirma as previsões do modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002), que prevê que as frequência da forma e da classe influenciam na taxa de uso correto das formas

verbais.

Ao observarmos os dados das crianças, percebemos que 4 das 5 crianças por nós analisadas apresentaram dados que confirmam a relação entre a taxa de uso correto e a frequência de uso da classe, conforme previmos neste estudo. A alta frequência de uso de uma classe no *input* parece influenciar na aquisição das formas verbais e, conseqüentemente, no bom desempenho das crianças adquirindo PB como língua materna.

5.5 OUTRAS DISCUSSÕES

Além da questão da influência da frequência da forma e da frequência da classe na aquisição e na taxa de uso correto das formas verbais para crianças adquirindo PB, foco desta pesquisa, outros pontos são interessantes de serem observados em nosso corpus linguístico, como a homogeneidade entre as crianças em relação ao desenvolvimento do processo de aquisição e os percursos pelos quais as crianças passam. A seguir, discorreremos acerca das discussões que emergiram em nosso estudo.

Um ponto interessante para olharmos em nossos dados é o comportamento das crianças em relação às diferentes flexões de pessoa, número, tempo e modo. Santos e Scarpa (2003) registraram, como já vimos no Capítulo 2 deste trabalho, as idades em que surgiram formas diferentes (em relação ao tempo, número e pessoa) nas gravações de duas crianças. Na Tabela 47 podemos observar as idades de surgimento das formas para as nossas 5 crianças e, na sequência, a Tabela 48 adapta devidamente os dados de Santos e Scarpa (2003), já apresentados na Tabela 1 (seção 2.2, p.17) para fins de comparação entre as faixas etárias das 7 crianças.

Tabela 47 – Surgimento das Formas Flexionadas em Nossos Dados

Pessoa, número e tempo	Idade					Idade Média
	Criança Ar ⁶⁷	Criança Lu	Criança Lz	Criança Mc	Criança Ni ⁶⁸	
1ª pessoa do singular no presente	1;11	1;6	1;6	1;9	1;6	1;7
3ª pessoa do singular no pretérito perfeito	1;11	1;6	1;6	1;6	1;6	1;7
3ª pessoa do singular no presente	1;11	1;6	1;6	1;7	1;6	1;7
1ª pessoa do singular no pretérito perfeito	2;1	1;7	1;9	1;9	1;11	1;9
1ª pessoa do plural no presente	2;3	1;8	2;2	2;8	2;8	2;3
3ª pessoa do singular no presente do subjuntivo	2;4	2;7	2;0	-	-	2;3
3ª pessoa do plural no presente	2;5	2;6	2;8	2;7	1;10	2;4
1ª pessoa do singular no presente do subjuntivo	-	-	2;8	-	-	2;8
3ª pessoa do plural no pretérito perfeito	3;4	3;4	-	-	-	3;4

67 1ª gravação de *Ar* somente aos 1;11.

68 Intervalo de gravação entre 2;0 e 2;7.

Tabela 48 – Surgimento das Formas Flexionadas nas Gravações de Santos e Scarpa (2003)

Pessoa, número e tempo	Idade		
	Criança R.	Criança T.	Idade Média
3ª pessoa do singular no passado	1;5	1;5	1;5
3ª pessoa do singular no infinitivo	1;5	1;5	1;5
3ª pessoa do singular no presente	1;7	1;7	1;7
3ª pessoa do singular no imperativo	1;7	1;7	1;7
1ª pessoa do singular no presente	1;9	2;5	2;1
1ª pessoa do singular no passado	1;10	2;4	2;1
Gerúndio	1;11	2;0	1;11
1ª pessoa do plural no presente	2;6	-	2;6
3ª pessoa do plural no passado	2;8	-	2;8
1ª pessoa do plural no passado	-	2;9	2;9

Fonte: SANTOS; SCARPA, 2003, p. 251-2.

Comparando os dados por nós obtidos e os dados das duas crianças observadas por Santos e Scarpa (2003), percebemos que em ambos os casos as crianças não apresentam desempenhos homogêneos (entre si), mas sem grandes diferenças entre as idades em que as formas surgiram. Em relação às idades de surgimento das formas, nossos resultados parecem se dividir em três conjuntos de formas a serem adquiridas: o primeiro conjunto é das formas de 1ª e 3ª pessoas do singular do presente e do passado, adquiridas até por volta dos dois anos (2;1 para *Ar*) e geralmente bem cedo (média de 1;7); o segundo conjunto é formado pela 1ª e 3ª pessoas do plural do presente, adquiridas por nossas crianças até os 2;8; o terceiro conjunto é composto pelas formas do subjuntivo (1ª e 3ª pessoas do singular) e pela 3ª pessoa do plural no passado – estas formas ocorreram para uma minoria das crianças e, mesmo podendo ocorrer na fase inicial da aquisição, não são formas estáveis e recorrentes.

Observando as idades em que as regularizações foram produzidas em nossos dados, podemos perceber que o processo foi mais produtivo no período entre 2;9 e 3;4, mas o fato mais interessante é que, para quatro das cinco crianças, este tipo de ocorrência apareceu quase simultaneamente (*Mc*: 2;9.2, *Ni*: 2;9.17, *Ar*: 2;10.26 e *Lz*: 2;11.12), o que parece indicar que o surgimento de regularizações de formas verbais irregulares é, como

argumentam autores como Figueira (1996) e Santos e Scarpa (2003), decorrência do surgimento da capacidade de manipular as unidade morfológicas dos verbos (ou seja, de decompor o verbo, entender como funciona o sistema e experimentar as possibilidades de combinação da sua língua).

Observamos em nossos dados, assim como Figueira (2010) observou, que as crianças aplicaram regras da 1ª conjugação em verbos de 2ª e 3ª Conjugação, mas também aplicaram regras no sentido oposto (regras da 2ª e da 3ª Conjugação em verbos de 1ª Conjugação), indícios de que não existe, para as trocas de conjugação do PB infantil, uma regra *default* mais importante do que as demais.

Considerando no que se segue a previsão sobre o desempenho das crianças adquirindo PB em comparação com as crianças adquirindo inglês, nossa previsão foi que o desempenho das crianças adquirindo PB deveria ser melhor do que o desempenho das crianças adquirindo inglês (YANG, 2002) em relação à aquisição de verbos, já que o sistema verbal do PB é mais complexo. Como mostra o estudo de Laaha e Gillis (2007), crianças adquirindo línguas com sistemas morfológicos mais complexos desenvolvem melhor e mais rapidamente a aquisição de verbos do que crianças adquirindo línguas com sistemas morfológicos mais simples.

As taxas de uso correto (CUR) dos verbos irregulares por criança podem ser vistas na Tabela 49 abaixo, sendo que os dados das duas primeiras colunas correspondem às crianças analisadas por nós e os dados das duas últimas colunas correspondem às crianças analisadas por Yang (2002):

Tabela 49 – Taxas de Uso Correto para os Verbos Irregulares do Português e do Inglês

Criança	CUR	Criança	CUR
Ar	99,8% (2656/2660)	Adam	98,2% (2446/2491)
Lu	99,9% (1881/1883)	Eve	92,2% (285/309)
Lz	99,8% (2260/2265)	Sarah	96,5% (1717/1780)
Mc	99,7% (774/776)	Abe	76% (1786/2350)
Ni	99,6% (583/585)		
Total	99,7% (8154/8169)	Total	89,9% (6234/6930)

Ao comparar nossos dados com os dados de Yang (2002), percebemos que nossas crianças apresentaram um desempenho melhor do que as crianças analisadas pelo autor do modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002): ao passo que a taxa de uso correto dos

verbos irregulares das crianças analisadas por Yang (2002) foi de 89,9%, a taxa de uso correto dos verbos irregulares das crianças analisadas por nós foi de 99,7%. Mesmo excluindo desta comparação os dados da criança Abe, que teve um desempenho inferior às outras crianças, obtemos para o inglês uma taxa de uso correto de 97,1%, inferior à taxa de uso correto do PB.

Ao compararmos nossa taxa de uso correto dos verbos irregulares com a taxa de crianças adquirindo uma língua mais parecida com o português, o espanhol, percebemos que a diferença diminuiu, mas ainda assim as crianças adquirindo PB apresentaram um desempenho melhor – a taxa de uso correto dos verbos irregulares de um corpus com fala espontânea de 15 crianças adquirindo espanhol analisado por Clahsen, Aveledo e Roca (2002) foi de 95,3%.

Esta diferença entre as taxas de uso correto do nosso estudo e do estudo de Clahsen, Aveledo e Roca (2002) e as taxas do estudo de Yang (2002) indica que, apesar de o português e do espanhol possuírem sistemas verbais muito mais complexos do que o sistema verbal do inglês, as crianças adquirindo PB e espanhol apresentaram um desempenho melhor e parecem ter mais facilidade de manipular as regras que geram seus verbos. Este fato está de acordo com Laaha e Gillis (2007), que afirmam que quanto mais rico é o sistema verbal com relação às flexões, mais as crianças são estimuladas a desenvolver o sistema verbal e mais rápido é o seu desenvolvimento. Como podemos observar, as crianças analisadas por nós parecem ter ainda mais facilidade na aquisição de verbos do que as crianças analisadas por Clahsen, Aveledo e Roca (2002).

As diferenças que obtivemos comparando nossos dados com os de Yang (2002) parecem estar relacionadas, assim como na comparação realizada por Laaha e Gillis (2007), às diferenças na complexidade do sistema verbal do PB e do inglês.

5.6 CONCLUSÕES

Observando os padrões das formas morfologicamente variantes produzidas pelas crianças, suas taxas de uso correto e suas frequências, obtivemos indícios de que, apesar de o português brasileiro ser uma língua com um sistema verbal diferente (e muito mais complexo) do que o sistema do inglês, as previsões propostas por nós, adaptadas do

modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002), obtiveram resultados positivos em relação ao PB infantil. A alta frequência das classes, além da alta frequência das formas, parece facilitar a aquisição das formas verbais do PB e estar relacionada à taxa de uso correto para 4 das 5 crianças por nós analisadas.

Como nossos dados não foram unânimes para todas as crianças quanto aos indícios de relação direta entre a frequência da forma e a frequência da classe no *input*, acreditamos que possa existir outro fator, como por exemplo a complexidade morfofonológica das formas verbais, que influencie – diretamente ou indiretamente – na taxa de uso correto e, consequentemente, na aquisição dos verbos. A importância das frequências das formas e das classes, observadas e analisadas pelo modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002), não pode ser descartada, já que para quatro das cinco crianças (*Lu*, *Lz*, *Mc* e *Ni*), as análises propostas por *Rules and Competition* (YANG, 2002), adaptadas por nós, trouxeram resultados positivos em relação às previsões das taxas de uso correto das formas verbais.

A partir da análise das idades de surgimento das formas, percebemos que a 1ª e a 3ª pessoas do singular do presente e do passado são as primeiras a surgirem (em média aos 1;7 anos), o que indica que as crianças iniciam a flexão verbal com as formas morfológicamente menos marcadas (sufixos e irregularidades mais simples).

As taxas de uso correto dos verbos irregulares do português brasileiro e do inglês são indícios de que nossa previsão (com base em Laaha e Gillis (2007)) de que o as crianças adquirindo PB teriam melhor desempenho que das crianças adquirindo inglês (YANG, 2002) em relação à aquisição de verbos, parece estar correta.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da produção verbal das cinco crianças que analisamos, concluímos que, apesar de os erros serem foco de uma grande parte dos estudos em aquisição de linguagem – especialmente em aquisição de verbos –, as crianças apresentaram um excelente desempenho em relação à produção verbal. A taxa de uso correto total foi de 99,4%, o que quer dizer que apenas 0,6% de todos os verbos foram produzidos pelas crianças de forma inesperada (94 formas inesperadas de 16490). Quando eliminamos as trocas de pessoa, número, tempo e modo, a taxa de uso correto total sobe para 99,9%, um desempenho quase perfeito.

Como podemos observar através da comparação entre as taxas de uso correto dos verbos irregulares das crianças adquirindo português brasileiro (por nós analisadas) e das crianças adquirindo inglês (YANG, 2002), a taxa de uso correto para os verbos irregulares de nossas crianças foi 99,8%, uma taxa maior do que a taxa de uso correto das crianças adquirindo inglês, bem como as taxas de uso correto individuais do PB foram todas superiores às taxas de uso correto individuais das crianças analisadas por Yang (2002). Estes dados indicam que, assim como afirmam Laaha e Gillis (2007), a riqueza flexional no *input* parece estimular o desenvolvimento do domínio, tornando-o mais rápido e eficaz (com maior taxa de uso correto). Desta forma, as crianças adquirindo o PB parecem ter maior facilidade na aquisição dos verbos do que as crianças adquirindo uma língua com morfologia verbal menos complexa como o inglês.

Ao analisarmos as regularizações de formas verbais irregulares, concluímos que, assim como apontam os estudos em aquisição de verbos do português e de outras línguas, trata-se de um processo comum para as crianças quando analisamos línguas que possuem verbos regulares e irregulares. Todas as crianças produziram pelo menos uma ocorrência de regularização de forma verbal irregular durante as gravações por nós analisadas, sendo que duas crianças (*Lz* e *Ni*) produziram duas ocorrências cada e uma criança (*Ar*) produziu três ocorrências de regularização. Observando que as regularizações foram produzidas após um período de uso correto podemos perceber que, assim como afirmam Santos e Scarpa (2003), a ocorrência desse tipo de forma parece ser consequência do surgimento da capacidade de manipular a morfologia verbal e, conseqüentemente, de operar as regras do

sistema verbal.

Obtivemos, em nossos dados, apenas uma irregularização de forma verbal regular: **sibiu/subiu* ($Lz - 2;0.28$). A irregularização produzida por *Lz* traz indícios de que, assim como defende Yang (2002) para o inglês, tanto os verbos regulares quanto os irregulares do português são gerados da mesma forma (através de regras fonológicas, segundo Yang (2002)), já que os modelos que defendem algum tipo de memorização das formas irregulares não preveem a produção de irregularizações.

Como descrevemos na seção 5.3.3, na ocorrência em questão a criança *Lz* aplica uma alternância vocálica (/u/ → /i/) no radical da 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo “subir”. O sufixo utilizado pela criança corresponde ao sufixo regular correspondente (*iu*), mas a criança utilizou uma regra fonológica que produz irregularidade no radical de uma forma verbal que não é irregular. O verbo “subir” apresenta irregularidade em três formas verbais: “sobe” (2ª pessoa do singular do presente do indicativo), “sobe” (3ª pessoa do singular do presente do indicativo) e “sobem” (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), o que pode ter contribuído para a criança classificar a forma da 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito também como irregular. O que fica, por hora, sem explicação, é a escolha da regra fonológica aplicada pela criança, já que a alternância presente nas regras do verbo é /u/ → /o/, não /u/ → /i/, e não registramos ocorrência da alternância produzida pela criança nos verbos irregulares nos dados das crianças ou na amostra de *input*. Algumas alternâncias de radical semelhantes foram registradas nos dados da criança e na amostra de *input* (a alternância /a/ → /i/ (*fazer* → *fiz*) e a alternância /e/ → /i/ (*querer* → *quis*, *querer* → *quiser* e *ter* → *tinha*)), mas não temos evidências suficientes para fazer relações entre essas regras e a escolha da regra utilizada pela criança *Lz*.

Obtivemos seis ocorrências de troca de classe, sendo cinco em trocas de conjugações regulares e apenas uma troca de padrão irregular. Nas ocorrências de conjugações regulares observamos um fato inesperado de acordo com o conhecido pela literatura do PB: de acordo com Lorandi e Lamprecht (2008) a 1ª Conjugação (VT *a*) é a única conjugação produtiva do português e, portanto, todos os novos verbos e as generalizações devem ser baseados nos padrões (regras) da 1ª Conjugação. Nossos dados, porém, indicaram que a 2ª Conjugação foi a mais produtiva para as crianças, com 4 das 5 trocas de classes sendo de aplicação de regras da 2ª Conjugação (3 em verbos de 1ª

Conjugação e 1 em verbos de 3ª Conjugação). A quinta troca de classe foi uma ocorrência de aplicação de regra da 1ª Conjugação em um verbo de 2ª Conjugação.

Observando a frequência de uso das três conjugações regulares percebemos que a frequência das formas verbais da 2ª conjugação corresponde à maior frequência média de uso dentre os verbos regulares para todas as crianças: a frequência média (número total de ocorrências (*tokens*) dividido pelo número total de diferentes formas verbais (*types*)) da 2ª conjugação foi de 11,26, enquanto da 1ª conjugação foi 7,44 e da 3ª conjugação foi 7,1. Em nossa amostra de *input* obtivemos dados diferentes: a maior frequência média foi da 1ª Conjugação (70,5), a segunda maior foi da 2ª Conjugação (46,8) e a menor foi da 3ª Conjugação (36,1).

Com relação às frequências médias das classes regulares, a criança *Ar* seguiu o padrão que apresentamos das crianças, em que a 2ª Conjugação foi a com maior frequência média. As frequências médias de *Ar* foram as seguintes: 2ª Conjugação: 9,09 (573 *tokens* e 63 *types*); 1ª Conjugação: 8,15 (2056 *tokens* e 252 *types*); 3ª Conjugação: 7,22 (260 *tokens* e 36 *types*). Ao compararmos, porém, as frequências das classes específicas (formadas a partir das regras de formação) das formas morfológicamente variantes, percebemos que as frequências das formas esperadas foram maiores do que as frequências das regras aplicadas nas formas produzidas pelas crianças.

Como observamos nos dados de *Ar*, a frequência tanto da criança quanto na amostra de *input* foram maiores para as classes esperadas (classe correspondente à forma em questão) do que para as classes produzidas, o que descarta a influência de uma maior frequência da classe em relação às ocorrências em questão. Uma possível explicação para a predominância de aplicações de regras da 2ª Conjugação pela criança *Ar* nas trocas de classes é, portanto, a influência da maior frequência média de uso das formas verbais da 2ª Conjugação, o que é coerente com o modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002), na medida em que a alta frequência da 2ª Conjugação na produção infantil pode influenciar na probabilidade de a criança associar o verbo à classe correta.

Assim, assumimos que a probabilidade de a criança *Ar* classificar os verbos “jantar” e “matar” como verbos da 1ª Conjugação e a probabilidade de ela classificar o verbo “servir” como verbo de 3ª Conjugação foram, nas ocorrências em questão, menores do que a probabilidade de ela classificar os verbos como sendo de 2ª Conjugação e atribuímos este fato à frequência média da 2ª Conjugação, que foi maior que as demais

para a criança *Ar*. Com 80% das ocorrências de troca de classe regulares sendo a aplicação da 2ª Conjugação em outras classes, concluímos que a 1ª Conjugação não é a classe com regra *default* para o PB (pelo menos para o sistema analisado).

Temos indícios para concluir que não existe uma classe verbal *default* para o português infantil, já que, apesar de a frequência média da 2ª Conjugação ter sido maior do que as das demais para todas as crianças, estas ocorrências foram registradas em apenas uma criança. Além do que, o padrão parece mudar no decorrer do desenvolvimento da linguagem, já que os adultos apresentaram a 1ª Conjugação como a mais frequente para os verbos regulares do PB. Desta forma, todas as regras parecem ser qualitativamente semelhantes no início da aquisição e têm seus valores atualizados, através da experiência, no decorrer do percurso aquisicional.

A forma morfológicamente variante “puso”, produzida por *Ar*, apresenta a adição de um sufixo inexistente (-o) no radical irregular correto em um verbo que apresenta peculiaridades em relação à conjugação: apesar de não apresentar vogal temática “e”, o verbo pertence à 2ª Conjugação, já que “pôr” e seus compostos (*compor*, *depor*, *transpor* e outros) são os únicos verbos com a vogal temática “o” e derivam do verbo “poer” do português arcaico.

Com relação às idades de surgimentos das formas verbais (pessoa, número, tempo e modo), concluímos, a partir de nossos dados, que, apesar das diferenças de idades de aquisição das crianças, elas seguem uma ordem de surgimento que parece estar dividida em três conjuntos: 1º) 1ª e 3ª pessoas do singular do presente e do passado (pretérito perfeito e imperfeito), adquiridas até por volta dos dois anos (idade média 1;7); 2º) 1ª e 3ª pessoas do plural do presente, adquiridas por nossas crianças até os 2;8; 3º) subjuntivo (1ª e 3ª pessoas do singular) e pela 3ª pessoa do plural no passado (pretérito perfeito e imperfeito), que apareceram para algumas crianças a partir dos 2 anos, mas não foram realmente recorrentes para todas. Obtivemos também outras ocorrências, como formas verbais na 1ª pessoa do plural no passado e formas no futuro, mas que, por não serem recorrentes (ocorrerem poucas vezes e com grandes lacunas de tempo nas gravações), não podemos afirmar quando as formas são adquiridas e passam a ter estabilidade.

De modo geral, podemos concluir que as crianças começam a operar a segmentação interna das palavras – e, gradativamente, a manipular as unidades morfológicas – por volta dos 2 anos, mas o processo se torna mais produtivo por volta dos 2;9, idade em que

também começam a surgir as regularizações de formas verbais irregulares para a maioria das crianças.

Aplicando os conceitos, cálculos e previsões propostos pelo modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002), obtivemos resultados positivos em relação à influência da frequência da forma e da classe (para a criança e no *input*) na taxa de uso correto das formas verbais. Observando os dados das crianças separadamente, concluímos que a taxa de uso correto está, para quatro das cinco crianças, diretamente relacionada às frequências no *input*.

Para a criança *Ar*, como comentamos anteriormente, as ocorrências de troca de classe parecem estar ligadas à maior frequência média de uso das formas verbais da 2ª Conjugação. Já a criança *Lu* produziu apenas duas formas morfologicamente variantes (**cabew/coube* e **samos/somos*) cujas formas esperadas não foram produzidas pela criança e também não ocorreram na amostra de *input*. Os dados de *Lu* indicam, por hora, que formas verbais com baixa frequência da forma e da classe são mais suscetíveis ao erro, ou seja, as duas frequências parecem influenciar na aquisição das formas verbais, como vemos nos outros casos. Os dados da criança *Lz* apresentam indícios de relações diretas entre a taxa de uso correto da forma e as frequências da forma e da classe. De modo geral, as formas verbais com maiores frequências da classe apresentaram uma maior taxa de uso correto.

Como vimos na seção 5.4, à primeira vista não percebemos a relação direta entre as frequências e as taxas de uso correto, mas dividindo as classes verbais em três grandes grupos, determinados pela frequência da classe, concluímos que a taxa de uso correto está, de forma mais ampla, diretamente relacionada à frequência da forma e da classe no *input*, assim como prevê o modelo de Yang (2002): para o grupo com maior frequência de classe (acima de 500 ocorrências), a taxa de uso correto foi de 99,95%; para o segundo grupo (entre 100 e 500 ocorrências), a taxa de uso correto foi de 98,96%; e para o grupo com menor frequência de classe (abaixo de 100 ocorrências), a taxa de uso correto foi de 98,09%.

Assim, podemos concluir que nossos dados trazem indícios de que as previsões para a aquisição verbal do português brasileiro, feitas por nós com base nas previsões do modelo *Rules and Competition* (YANG, 2002) são confirmadas através dos dados de crianças adquirindo o sistema verbal do português brasileiro.

REFERENCIAS

ANDERSEN, E. M. L. Representações lexicais subjacentes: verbos e léxico inicial. *ReVEL*. Vol. 6, n. 11, agosto de 2008.

BEFI-LOPES, D. M.; CACERES, A. M., ARAUJO, K. *Aquisição de verbos em pré-escolares falantes do português brasileiro*. *Rev. CEFAC* [online]. Vol.9, n.4, p. 444-452, 2007.

BIDERMAN, M. T. C. *Dicionário de Frequência do Português Contemporâneo*. 1997.

_____. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do português. *Alfa*, n. 42, p. 161-181, 1998.

BYBEE, J. L. *Morphology: A study of the relation between meaning and form*. Philadelphia, PA: John Benjamins, 1995.

_____. Regular morphology and lexicon. *Language and Cognitive Processes* **10**, p. 425-55, 1995.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Processos de mudança no português do Brasil: variáveis sociais. In: CASTRO, I. & DUARTE, I. Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Vol. 1. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 87-114, 2003.

CASAGRANDE, G. P. B. *A Aquisição do Sistema Vocálico e da Harmonização Vocálica do Português Brasileiro*. 136 p. Qualificação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CHOMSKY, N. Review of Skinner. *Language*, 35. pp. 26-58, 1959.

_____. *Aspectos da teoria da sintaxe*. São Paulo: Victor Civita, 1975. 290 p.

_____. *Rules and Representations*. New York: Columbia University Press, 1980. 299 p.

_____. *Language and problems of knowledge: the managua lectures*. Cambridge: MIT, 1988. 205 p.

_____. Language and problems of knowledge. *Teorema*, 16 (2), p. 5-33, 1997.

CLAHSEN, H. Lexical entries and rules of language: a multidisciplinary study of German inflection. *Behavioral and Brain Sciences* **22**, 991-1013, 1999.

_____.; AVELEDO, F.; ROCA, I. The development of regular and irregular verb inflection in Spanish child language. *Chilg Lang* **29**, 591-622, 2002.

FIGUEIRA, R. A. O Erro como Dado de Eleição nos Estudos da Aquisição da Linguagem. In.: *O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*. CASTRO, M. F. P. (org.). Campinas: Editora da Unicamp, p. 55-86, 1996.

_____. O que a Investigação sobre o Erro na Fala da Criança Deve a Saussure. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), v. 52, p. 115-143, 2010.

GOMES, C. A. e MANOEL, C. G. Flexão de número na gramática da criança e na gramática do adulto. *Revista Veredas on line*, vol, 14, n.1, UFJF, p.122-134, 2010.

GONÇALVES, R. T. Chomsky e o aspecto criativo da linguagem. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 5, n. 8, março de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

GIERUT, J.; MORRISETTE, M. Lexical organization and phonological change in treatment. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, v. 45, 2002.

KARMILOFF-SMITH, A. From meta-processes to conscious access: Evidence from children's metalinguistic and repair data. *Cognition*, 23 p. 95-47.1986.

_____. *Beyond Modularity: a developmental perspective on cognitive science*. Cambridge (MA): MIT, 1992. 234 p.

KATO, A. M. Sujeito e Tópico: duas categorias em sintaxe? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 17, p. 109-132, 1989.

LAAHA, S., & GILLIS, S. (Eds.). Typological perspectives on the acquisition of noun and verb morphology. *Antwerp Papers in Linguistics III*. Antwerp: University of Antwerp. 2007.

LOPES, R. V.; SOUZA, T. T.; ZILLI, A. S. *Tempo e concordância e seus efeitos na aquisição do Português Brasileiro*. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 6, 2004, Florianópolis, SC. MIOTO, Carlos et. al. (Orgs.). **Anais...** Florianópolis, Celsul, p. 1-10, 2006. Disponível em <<http://celsul.org.br/Encontros/06/Coordenadas/58.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2011.

LORANDI, A. “Erros” Morfológicos na produção de verbos: evidências da gramática infantil. Trabalho de Conclusão de Curso – Unisinos, São Leopoldo, 2004.

_____. Formas Morfológicas Variantes na Gramática Infantil: Um Estudo à Luz da Teoria da Otimidade. 185 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

_____.; LAMPRECHT, R. R. Processos morfológicos na fala infantil: a percepção da gramática da língua pela criança. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 8, 2008, Porto Alegre. **Anais CELSUL**, 2008, p. 1-10. Disponível em <http://celsul.org.br/Encontros/08/processos_morfologicos_fala_infantil.pdf>. Acesso em:

07 abr. 2013.

_____. MENEZES, J. T., SILVA, I. L., SILVA, L. B. MARQUES, D. M. Consciência linguística: diferentes olhares. (2012) *Letrônica: Revista Digital do PPGL*, Vol. 5, No 3.

LUCCHESI, D. Parâmetros sociolingüísticos do português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, v. 5, p. 83-112, 2006.

MARCUS, G., PINKER, S., ULLMAN, M., HOLLANDER, M., ROSEN, J., & XU, F. (1992). *Overregularization in Language Acquisition*. Stanford, Calif.: Society for Research in Child Development.

MATTOSO CÂMARA JR, J. Mattoso. *Manual de expressão oral e escrita*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1977. 160 p.

MYERS, S. Vowel Shortening in English. *Natural Language and Linguistic Theory* 5. Paradis, Carole. p. 485-518, 1987.

ORSOLINI, M.; FANARI, R.; BOWLES, H. Acquiring regular and irregular inflection in a language with verb classes. *Language and Cognitive Processes* **13**, p. 435-64, 1998.

PINKER, S. Why the Child Helded the Baby Rabbit: A Case Study in Language Acquisition. In L. Gleitman & M. Liberman (eds.), *An Invitation to Cognitive Science: Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, p. 107-33, 1995.

_____. *Words and Rules: the ingredients of the language*. New York: Basic Books, 1999.

_____. *Do que é feito o pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. PRINCE, A. On language and connectionism: Analysis of a parallel distributed processing model of language acquisition. *Cognition* 28, p. 73-193, 1988.

PRASADA, S.; PINKER, S. Generalization of Regular and Irregular Morphological Patterns. *Language and Cognitive Process*, **8** (1), p. 1-56, 1993.

PLATÃO. *Dialogos: Menon, banquete, Fedro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1954. 280 p.

SANTOS, R. S; SCARPA, E. M. A aquisição da morfologia verbal e sua relação com o acento primário. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: PUCRS, n. 134, p. 249-260, DEZ/2003.

SOUZA, A. L. E. & CARDOSO-MARTINS, C. A Aquisição da Morfologia de Verbos Regulares no Português Brasileiro: Uma Abordagem da Linguística Cognitiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(1), p. 151-160, 2010.

YANG, C. *Knowledge and Learning in Natural Language*. Oxford University Press, 2002.

_____. *Language Acquisition*. Florence: Routledge, 2009.

APÊNDICE A

Lista 1 – Frequência da 1ª Conjugação (regular) no *input*:

(1)	Está	5986
	Olha	3562
	Pega	1080
	Dá	855
	Deixa	809
	Fala	564
	Senta	430
	Fica	360
	Acho	308
	Acabou	303
	Achei	260
	Estava	256
	Espera	251
	Ajuda	242
	Ficou	223
	Tira	219
	Conta	201
	Coloca	187
	Gosta	180
	Fecha	172
	Acha	160
	Lembra	139
	Gostou	130
	Toma	123
	Precisa	120
	Aperta	116
	Bota	108
	Achou	103

Passou	101
Chegou	98
Volta	97
Brinca	96
Vira	94
Quebrou	93
Pegou	92
Chora	89
Mostra	88
Tomou	82
Encaixa	81
Joga	79
Desenho	78
Toca	75
Desenha	72
Canta	70
Falta	67
Segura	62
Fechou	61
Botou	59
Guarda	58
Peguei	54
Falou	54
Estraga	54
Chama	54
Comprou	53
Machucou	52
Gosto	52
Tirou	49
Pula	49
Chega	48
Virou	47
Limpa	47

Acordou	47
Ganhou	46
Beija	46
Usa	44
Leva	44
Adora	43
Acaba	40
Passa	39
Ajudo	38
Começa	37
Botei	37
Monta	35
Lava	35
Brincou	35
Brinco	35
Procura	34
Falei	34
Jogou	33
Comprei	31
Carrega	31
Quebra	30
Conversa	30
Puxa	29
Colocou	28
Apaga	28
Deita	27
Continua	27
Mora	26
Pulou	25
Machuca	24
Desculpa	24
Começou	24
Amassa	24

Encaixou	23
Dei	23
Arruma	23
Acabei	23
Tirei	22
Jogo	22
Tenta	21
Solta	21
Preciso	21
Pego	21
Liga	21
Lembro	21
Entra	21
Desenhou	21
Ajude	21
Pergunta	20
Funciona	19
Compra	19
Pensou	18
Imita	18
Desenhei	18
Pisa	17
Fechei	17
Entrou	17
Encontrou	17
Deixo	17
Suja	16
Levanta	16
Dança	16
Corta	16
Voltou	15
Voa	15
Troca	15

Pintou	15
Muda	15
Estragou	15
Anda	15
Adoro	15
Trabalho	14
Sentou	14
Ligou	14
Lavou	14
Guardou	14
Desmontou	14
Arrumou	14
Gostei	13
Ganhei	13
Canto	13
Voou	12
Estavam	12
Deixou	12
Cuida	12
Ama	12
Seguro	11
Rasgou	11
Fico	11
Conto	11
Cheira	11
Cheguei	11
Chamou	11
Acredito	11
Rema	10
Pulo	10
Pensei	10
Parou	10
Frita	10

Fiquei	10
Fique	10
Chegaram	10
Balança	10
Abaixa	10
Tomei	9
Pinta	9
Para	9
Montou	9
Ficaram	9
Assopra	9
Salvou	8
Queimou	8
Mergulhou	8
Desliga	8
Deixei	8
Deixe	8
Compro	8
Apagou	8
Amo	8
Trocou	7
Sujou	7
Sento	7
Machuquei	7
Limpou	7
Gostava	7
Fecho	7
Falo	7
Estourou	7
Esquento	7
Escova	7
Empurra	7
Demora	7

Conserta	7
Coloquei	7
Amassou	7
Trabalha	6
Tomo	6
Tiro	6
Sobrou	6
Pisou	6
Perguntou	6
Pensa	6
Pegaram	6
Ligo	6
Fura	6
Enrola	6
Encontra	6
Desenhe	6
Derrubou	6
Cortou	6
Cortei	6
Conserto	6
Cansei	6
Apertou	6
Acorda	6
Rabiscou	5
Pintei	5
Misturou	5
Larga	5
Filma	5
Ficam	5
Faltou	5
Escorrega	5
Ensina	5
Chegamos	5

Brinquei	5
Virei	4
Uso	4
Usava	4
Paro	4
Molhou	4
Mandou	4
Mandei	4
Incomoda	4
Guardei	4
Ficava	4
Ensinou	4
Começo	4
Cata	4
Usei	3
Transforma	3
Terminou	3
Quebrei	3
Molha	3
Mistura	3
Limpei	3
Joguei	3
Gostam	3
Ganha	3
Funcionou	3
Experimenta	3
Encontrei	3
Contei	3
Chuta	3
Arrumo	3
Apertei	3
Andou	3
Amassei	3

Adorava	3
Volto	2
Troco	2
Puxou	2
Pinto	2
Pica	2
Pegava	2
Passeei	2
Parei	2
Mato	2
Machuco	2
Levou	2
Levo	2
Levei	2
Levanto	2
Lavei	2
Guardo	2
Dava	2
Consertei	2
Comecei	2
Chorou	2
Chamava	2
Amarra	2
Adivinha	2
Acredita	2
Toquei	1
Termina	1
Tentou	1
Soprrou	1
Sequei	1
Sarou	1
Ralei	1
Pisei	1

Passo	1
Olhe	1
Moro	1
Morava	1
Liguei	1
Lembrei	1
Juro	1
Jogue	1
Formou	1
Falam	1
Estudo	1
Estraguei	1
Esquentou	1
Espeta	1
Enxerga	1
Enfeitei	1
Cuido	1
Começaram	1
Casou	1
Brigou	1
Briga	1
Beije	1
Assoprou	1
Aperto	1
Amam	1
Alcança	1
Achamos	1
Abaixou	1

Lista 2 – Frequência da 2ª Conjugação (regular) no *input*:

(2)	Quero	716
	Pode	497
	Sabe	267
	Entendeu	230
	Come	141
	Comeu	131
	Vê	122
	Parece	102
	Será	81
	Vi	63
	Queria	61
	Sabia	56
	Bate	56
	Deve	53
	Mexe	47
	Cabe	47
	Apareceu	34
	Comi	29
	Perdeu	22
	Aparece	22
	Lê	21
	Bateu	21
	Podia	19
	Doeu	19
	Conheço	19
	Acontece	19
	Escreve	17
	Dói	17
	Como	16
	Corre	15
	Choveu	15
	Bebe	15

Morde	14
Acende	14
Morreu	13
Aprendeu	13
Esqueci	12
Desce	11
Esqueceu	10
Conhece	10
Temos	9
Nasceu	9
Escreveu	8
Desceu	7
Correu	7
Vale	5
Perde	5
Morre	5
Atendo	5
Prendeu	4
Perdi	4
Havia	4
Viveram	3
Vivia	2
Poderia	2
Esconde	2
Escolheu	2
Comia	2
Bati	2
Nasci	1
Mordeu	1
Escrevi	1
Escondi	1
Desapareceu	1
Desaparece	1

Corra	1
Arde	1
Aprendi	1

Lista 3 – Frequência da 3ª Conjugação no *input*:

(3)	Caiu	468
	Abre	221
	Consegue	119
	Abriu	87
	Tosse	67
	Conseguiu	57
	Ia	52
	Sumiu	51
	Saiu	49
	Dormiu	37
	Abri	36
	Consegui	35
	Subiu	25
	Serve	21
	Dorme	21
	Finge	20
	Ouviu	14
	Pediu	11
	Cobre	11
	Caí	9
	Ouve	8
	Existe	8
	Engoliu	8
	Subi	6
	Destruiu	6
	Pede	5
	Abro	4

Saí	3
Partiu	3
Fugiu	3
Descobri	3
Serviu	2
Fugi	2
Cuspiu	2
Saio	1
Riu	1
Dormi	1
Dirijo	1
Construiu	1
Conseguimos	1
Conseguia	1

APÊNDICE B

Tabela 50 – Número de Ocorrências das Formas Verbais Infantis

(Continua)

Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências	Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências
1	é	3262	26	chama	83
2	está	1374	27	gosto	83
3	quero	920	28	fica	79
4	vou	913	29	estava	75
5	vai	574	30	conta	62
6	tem	568	31	fecha	57
7	olha	483	32	toma	57
8	estou	403	33	consigo	56
9	vamos	244	34	quebrou	53
10	quer	215	35	come	52
11	caiu	214	36	tenho	49
12	dá	174	37	fui	47
13	deixa	162	38	abri	46
14	acabou	159	39	fala	46
15	pode	158	40	ficou	46
16	foi	148	41	viu	45
17	faz	144	42	achou	42
18	pega	123	43	bate	40
19	sou	109	44	ajuda	38
20	sei	107	45	chegou	38
21	vem	104	46	comeu	38
22	põe	103	47	espera	38
23	sabe	97	48	fez	38
24	abre	94	49	gosta	38
25	achei	89	50	acho	37

Tabela 50 – Número de Ocorrências das Formas Verbais Infantis

(Continuação)

Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências	Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências
51	senta	37	77	canta	18
52	pegou	33	78	para	18
53	cabe	32	79	bota	17
54	tira	32	80	sumiu	17
55	deu	31	81	acordou	16
56	era	31	82	comprou	16
57	peguei	31	83	dou	16
58	tinha	31	84	monta	16
59	segura	29	85	puxa	16
60	vi	28	86	serve	16
61	parece	27	87	subiu	16
62	cai	26	88	bateu	15
63	posso	26	89	liga	15
64	preciso	26	90	lembro	14
65	consegui	25	91	pulou	14
66	estão	25	92	chega	13
67	fiz	25	93	pego	13
68	pula	25	94	sabia	13
69	consegue	24	95	saiu	13
70	sai	24	96	trouxe	13
71	falou	22	97	vê	13
72	joguei	22	98	voa	13
73	abriu	21	99	adivinha	12
74	comi	21	100	anda	12
75	acabei	20	101	apaga	12
76	precisa	20	102	esqueci	12

Tabela 50 – Número de Ocorrências das Formas Verbais Infantis

(Continuação)

Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências	Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências
103	faço	12	129	brinca	8
104	molhou	12	130	conhece	8
105	passa	12	131	falta	8
106	solta	12	132	lavei	8
107	vira	12	133	matei	8
108	aperta	11	134	mordeu	8
109	escondeu	11	135	podia	8
110	fugiu	11	136	pulei	8
111	levanta	11	137	tomei	8
112	deita	10	138	acende	7
113	entrou	10	139	acorda	7
114	fechou	10	140	amassa	7
115	joga	10	141	canto	7
116	lembra	10	142	conheço	7
117	passou	10	143	desce	7
118	quebra	10	144	desenha	7
119	tirou	10	145	desenhei	7
120	acertou	9	146	entra	7
121	adoro	9	147	esconde	7
122	finge	9	148	gostei	7
123	machucou	9	149	gostou	7
124	parou	9	150	mostra	7
125	são	9	151	nasceu	7
126	sobe	9	152	tiro	7
127	virei	9	153	veio	7
128	apareceu	8	154	acha	6

Tabela 50 – Número de Ocorrências das Formas Verbais Infantis

(Continuação)

Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências	Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências
155	apertou	6	181	compra	5
156	caí	6	182	corre	5
157	cansei	6	183	cuida	5
158	cheguei	6	184	derrubei	5
159	colocou	6	185	derrubou	5
160	contei	6	186	doeu	5
161	deixo	6	187	dorme	5
162	enrola	6	188	faltou	5
163	fiquei	6	189	foge	5
164	ganhei	6	190	guarda	5
165	ia	6	191	havia	5
166	mora	6	192	lê	5
167	morde	6	193	parei	5
168	perdeu	6	194	perdi	5
169	pintei	6	195	pinta	5
170	queria	6	196	pintou	5
171	tirei	6	197	pôs	5
172	usa	6	198	pulo	5
173	voou	6	199	queimou	5
174	andou	5	200	soltou	5
175	aparece	5	201	tomou	5
176	busca	5	202	troco	5
177	chamava	5	203	vá	5
178	chegamos	5	204	abro	4
179	chora	5	205	aconteceu	4
180	coloca	5	206	chamou	4

Tabela 50 – Número de Ocorrências das Formas Verbais Infantis

(Continuação)

Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências	Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências
207	chorou	4	233	mergulhou	4
208	compro	4	234	mexe	4
209	conseguiu	4	235	molhei	4
210	corta	4	236	morreu	4
211	cuspiu	4	237	pisa	4
212	dei	4	238	pisei	4
213	deixou	4	239	poderia	4
214	descasquei	4	240	procura	4
215	desenho	4	241	pus	4
216	deve	4	242	quebrei	4
217	dormiu	4	243	saí	4
218	empurra	4	244	sujou	4
219	encontra	4	245	sumi	4
220	encontrou	4	246	toca	4
221	escutei	4	247	trabalho	4
222	estragou	4	248	virou	4
223	faça	4	249	abaixa	3
224	falei	4	250	ajude	3
225	fico	4	251	apaguei	3
226	gardei	4	252	apertei	3
227	jogou	4	253	arruma	3
228	leva	4	254	assopra	3
229	leve	4	255	chuta	3
230	levou	4	256	comia	3
231	limpou	4	257	comprei	3
232	matou	4	258	consequimos	3

Tabela 50 – Número de Ocorrências das Formas Verbais Infantis

(Continuação)

Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências	Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências
259	conserta	3	285	tomo	3
260	converso	3	286	trabalha	3
261	deixei	3	287	vão	3
262	desceu	3	288	vejo	3
263	desculpa	3	289	voava	3
264	desenhou	3	290	volta	3
265	dormi	3	291	voltou	3
266	entendeu	3	292	xingou	3
267	escondi	3	293	acaba	2
268	escreveu	3	294	achamos	2
269	esquenta	3	295	adorava	2
270	falo	3	296	ajudo	2
271	fechei	3	297	ama	2
272	filma	3	298	amo	2
273	ganhou	3	299	apagou	2
274	gostava	3	300	arrotou	2
275	guardo	3	301	arrumou	2
276	guardou	3	302	atravessou	2
277	jogo	3	303	bato	2
278	mato	3	304	bebe	2
279	nasci	3	305	bebi	2
280	peidou	3	306	botei	2
281	ponho	3	307	brigou	2
282	quiser	3	308	brinco	2
283	riscou	3	309	brinquei	2
284	terminou	3	310	cantou	2

Tabela 50 – Número de Ocorrências das Formas Verbais Infantis

(Continuação)

Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências	Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências
311	capturei	2	337	esqueceu	2
312	carrega	2	338	estavam	2
313	casou	2	339	estoura	2
314	cheira	2	340	fugi	2
315	choveu	2	341	larga	2
316	chutei	2	342	leio	2
317	chutou	2	343	levantei	2
318	coloquei	2	344	levanto	2
319	começa	2	345	ligou	2
320	começou	2	346	limpa	2
321	como	2	347	limpei	2
322	conserto	2	348	machuca	2
323	corto	2	349	machuquei	2
324	cortou	2	350	mandei	2
325	cuido	2	351	montou	2
326	derramou	2	352	mordi	2
327	descobri	2	353	morre	2
328	devo	2	354	muda	2
329	encaixa	2	355	olhe	2
330	encaixou	2	356	paro	2
331	engoli	2	357	picou	2
332	ensina	2	358	pinto	2
333	ensinou	2	359	pisou	2
334	escalou	2	360	presta	2
335	escorrega	2	361	procurou	2
336	escovei	2	362	rasgou	2

Tabela 50 – Número de Ocorrências das Formas Verbais Infantis

(Continuação)

Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências	Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências
363	ri	2	389	aperto	1
364	soprou	2	390	aprendi	1
365	têm	2	391	arrota	1
366	tenta	2	392	assustei	1
367	teve	2	393	atendo	1
368	transforma	2	394	atravessei	1
369	trocou	2	395	aumenta	1
370	uso	2	396	batia	1
371	vinha	2	397	botou	1
372	abaixou	1	398	briga	1
373	acertei	1	399	briguei	1
374	acredito	1	400	brincou	1
375	adora	1	401	buzino	1
376	afoga	1	402	caçou	1
377	afundo	1	403	capotei	1
378	agacha	1	404	capotou	1
379	aguentava	1	405	cavou	1
380	alcança	1	406	chupa	1
381	almoçou	1	407	chupei	1
382	amam	1	408	cobre	1
383	amarra	1	409	colori	1
384	amassei	1	410	comecei	1
385	amassou	1	411	começo	1
386	andam	1	412	comemos	1
387	andaram	1	413	consertei	1
388	andava	1	414	constrói	1

Tabela 50 – Número de Ocorrências das Formas Verbais Infantis

(Continuação)

Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências	Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências
415	conto	1	441	dói	1
416	contou	1	442	dormimos	1
417	conversa	1	443	encontrei	1
418	conversei	1	444	enfeitei	1
419	corra	1	445	enfiou	1
420	correu	1	446	engoliu	1
421	corro	1	447	enxerga	1
422	cortei	1	448	errou	1
423	dança	1	449	escolheu	1
424	deixe	1	450	escolho	1
425	demora	1	451	escorrego	1
426	demorou	1	452	escrevi	1
427	desaparece	1	453	escuta	1
428	desapareceu	1	454	espero	1
429	desça	1	455	espeta	1
430	descasca	1	456	esquece	1
431	desci	1	457	esquentou	1
432	desculpe	1	458	estica	1
433	desenhe	1	459	estraga	1
434	desmancha	1	460	estudo	1
435	desmontou	1	461	existe	1
436	destruiu	1	462	experimenta	1
437	detesto	1	463	falam	1
438	dirijo	1	464	falava	1
439	disse	1	465	fecho	1
440	diz	1	466	ficam	1

Tabela 50 – Número de Ocorrências das Formas Verbais Infantis

(Continuação)

Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências	Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências
467	ficava	1	493	morri	1
468	ficavam	1	494	mostrei	1
469	fique	1	495	nado	1
470	formou	1	496	nasce	1
471	frita	1	497	notei	1
472	fuma	1	498	ouve	1
473	funciona	1	499	partiu	1
474	ganha	1	500	passaram	1
475	gostam	1	501	passeei	1
476	imita	1	502	passo	1
477	incomoda	1	503	pede	1
478	jantei	1	504	pediu	1
479	jogam	1	505	pegam	1
480	lançou	1	506	pegaram	1
481	lava	1	507	pegava	1
482	lavou	1	508	pendura	1
483	leia	1	509	pensa	1
484	lembrei	1	510	pensei	1
485	liguei	1	511	pensou	1
486	machuco	1	512	pergunta	1
487	manda	1	513	perguntei	1
488	mandou	1	514	perguntou	1
489	mistura	1	515	pica	1
490	molha	1	516	pinguei	1
491	morava	1	517	plantou	1
492	moro	1	518	ponha	1

Tabela 50 – Número de Ocorrências das Formas Verbais Infantis

(Conclusão)

Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências	Ranking	Forma Verbal	Número de Ocorrências
519	prefiro	1	541	suba	1
520	promete	1	542	subi	1
521	puxamos	1	543	subo	1
522	puxei	1	544	suja	1
523	puxou	1	545	temos	1
524	queima	1	546	tentou	1
525	quis	1	547	terá	1
526	ralei	1	548	toquei	1
527	rebola	1	549	torce	1
528	rema	1	550	tranca	1
529	riu	1	551	traz	1
530	saio	1	552	usava	1
531	salvou	1	553	vale	1
532	sarou	1	554	varreu	1
533	sento	1	555	veja	1
534	sentou	1	556	vieram	1
535	será	1	557	vim	1
536	serviu	1	558	viveram	1
537	sobrou	1	559	vivia	1
538	soltei	1	560	voei	1
539	some	1	561	voltavam	1
540	sorria	1	562	volto	1